

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos

**A ESCUTA DO COLUNISMO FEMININO DE CLARICE LISPECTOR EM
MULHERES HOJE:
Uma perspectiva da Psicologia Analítica**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos

**A ESCUTA DO COLUNISMO FEMININO DE CLARICE LISPECTOR EM
MULHERES HOJE:
Uma perspectiva da Psicologia Analítica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia: Psicologia Clínica, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Líliliana Liviano Wahba

São Paulo

2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

E-mail _____

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Santos, Antonieta Campos Serra Teixeira dos
A escuta do colonismo feminino de Clarice
Lispector em mulheres hoje: uma perspectiva da
Psicologia Analítica / Antonieta Campos Serra
Teixeira dos Santos. -- São Paulo: [s.n.], 2022.
147p ; 30 cm.

Orientador: Líliliana Liviano Wahba.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Grupos Vivenciais de Leitura. 2. Clarice
Lispector. 3. Mulheres. 4. Psicologia Analítica. I.
Wahba, Líliliana Liviano. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III.
Título.

CDD

Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos

**A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje:
uma perspectiva da psicologia analítica**

Dissertação apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia: Psicologia Clínica

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Dra. Liliana Liviano Wahba – PUC-SP

Dr. Durval Luiz de Faria – PUC-SP

Dra. Jussara Maria Weigert Janowski - PUCPR

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento nº 001. Processo nº 88887.630975/2021-00.

This study was financed in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. Process no. 88887.630975/2021-00.

Às mulheres que vieram antes de mim e às que,
porventura, me sucederem.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Kátia, por ter entendido antes de mim que fui feita para o mundo; por ter me dado asas e me empurrado a voar; por ter sido porto-seguro todas as vezes que precisei voltar; e, principalmente, por me ajudar a acreditar que eu sou meu próprio farol. Todos os dias, te encontro em mim.

Ao meu avô, Edmundo, por ter ensinado a importância dos meus sonhos e de dar corpo a todos eles; e por ter me feito crer que, com mil desses no caderno, posso ser o que quiser e precisar. Aqui está a concretização de um pedaço de mim que aprendi a sonhar e realizar contigo.

À minha avó, Daisy, pelos desafios diários de ser quem eu sou e por todo o apoio em minha empreitada por viver, mesmo quando a discordância era inevitável. É bom saber que você estava ao meu lado apesar (ou por causa) de tudo.

À tia Dita, por me pensar capaz para além de minhas próprias crenças e por sempre brigar por tudo que me diz respeito; e às tias Denise e Tatiana, por terem sido chão quando havia nenhum. Cada uma, a seu modo, faz parte do caminho que me trouxe até aqui.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba, pela paciência infinita e pelos ensinamentos, que ultrapassam o campo acadêmico.

À Prof.^a Dr.^a Jussara Maria Weigert Janowski e ao Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, que aceitaram compor a banca de qualificação, pelas contribuições generosas na ocasião e por, agora, retornarem para o rito de defesa. Também à Prof.^a Dr.^a Paula Pinheiro Varela Guimaraes e ao Prof. Dr. Michel Alexandre Fillus, por se juntarem a eles neste momento de finalização.

À Prof.^a Neuzi Barbarini, por se disponibilizar à escuta e ao aconselhamento e pelo incentivo a rumar à academia quando, em mim, as dúvidas ainda eram enormes.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP que fizeram parte da minha formação. Em especial, à Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski e à Prof.^a Dr.^a Rosane Mantilla de Souza, pelos aprendizados inúmeros, fundamentais à minha formação como pesquisadora.

À Olívia, pela tarde no Café do Viajante em 2019, lendo, relendo e des-reconstruindo meu primeiro esboço de projeto de pesquisa; por todas as leituras e sugestões outras até a versão final desta dissertação; pelas conversas que me

ajudaram a passar por muitas das dificuldades da vida de pós-graduanda e que impuseram outras, necessárias também.

Às amigas e aos amigos de Curitiba, que fazem da cidade, lar, da amizade, família e da vida, leveza: Emília, Pâmela, Tina, André, Felipe T., Léo e Luiz. Aos de São Paulo, que, em meio à escrita da dissertação, ofereceram – e oferecem – semelhantes sensações em um novo e quase desconhecido lugar: Alice, Aline, Erika, Jaque, Jéssica, Ivan, Marcelo e Rodrigo. E a todas e todos outros que, perto ou longe, se fazem presentes em todos os sentidos da palavra “presente”: Letícia, Seul, Ale, Fábio e todos do Bonde, sempre lugares seguros, onde quer que eu esteja.

Aos colegas da PUC-SP e do grupo de pesquisa, que compartilharam ideias e ajudaram na concepção do trabalho. Em especial, à Ana Paula, ao Anderson, ao Diogo, à Lara e ao Pedro, pelas discussões e leituras, pelo apoio e pela amizade.

Às amigas e aos amigos do Grupo de Quarta: Anna, Nathália, Priscila, Gabriel e Gustavo, por todas as trocas riquíssimas. Sobretudo, ao professor Armando de Oliveira e Silva, por tamanha generosidade na escuta e no compartilhar a Psicologia Complexa. A ele, deixo, também, um pedido de desculpa pela escolha do termo “Psicologia Analítica” em meu texto.

A todos que compuseram comigo o grupo Psique e Política, pelas trocas de ideias e experiências sobre algo que nem sempre encontra espaço em nossa área, pela oportunidade de ter feito parte de um projeto que abre caminhos e gera mudanças e por ser um lampejo de sanidade num mundo e num momento em que tudo parece doente.

Ao Vicente, por andar ao meu lado e ser continente para os louros e para as dores de toda esta viagem.

À Luisa (e à Jéssica, à Olívia e à Tina, uma vez mais), pela participação no grupo-piloto, que tanto ajudou para que a pesquisa ganhasse seu contorno definitivo.

Às mulheres que confiaram em mim e no meu trabalho o suficiente para participarem de peito aberto dos grupos vivenciais.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

*Triste, louca ou má
Será qualificada ela
Quem recusar
Seguir receita tal*

*A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem, não sem dores
Aceita que tudo deve mudar*

*Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar*

*Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar*

*Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só*

*Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só*

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea é alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida, reinventar*

*E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar*

(Triste, Louca ou Má – Francisco, El Hombre)

RESUMO

SANTOS, A. C. S. T. **A escuta do colunismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje:** uma perspectiva da psicologia analítica. 147 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa com objetivo de analisar a compreensão por mulheres hoje das colunas femininas escritas por Clarice Lispector, mediante abordagem em grupo vivencial de leitura pelo enfoque da Psicologia Analítica. Foram realizados três encontros remotos com oito mulheres de 25 a 35 anos e, pelo menos, Ensino Médio completo, divididas em dois grupos. Cada encontro teve uma temática: (1) corpo e beleza; (2) relacionamentos amorosos e constituição familiar; e (3) trabalho. Nos encontros, uma coluna feminina era lida e as participantes discutiam sobre a temática com base no texto. Ao fim das discussões, duas atividades ocorreram: (a) elas foram questionadas sobre como se relacionavam com os temas propostos – as respostas foram escritas individualmente e compartilhadas, acolhidas e discutidas pelo grupo; (b) no último encontro, as participantes, individualmente, relataram o que consideravam símbolos do que é ser mulher hoje e, juntas, construíram uma frase representante dos símbolos escolhidos e as discussões nos encontros realizados. Os resultados de (a) foram categorizados de acordo com o tema. As categorias foram formadas a partir de cada tema central: para (1), influências externas, autoaceitação e noção de beleza; para (2), qualidade dos relacionamentos amorosos, influências familiares e autoconhecimento e autodescoberta; e, para (3), busca de realização pessoal, autoconceito, dificuldades impostas pelo meio e busca por validação externa. Os resultados de (b) foram analisados simbolicamente. As participantes mostraram-se críticas a diversos posicionamentos de Clarice, mas apontaram, também, indícios de questionamento por parte da escritora. Relataram, às vezes, comportarem-se como a mulher das colunas e enfrentarem preconceitos e violências relacionados ao machismo e à cultura patriarcal, sobretudo em relacionamentos amorosos. Os resultados ainda indicam que as leituras auxiliaram na reflexão e compartilhamento de conteúdos pessoais e que os grupos vivenciais podem proporcionar um espaço psicológico seguro para esses compartilhamentos.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, grupo vivencial, mulheres, colunas femininas, Clarice Lispector

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento nº 001. Processo nº 88887.630975/2021-00.

ABSTRACT

SANTOS, A. C. S. T. **Clarice Lispector's female columnism listened by women today**: an analytical psychology approach. 147 p. Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Advisor: Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba

This study is the result of a qualitative research that aimed to analyze the comprehension by women of nowadays of the feminine columns written by Clarice Lispector, through an approach in an experiential reading group from the perspective of Analytical Psychology. Three remote meetings were held with eight women between 25 and 35 years old, who had, at least, completed high school education, divided into two groups. Each meeting had a theme: (1) body and beauty; (2) love relationships and family formation; and (3) work. In the meetings, a woman's column was read and the participants discussed the theme based on the text. At the end of the discussions, two activities took place: (a) they were questioned about how they related to the proposed themes - the answers were written individually and shared, welcomed and discussed by the group; (b) in the last meeting, the participants, individually, reported what they considered to be symbols of what it is to be a woman today and, together, they constructed a phrase representing the chosen symbols and the discussions happened during the meetings. The results of (a) were categorized according to theme. The categories were formed from each main theme: for (1), external influences, self-acceptance, and notion of beauty; for (2), quality of love relationships, family influences, and self-knowledge and self-discovery; and, for (3), search for personal accomplishment, self-concept, difficulties imposed by the environment, and search for external validation. The results of (b) were analyzed symbolically. The participants were critical of several of Clarice's positions, but also pointed out signs of rupture by the writer. They reported, sometimes, behaving as the woman in the columns and facing prejudice and violence related to male chauvinism and the patriarchal culture, especially in romantic relationships. The results also indicate that the readings helped in the reflection and sharing of personal content and that the experiential groups can provide a safe psychological space for such sharing.

Keywords: Analytical Psychology, experiential group, women, feminine columns, Clarice Lispector

This study was financed in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. Process no. 88887.630975/2021-00.

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Análise de Conteúdo
G1	Grupo 1
G2	Grupo 2
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias e subcategorias emergentes das discussões das participantes.....	82
----------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Símbolos e frases citados em atividade do último encontro.....	111
---------------------------------------------------------------------------	-----

SUMÁRIO

PRÓLOGO	23
1 INTRODUÇÃO	25
2 LEVANTAMENTO DE ESTUDOS SOBRE O TEMA	31
2.1 Síntese das pesquisas	37
3 OBJETIVOS	39
3.1 Objetivo geral.....	39
3.2 Objetivos específicos.....	39
4 A IMPRENSA FEMININA E AS COLUNAS DE CLARICE LISPECTOR	41
4.1 O mundo da mulher e a mulher (deslocada) do mundo.....	41
4.2 Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares na imprensa carioca..	43
4.2.1 Clarice, uma conformista	43
4.2.2 Colunista ambivalente ou subversiva?.....	45
4.2.3 Clarice sob o olhar da psicologia	49
4.2.4 Breves comentários	51
4.2.5 O trickster e a mulher insubmissa	52
5 A MULHER, O FEMININO E A PSICOLOGIA ANALÍTICA	55
5.1 Era dos modelos rígidos: a mulher dos anos dourados.....	55
5.2 Era dos modelos flexíveis: a mulher contemporânea	58
5.3 A mulher, o feminino e o feminismo na teoria da psicologia analítica	61
5.3.1 Uma crítica feminista aos posicionamentos de C. G. Jung.....	61
5.3.2 Discussões de gênero sob a perspectiva da teoria da psicologia	63
analítica	63
6 MÉTODO	69
6.1 Características do estudo	69
6.2 Participantes	69
6.3 Instrumentos	70
6.3.1 Questionário Sociodemográfico e Questionário Leitor.....	70
6.3.2 Grupo vivencial de leitura	71
6.3.3 Colunas femininas de Clarice Lispector.....	72
6.3.4 Recursos digitais.....	73
6.4 Procedimentos	73
6.4.1 Local.....	73
6.4.2 Seleção das participantes	74
6.4.3 Caracterização das participantes.....	75

6.4.4	<i>Aplicação dos instrumentos</i>	76
6.4.4.1	Questionário sociodemográfico e Questionário Leitor.....	76
6.4.4.2	Grupo vivencial de leitura.....	76
6.4.5	<i>Análise das informações</i>	80
6.5	Procedimentos éticos	81
7	RESULTADOS	83
7.1	Leitura das colunas femininas	84
7.1.1	<i>Corpo e beleza</i>	85
7.1.2	<i>Relacionamentos amorosos e constituição familiar</i>	87
7.1.3	<i>Mundo do trabalho</i>	90
7.2	Corpo e beleza	93
7.2.1	<i>Influências externas</i>	93
7.2.2	<i>Autoaceitação</i>	96
7.2.3	<i>Noção de beleza</i>	97
7.3	Relacionamentos amorosos e constituição familiar	99
7.3.1	<i>Qualidade do relacionamento amoroso</i>	99
7.3.2	<i>Influências familiares</i>	102
7.3.3	<i>Autoconhecimento e autodescoberta</i>	105
7.4	Mundo do trabalho	107
7.4.1	<i>Busca de realização pessoal</i>	107
7.4.2	<i>Autoconceito</i>	108
7.4.3	<i>Dificuldades impostas pelo meio</i>	108
7.4.4	<i>Busca por validação externa</i>	111
7.5	Símbolos do que é ser mulher hoje	113
8	DISCUSSÃO	117
8.1	“A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever”	118
8.2	“Quem poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?”	120
8.3	“Bem se pode ver a diferença entre o humor masculino e feminino”	122
8.4	“Precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo?”	123
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
	REFERÊNCIAS	129
	APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico e Questionário Leitor ..	139
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	141
	ANEXO A – Transcrição da coluna “O Dever da Faceirice”, lida no 1º encontro	143

ANEXO B – Transcrição da coluna “Espírito”, lida no 2º encontro.....	145
ANEXO C – Transcrição da coluna “A Irmã de Shakespeare”, lida no 3º encontro.....	147

PRÓLOGO

fazer pesquisa [“re-procura”] com a alma em mente é estar atenta ao fato de que, em seu trabalho, a pesquisadora já está sendo reivindicada por outra história [pela história de outra], que seu trabalho já está situado dentro de um padrão maior e que, em seu trabalho, se está a serviço de algo diferente de si mesma. (ROMANYSHYN, 2021, p. 83, tradução nossa)¹

É difícil relatar como surgiu o interesse pela pesquisa descrita nas páginas que se seguem. Não tenho um caso clínico marcante que tenha levado a decidir por me aprofundar no tema, mas tive uma clínica que, durante todos os anos de sua existência, foi ocupada, de maneira quase exclusiva por mulheres. Ali, entrei em contato com muitas que sofreram violência sexual, que estiveram ou permaneciam em relacionamentos amorosos violentos, que abdicaram de suas profissões para serem mães, para serem esposas, para admirarem seus maridos, e, assim, conseguirem seguir um roteiro de vida pré-estabelecido – por elas e por outros a sua volta. Conheci, também, mulheres fortes que, apesar de tudo isso – ou exatamente por causa de tudo isso –, dispunham de forças descomuns para lutarem pelo objetivo de serem quem eram. Essas mulheres me inspiraram a ser a profissional que precisavam que eu fosse e a ser a mulher que preciso ser para mim.

Em meio aos nossos processos – nossos, sim, porque também eram meus –, a arte se mostrava meio de expressão e ressignificação de sentimentos e experiências. Por vezes, me vi impelida a assistir filmes e séries e a conhecer músicas e livros que, de outro modo, jamais me interessariam. Assim, comecei a me abrir a experiências nunca imaginadas. Observei, primeiro, as possibilidades inúmeras de reflexão e transformação a partir dos materiais artísticos comentados por elas em sessão e, com o tempo, levei um pedaço importante de mim para o trabalho clínico: apresentei a escrita como potencialidade terapêutica a muitas pacientes que, ao materializarem seus afetos no papel, deram passos importantes em suas trajetórias. A literatura passou a ser uma ponte para o trabalho clínico, mas nunca um objeto de pesquisa.

Numa tarde em que decidi acompanhar uma palestra na UFPR sobre “A Paixão Segundo G.H.”, um dos livros mais célebres de Clarice Lispector, a literatura ganhou

¹ “to do re-search with soul in mind is to be attuned to the fact that in one’s work one is already being claimed by an-other story, that one’s work is already situated within a larger pattern, and that in one’s work, one is in service to something other than oneself.” (ROMANYSHYN, 2021, p. 83)

novas possibilidades aos meus olhos. No evento, a obra foi apresentada como uma expressão do feminino, o que me frustrou bastante. Decidi que, por meio da Psicologia Analítica, eu ampliaria o simbolismo de G.H, de seu quarto de serviço e da barata que ali se escondia. Escrevi – entre outros assuntos, é verdade – sobre o feminino. E gostei de escrever sobre o feminino. Mais uma vez, fui arrastada a olhar para as experiências das mulheres e seus significados na psique. Desisti de resistir.

Quando iniciei o mestrado, tinha como objetivo pesquisar sobre a mulher nas obras claricianas. Fugia da remota possibilidade de fazer uma pesquisa de campo. Mais uma vez, fui vencida por algo maior do que minha vontade e meu ego. Imergi na dinâmica dos grupos vivenciais e me vi em busca de mulheres que quisessem, tanto quanto um Outro dentro de mim, ler e refletir sobre a escrita daquela mulher, Clarice. Encontrei-as. O trabalho nos grupos vivenciais foi pesado, intenso e profundo. As vivências compartilhadas tocaram mais do que só as participantes – e isso já seria muito. Eu, também, me vi refletindo sobre meu trabalho, minha pesquisa e minha vida.

Talvez, eu possa iniciar esta dissertação revelando que, dois anos atrás, eu não tinha razões compreensíveis para o desenvolvimento do trabalho que se desvela aqui. Hoje, porém, ele é, para mim, exatamente aquilo que Romanyszyn escreve: uma pesquisa “re-procura” por uma mulher e por um feminino, realizada com alma e guiada por si mesma – e não pela força de uma vontade completamente consciente – e que é, por isso, retrato – não fiel, mas inspirado – de viagens de vida toda, empreendidas pelas mulheres participantes e por mim mesma enquanto a pesquisadora ferida que sou.

1 INTRODUÇÃO

A atividade de Clarice Lispector como colunista feminina iniciou em 1952, quando foi convidada por Rubem Braga para escrever a coluna “Entre Mulheres” no periódico “Comício”. Na ocasião, temia que a escrita de textos com menor elaboração em relação a seus romances e contos comprometesse a imagem de ficcionista conhecida e de esposa de diplomata. Braga, então, fez nascer a colunista Tereza Quadros², pseudônimo³ assumido pela escritora entre maio e setembro daquele ano (NUNES, 2006a). Para sua atuação na pele de Tereza, Clarice chegou a criar uma identidade: “ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim”, escreveu em carta a Fernando Sabino (SABINO; LISPECTOR, 2011, p. 97).

No jornal “Correio da Manhã”, Clarice assinou como Helen Palmer, entre agosto de 1959 e fevereiro de 1961, a seção “Correio Feminino”, com patrocínio da *Pond's*, uma marca de produtos de beleza. Nesse período, os assuntos preponderantes eram a sedução e a feminilidade. Em 1960, assumiu também a coluna “Só para mulheres” no tabloide “Diário da Noite”, e, entre abril daquele ano e março de 1961, foi *ghost writer*⁴ da atriz e modelo Ilka Soares sobre assuntos semelhantes àqueles abordados no “Comício” anos antes – muitas vezes, até reciclando, de certa maneira, textos de Tereza Quadros – e sobre o fenômeno *it* e a mulher moderna (NUNES, 2006a).

A revelação, em carta ao amigo Sabino (SABINO; LISPECTOR, 2011, p. 97), “até mesmo às vezes feminista”, a respeito de Tereza Quadros é bastante relevante porque, ao que parece, ela é a colunista com ideias mais próximas às de Clarice. Seja pela inexperiência com colunas femininas ou pela liberdade que tinha na construção de suas páginas, a escritora não abria mão de opiniões controversas que a acompanhavam desde *A Época*, revista acadêmica da qual foi redatora quando estudante de Direito e onde publicou os artigos “Observações sobre o fundamento do

² De acordo com Aparecida Maria Nunes (2019a), “Comício” grafava o nome da colunista algumas vezes como Tereza, outras, Teresa. Optou-se pela grafia com “z”, uma vez que é assim que a pesquisadora se refere ao pseudônimo em seus trabalhos.

³ Embora, em sua maioria, os trabalhos consultados para a construção da presente dissertação utilizem o termo “heterônimo” para designar as colunistas de Clarice Lispector, optou-se por utilizar “pseudônimo”, tendo em vista a compreensão de que seu intuito ao assinar com outros nomes era, sobretudo, ocultar a própria identidade, não criar uma nova persona jornalista.

⁴ Utilizou-se o termo *ghost writer* de modo a explicitar a existência de uma pessoa real e conhecida do público à época por trás do nome que assinava as colunas. Feito isso, todas as outras vezes em que for citado, o termo “pseudônimos” refere-se também a Ilka Soares.

direito de punir” e “Deve a mulher trabalhar?”, já com forte viés questionador (NUNES, 2019a; 2019b).

Nessa época, a imprensa feminina estava voltada à instrução didática da mulher quanto a suas funções na sociedade e na família. Era papel dela cuidar da casa, dos filhos e do marido, ser discreta e controlada, sem se opor ou desagradar o parceiro, que deveria ter no lar um ambiente sem discussões ou problemas para que pudesse descansar de suas funções penosas de trabalhador e provedor. Ao citar e inspirar-se em Beauvoir, Mansfield, Condessa de Noialles e Virginia Woolf, o objetivo de Tereza Quadros seria romper com a ideia de um feminino relegado ao espaço doméstico. Ao trazer as próprias preocupações sobre a condição da mulher, apresenta ideias progressistas para seu tempo e propõe reflexões às leitoras acerca de suas atribuições no mundo. Isso tudo pode localizá-la como uma jornalista revolucionária (NUNES, 2006b, 2019a, 2019b).

É importante notar, porém, que sua atitude de questionamento ao *establishment* não se dá pela via da confrontação. Os excertos de Simone de Beauvoir, por exemplo, às vezes são apresentados em citações diretas, em outras, Clarice conta histórias ou discursos de autoridades científicas (psiquiatras, por exemplo) utilizando-se de informações presentes em “O Segundo Sexo” sem, no entanto, divulgar a origem. Com isso, ela estaria tentando garantir que as ideias chegassem às leitoras sem que a divulgação da fonte (uma obra feminista malvista por muitos na Europa e que viria, inclusive, a ser proibida em alguns lugares) impedisse que as mulheres olhassem para si e refletissem sobre os assuntos. Estaria, a escritora, portanto, dissimulando para atingir seus objetivos feministas, ainda que não assumidos abertamente (NUNES, 2019b).

A colunista Clarice, numa quase-brincadeira de dito e não-dito, de esconder e desvelar, tal qual o jogo de sedução esperado das mulheres, se mostra, também, debochada, irônica ou sarcástica. Esse tom seria utilizado de modo a criticar as receitas de beleza, tão propagadas pela imprensa feminina, assim como para confrontar a mulher que ultrapassava os limites da feminilidade (NUNES, 2006b). O uso da ironia como provocação do entrever é explorado por Adriana Almeida (2015) e Mariela Méndez (2017), para quem Clarice se valeria do recurso com objetivos diversos em seus escritos para mulheres e, por isso, pode-se pensar nessa utilização com intenção concorrente à do aconselhamento usual das colunas femininas. Assim,

ainda que não defendesse abertamente o questionamento das estruturas sociais – e ela mesma não o fizesse enfaticamente –, sugeria reflexão e dúvida.

A visão de Clarice foi corroborada pela produção “Helen Palmer em Correio Feminino”, do programa “Fantástico”, sob direção de Luiz Fernando Carvalho – uma minissérie em oito episódios sobre as colunas de Helen Palmer que foi ao ar em 2013. Nesses episódios, uma Helen Palmer era a narradora e suas falas, excertos das colunas escritas para o “Correio da Manhã”. A isso, se seguia uma conversa entre atrizes do folhetim sobre o tema do episódio, numa reflexão a respeito da mulher pós-moderna e de outrora.

A posição de se eximir de opiniões e contestações, ao menos explícitas, era a realidade da mulher em meados do século XX. O feminismo foi bastante estudado e divulgado. A mulher conquistou direitos e a forma como é representada não está mais amplamente atrelada à ideia de submissão, domesticidade e inferioridade em relação aos homens. Autoras como Naomi Wolff, Angela Davis, Judith Butler e, no Brasil, Lélia Gonzáles, Heloísa Buarque de Hollanda e Djamila Ribeiro são reconhecidas por suas lutas em favor do direito das mulheres. Na literatura junguiana, Susan Rowland (2002) repensa as ideias de Jung e propõe um diálogo entre a psicologia analítica e o feminismo, e, portanto, constituirá embasamento teórico para o trabalho aqui proposto.

Mirian Goldenberg (2004) relata resultados interessantes nesse sentido: em pesquisa realizada com homens e mulheres do Rio de Janeiro, quando perguntadas sobre o que invejam em outras mulheres, elas responderam, nesta ordem: a beleza, o corpo e a inteligência; os homens, por outro lado, invejam outros homens prioritariamente pela inteligência e pelo poder econômico, apenas por último pela beleza e pelo corpo.

Quando perguntadas sobre o que invejariam no gênero oposto, mulheres responderam: vantagens sociais em relação ao trabalho, divisão das tarefas domésticas, liberdades para andar por onde quiserem sem se colocar em risco e fazer o que desejarem sem serem julgados tanto quanto uma mulher seria – como terem um comportamento sexual mais livre; e vantagens relacionadas ao corpo, como “poder tirar a camisa no calor” ou “não ter seios”; o fato de não precisarem se depilar e de terem uma relação menos complicada com o próprio corpo. No lado dos homens, 40% dos pesquisados responderam não invejar nada – aqueles que responderam

invejar algo se referiram à capacidade de engravidar e dar à luz e à de não precisarem fazer a barba (GOLDENBERG, 2004).

Como é possível perceber, os estudos acerca dos direitos das mulheres e de seu lugar enquanto seres sociais, não extingue as dificuldades que cada uma pode enfrentar, tanto de maneira individual quanto como parte de um grupo que, por séculos, foi marginalizado. Muitas mulheres que, hoje, adultas, trabalham, se relacionam amorosamente e vivem em sociedade se veem inseguras, inibidas, silenciadas – pelo outro ou por si mesmas. Com isso, quem são, para si e na relação com o mundo, é deixado em segundo plano.

Faz-se necessário, portanto, pensar como as mulheres compreendem e lidam com as expectativas lançadas sobre seus comportamentos pela sociedade atual; e como se percebem – caso percebam – e se relacionam com limitações por elas enfrentadas pelo fato de serem quem são. Essas são questões que, no tempo de Clarice, já se mostravam relevantes (e com as quais a escritora se ocupava em sua relação com as leitoras dos suplementos femininos) e que, ainda hoje, permeiam a vida das mulheres.

Os textos de Clarice Lispector para colunas femininas, apesar de terem sido publicados originalmente décadas atrás, foram recentemente retomados em duas coletâneas organizadas por Aparecida Maria Nunes para o público de hoje, nos livros “Correio feminino” (2006) e “Só para mulheres” (2008). Isso, aliado ao fato de Clarice ser uma escritora de grande importância para leitoras e leitores da atualidade, faz pensar que esses são textos capazes de eliciar afetos e reflexões em mulheres de 2020 a respeito de suas próprias experiências.

A presente pesquisa teve o intuito de utilizar a literatura – especificamente as colunas femininas escritas por Clarice Lispector – como apoio para discussão em grupos vivenciais de leitura formados por mulheres sobre temas da atualidade, a partir das vivências das participantes

Segundo Jung (1922/2013a), a literatura e as outras artes atingem o que há de mais profundo nas pessoas, propiciando acesso a conteúdos psíquicos que, de outro modo, poderiam permanecer inexplorados. Ainda que se tratem de conteúdo jornalístico, é interessante refletir sobre a possibilidade de que Lispector tenha utilizado seus esforços de escrita jornalística para também ficcionalizar. A premissa é defendida por Nádia Gotlib (2017), ao demonstrar que algumas de suas colunas foram, de certa forma, reaproveitadas em obras literárias.

A pesquisa se justifica, pois, compreender as aspirações de mulheres na atualidade é importante para o estudo da cultura e dos modos de subjetivação. Como a vida das mulheres em sociedade sempre foi – e ainda é – atravessada por diversas formas de preconceitos e impedimentos, a leitura e discussão de textos de uma realidade de outro tempo pode contribuir para a compreensão das mudanças e das manutenções de padrões, muitas vezes tidos como superados. A presente dissertação quer trilhar este caminho: discutir a realidade da mulher ontem e hoje por meio do trabalho com grupos sob a perspectiva da psicologia analítica, contribuindo para a intersecção da psicologia e da literatura para apreender comportamentos e motivações desse público. Propõe-se, portanto, pesquisar como as colunas escritas por Clarice Lispector entre 1952 e 1961 e publicadas em periódicos na seção dedicada à imprensa feminina são compreendidas por mulheres de hoje.

2 LEVANTAMENTO DE ESTUDOS SOBRE O TEMA

Este trabalho tem por objetivo compreender como os textos são recebidos por mulheres hoje, em um grupo vivencial de leitura. Faz-se necessário, assim, um levantamento de estudos sobre o trabalho em grupos de leitura com o público feminino. Para isso, foram consultadas as seguintes bases de dados: SciELO, Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). As palavras buscadas foram “grupo de leitura”, “grupos de leitura”, “literatura”, “mulher”, “mulheres” e “biblioterapia”, em português e inglês. Os critérios de inclusão foram: (1) publicações entre 2016 e 2021; (2) artigos, relatos de experiência, dissertações ou teses; (3) trabalhos em português ou inglês; e (4) pesquisas que tratam da leitura e discussão de textos literários por grupos de mulheres. Não foram considerados, portanto, produções acadêmicas que não incluíssem o trabalho em grupo em, ao menos, uma das etapas do processo (leitura ou produção de dados para a análise). O critério de exclusão referiu-se a artigos repetidos.

Inicialmente, foram encontrados 75 resultados na SciELO, 932 resultados no Portal da CAPES, 49 na JSTOR, 159 na BVS, 51 na BDTD, totalizando 1266 resultados, dos quais 179 não foram incluídos, conforme critério de exclusão, restando, portanto, 1087 trabalhos. Feita a leitura de títulos e resumos, consideraram-se quatro resultados da SciELO, nove do Portal da CAPES (dos quais, três foram desconsiderados por se tratarem de repetições de resultados já contabilizados), e um da BDTD. Após a leitura dos trabalhos na íntegra, as pesquisas incluídas no presente levantamento são seis. A exclusão dos outros cinco se deu por não tratarem do tema (grupo de leitura com mulheres) como método – em sua maioria, o grupo de participantes não interagiu entre si.

Quanto à área de conhecimento em que se desenvolveram as pesquisas, tem-se: dois de Psicologia (GUIMARÃES *et al.*, 2017; ALVAREZ *et al.*, 2018), um de Medicina (MITUTI JUNIOR *et al.*, 2021), um de Biblioteconomia (MORET & SANTANA, 2019), um de Letras (SILVA, L. & FARIAS, P., 2021) e um de Direito (SANTOS, S., 2017). A exceção de um trabalho (ALVAREZ *et al.*, 2018), todos foram publicados em português. Dois trabalhos foram realizados com mulheres em privação de liberdade (ALVAREZ *et al.*, 2018; SILVA, L. & FARIAS, P., 2021), um teve como participantes mulheres vítimas de violência conjugal (GUIMARÃES *et al.*, 2017), um trabalhou com mães de pessoas com deficiência (MITUTI JUNIOR *et al.*, 2021) e um

tratou de pesquisa com intuito de desenvolvimento da noção de empoderamento e independência femininas (MORET & SANTANA, 2019).

No trabalho sobre reintegração social de mulheres em privação de liberdade em uma unidade prisional espanhola, Pilar Alvarez *et al.* (2018) usaram de uma metodologia de encontros literários dialógicos (“Dialogic Literary Gatherings”, ou DLG), que consiste no estabelecimento de um ambiente em que todas as pessoas podem se expressar livremente a respeito dos textos literários escolhidos em comum acordo entre os membros do grupo. As participantes foram oito mulheres em privação de liberdade que apresentavam problema de abuso de substâncias, com idades entre 25 e 55 anos, sem educação básica e, em sua maioria, com dificuldades para ler e escrever. Os encontros de DLG duraram um ano e a análise considerou a história de vida de cada uma; suas visões sobre os encontros; os elementos da atividade que consideraram mais relevantes; as mudanças que perceberam em si mesmas e nas outras participantes; e as expectativas que tinham para o futuro. Também foram dados de análise entrevistas em profundidade com dois moderadores dos encontros e um grupo focal comunicativo composto por seis das oito voluntárias (ALVAREZ *et al.*, 2018).

Os resultados apontam que os encontros possibilitaram o conhecimento das biografias pessoais e sociais das integrantes do grupo. A leitura e a discussão de histórias promoveram a reflexão das participantes sobre suas próprias trajetórias, valorizando a autocrítica construtiva e fomentando valores que se perderam de sua vida pregressa à prisão – isso pode promover transformações pessoais. Já a reflexão sobre a biografia coletiva é estimulada por causa do diálogo sobre as condições sociais das encarceradas. O encontro promoveria, portanto, a conscientização de como elas podem redirecionar suas trajetórias pessoais e sociais contando com suas próprias vivências e escolhas. A autoconfiança e o autoconceito também foram melhorados, em decorrência do desenvolvimento de novas competências comunicativas (seja pela ampliação de vocabulário ou pela percepção de respeito do que se tem a compartilhar) e da confiança estabelecida por meio da troca entre as participantes do grupo (ALVAREZ *et al.*, 2018).

Segundo as autoras, o desenvolvimento de habilidades e sentimentos positivos acerca de si permitiu que elas transformassem suas experiências e suas relações sociais. Um terceiro ponto foi a percepção de novos caminhos educacionais (como voltar à escola ou terminar um curso acadêmico). A pesquisa concluiu que, a partir da

leitura em grupo, as detentas puderam transformar o modo de se enxergar e, assim, alteraram também as possibilidades de vida que tinham para si mesmas após cumprirem o período em privação de liberdade (ALVAREZ *et al.*, 2018). Embora os resultados sejam importantes, os parâmetros que determinaram a melhoria na autoestima e no autoconceito são inferidos a partir de autorrelato sem ficar clara a pergunta: “sim, muito mais autoconfiante... pelo menos eu, porque antes minha voz tremia quando eu tinha que falar, sabe?” (ALVAREZ *et al.*, 2018, p. 1054, tradução nossa).

Em estudo brasileiro, também com população feminina privada de liberdade, Leonardo Silva e Priscila Farias (2021) descrevem um projeto implementado em 2019, em Santa Catarina, que consistiu na ampliação do acervo da biblioteca do presídio e de rodas de conversa para discussão a respeito de gênero, raça e etnia. Foram selecionados cinco livros de escritoras mulheres, trabalhados em 10 encontros. Cada obra foi contemplada em dois deles: o primeiro para apresentá-la e entregar os livros às participantes envolveu encenações teatrais, leitura de textos e de cartas; e o segundo, era destinado a discutir o tema do que foi lido. O objetivo da pesquisa foi compreender como o desenvolvimento da consciência crítica em mulheres em privação de liberdade é influenciado pela leitura de autoras negras. A análise das informações focou no diário reflexivo de uma das discentes extensionistas e nas respostas de seis voluntárias que participaram da execução do projeto a um questionário on-line sobre (1) a familiaridade com a obra antes do projeto; (2) a percepção de cada uma acerca das atividades desenvolvidas e os possíveis impactos nas mulheres encarceradas e (3) comentários que desejassem acrescentar livremente. Importante salientar, portanto, que, diferentemente da primeira pesquisa, essa teve como fonte dos dados a serem analisados, as facilitadoras do projeto e não as participantes dos grupos de leitura.

A experiência da discente extensionista e das voluntárias que responderam ao questionário on-line levaram às seguintes conclusões: o desenvolvimento de consciência crítica por meio do diálogo acerca das obras; a reflexão sobre privilégios e desigualdades, sobretudo em relação a raça e classe social; e à percepção de um processo ensino-aprendizagem não-hierarquizado, no qual a troca com as participantes do grupo proporcionou novas concepções de quem mediava as atividades. Em relação à recepção das participantes às atividades, as voluntárias apontaram que, no que tange as obras que retratam as realidades duras de mulheres

em situação de vulnerabilidade, as detentas demonstraram insatisfação e rememoraram as próprias histórias. Nesse caso, suas vidas também poderiam gerar reflexão sobre lugar de fala e os papéis das mediadoras. De acordo com as voluntárias, as atividades proporcionaram às participantes identificação com as narrativas. Tendo em vista que não fez parte das atividades somente a leitura, as artes em geral foram consideradas de grande importância para o processo de humanização, que considera não só o desenvolvimento de uma consciência crítica, mas o acolhimento do outro e de sua subjetividade (SILVA, L. & FARIAS, P., 2021).

Embora seja válida a abordagem da pesquisa, focada nas mediadoras e seus processos de percepção da realidade do outro, parece haver uma terceirização da vivência das mulheres em privação de liberdade ao não dar voz a seus discursos diretos, sempre interpretados à luz das falas das mediadoras. De certo modo, o lugar de privilégio se reproduz na pesquisa. Ainda que possa ter auxiliado no desenvolvimento de percepções novas acerca de si e de suas possibilidades de vida nas mulheres em questão, não as consente expressar suas transformações.

Guimarães *et al.* (2017), em trabalho com mulheres sobreviventes de relacionamentos abusivos, tiveram por objetivo aplicar a Teoria do Duplo-Vínculo ao contexto da violência conjugal por meio de uma pesquisa-intervenção de cunho qualitativo que utilizou um livro de histórias em quadrinhos (“Mas ele diz que me ama: Graphic Novel de uma relação violenta”, de Rosalind B. Penfold) como estímulo-indutor de reflexões. As participantes foram vinte mulheres em situação de violência conjugal, entre 27 e 55 anos, das quais nove estavam separadas dos agressores. Elas haviam sido encaminhadas pela justiça para atendimento e foram divididas em dois grupos; um deles com mulheres no início do processo e outro com mulheres no final do processo de atendimento. Realizaram-se dois encontros: no primeiro, foram entregues os livros e seus respectivos questionários de leitura; no segundo, os questionários preenchidos foram recolhidos e houve uma discussão em grupo sobre a obra e o questionário. Na análise, as respostas escritas tiveram maior relevância do que a discussão coletiva.

Como resultado especialmente a duas perguntas (“Qual seria o título da sua história?” e “Inspirada na sua história, complete o título do livro: Mas ele diz que me ama...”), os autores apontam que a intervenção facilitou que as participantes comessem a refletir sobre as mensagens paradoxais que recebiam de seus parceiros. Discutir sobre o amor que eles diziam sentir e a violência imputada às

mulheres auxiliou para reavaliar o valor de sobrevivência, ou de si mesma, em relação ao cônjuge. Elas passaram a considerar a impossibilidade de mudança de comportamento deles ou mesmo da relação.

Em artigo de Mituti Junior *et al.* (2021), a atividade do LabHum com mães de pessoas com deficiência é descrita. O LabHum é uma metodologia de trabalho do CeHFi-Unifesp que consiste em ciclos de leitura e debate em grupo. Cada ciclo equivale a um livro e ocorre semanalmente encontros de uma hora e meia nos quais os temas da obra escolhida são debatidos. A leitura é feita previamente, mas não é exigência para participação. Na primeira reunião, os pormenores da pesquisa são explicados e os participantes passam a relatar suas experiências pessoais de leitura da obra, principalmente os afetos e as lembranças eliciados e os questionamentos que surgiram. Segue-se a isso o “Itinerário de Discussão”, com temas elencados pelas participantes e discussões que podem se desenrolar ao longo de um número flexível de encontros. Ao final das discussões, ocorre um encontro para que as participantes narrem suas experiências no LabHum.

O trabalho com as integrantes do grupo se deu em torno da narrativa “Um Apólogo”, de Machado de Assis em dois ciclos, com dois grupos com dez mulheres cada (mães de pessoas com deficiência entre oito e 16 anos). Foram quatro encontros com cada grupo e o objetivo da atividade foi, a partir da leitura de clássicos da literatura, compreender os possíveis efeitos da discussão de temas existenciais (MITUTI JUNIOR *et al.*, 2021). Os resultados apontados pelos autores demonstram que as participantes opinaram sobre alteridade, tanto no sentido de se enxergarem, de se amarem e de se respeitarem primeiro do que se doarem ao outro, quanto no sentido de perceberem a recepção da sociedade como um todo às pessoas com deficiência. Constataram que a inclusão é maior hoje, por causa da luta de mães e de pessoas com deficiência no passado. Tais percepções, segundo os autores, só foram possíveis devido aos encontros.

O relato de experiência de Ronald Moret e Maria Valquíria Santana (2019), retrata um projeto de biblioterapia realizado no município de Teixeira de Freitas (BA), com 20 mulheres entre 16 e 77 anos, em sua maioria produtoras rurais negras, remanescentes de quilombolas. Os encontros eram quinzenais e consistiam na discussão de literatura, músicas e obras visuais como vídeos, pinturas e xilogravuras, além de outras formas de expressão que tratassem do empoderamento e da autoestima femininos, de sororidade, de iniciativa para realização e da vida da mulher

no campo. O método foi uma adaptação do Ciclo PDCA (planejar, executar, verificar e corrigir).

A aplicação do projeto fez parte da fase de execução, após identificação da problemática, definição de objetivos e escolha de materiais para aplicação. Os encontros iniciavam com uma dinâmica de grupo para relaxamento e auxílio na interação; o segundo momento era de leitura e/ou apresentação do material multimídia. Nessa etapa, as participantes eram incentivadas a inferir acerca do conteúdo e a dar significado a eles a partir das próprias vivências pessoais e de suas perspectivas de mundo.

Num primeiro momento, segundo descrevem os autores, as mulheres demonstraram timidez e receio com a atividade, mas à medida em que os encontros aconteciam, a dinâmica entre elas mudou. Isso permitiu que as participantes expressassem aquilo que perceberam acerca das leituras e as comparassem às suas vivências. Assim, foram capazes de introjetar o que vem de fora, de expressar suas emoções e de compartilhar eventos vividos. Houve fortalecimento da autoimagem e da autoestima para a constituição e expressão de sua identidade e apropriação dos próprios direitos e políticas públicas para mulheres, para comunidades rurais e grupos socioeconômicos dos quais fazem parte. Constituiu-se também uma biblioteca comunitária no espaço que, anteriormente, era uma escola abandonada pelo poder público (MORET & SANTANA, 2019).

Por fim, Saulo Santos (2017) descreve em sua dissertação o método do “Projeto Mulheres Coralinas”, implementado na cidade de Goiás e relatado no livro “Mulheres Coralinas” (CAMARGO & SIQUEIRA, 2016 *apud* SANTOS, S. 2017), que teve por objetivo estimular o desenvolvimento político, financeiro e social de mulheres, por meio de oficinas de artesanato, rodas de leitura e atividades culturais. O trabalho desenvolvido por Santos objetivou perceber a apropriação da poesia de Cora Coralina na criação do projeto e identificar seu impacto na comunidade em que foi aplicado, de modo a saber como a literatura pode causar mudanças sociais, políticas e econômicas. As participantes foram mulheres com idade a partir de 16 anos, especialmente aquelas que eram ou desejavam se tornar doceiras, quitandeiras ou artesãs.

O projeto propõe uma formação de dois anos e é dividido em dois eixos: gastronomia e artesanato. A leitura faz parte de ambos. O método utilizado foi o didático-pedagógico, com referencial de Paulo Freire. O início da oficina se dava com

um poema de Cora Coralina. Em seguida, ocorria a parte prática, de confecção de produtos. No módulo de doces e quitandas e no de bordados, os encontros eram iniciados com leituras de textos da escritora. O módulo de leitura e escrita criativa contou com leitura e discussão sobre os poemas (SANTOS, S., 2017).

Durante as atividades, foram discutidos gênero, feminismo e Direitos Humanos da Mulher; cooperativismo, empreendedorismo e negócio social; cultura e turismo; e autonomia emocional e econômica. As garis que participaram do módulo de leitura passaram a conhecer seus direitos garantidos pela Lei Maria da Penha, saúde e segurança do trabalho, além de poderem refletir sobre a invisibilidade a elas imposta e garantirem para si espaço por meio da leitura das poesias coralineanas. Com o projeto, as artesãs passaram a contar com um espaço para comercialização de seus produtos no mercado municipal da cidade, o que oportunizou a institucionalização do lugar de fala sobre suas experiências. Essa foi a concretização do caminho em direção à autonomia, permeado pela literatura, empreendido por essas mulheres. Isso tudo indica o poder de transformação social da leitura (SANTOS, S., 2017).

Embora não trate da intervenção com as mulheres, propriamente dita, a dissertação traz a reflexão acerca de um projeto que une literatura e oficinas profissionais que demonstram as possibilidades de desenvolvimento pessoal de mulheres. Ainda que não se trate exclusivamente de uma intervenção por meio da leitura, trata-se de ponto de partida e meio para discussões sobre as experiências pessoais das participantes e mudança de perspectivas, mostrando-se, portanto, como um poderoso instrumento para lidar com as subjetividades das mulheres.

2.1 Síntese das pesquisas

Em sua maioria, os trabalhos apresentam modelos em que a leitura é feita anteriormente ao encontro, o que pode inviabilizar a participação de pessoas não-alfabetizadas ou com dificuldades para ler, sobretudo se forem considerados alguns dos contextos em que as pesquisas foram realizadas (unidades prisionais e zonas rurais sem escolas próximas, por exemplo). Entende-se, porém, que nem sempre é possível fazê-la durante os encontros, tendo em vista a extensão dos textos.

Quanto aos efeitos nas participantes, percebe-se que ler e discutir obras literárias, em conjunto, pode impulsionar a percepção de si e do outro, o desenvolvimento de autoimagem e de autoestima e a ampliação das possibilidades

de existência. O número de trabalhos encontrados e a tipicidade deles (nem todos são pesquisas com metodologia de análise de dados clara, incluindo-se o relato de experiência), indica ser oportuno desenvolver mais pesquisas que contribuam para o desenvolvimento da área, especialmente com parâmetros metodológicos apurados.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar a compreensão por mulheres de hoje das colunas femininas escritas por Clarice Lispector entre 1952 e 1961 mediante uma abordagem em grupo vivencial de leitura pelo enfoque da Psicologia Analítica.

3.2 Objetivos específicos

A partir da leitura de colunas femininas escritas por Clarice Lispector:

- Averiguar o entendimento e reflexão das participantes sobre a relação da mulher com o corpo e a beleza.
- Averiguar o entendimento e reflexão das participantes a respeito de relacionamentos amorosos e constituição familiar do ponto de vista da mulher.
- Averiguar o entendimento e reflexão das participantes sobre a experiência do mundo do trabalho para a mulher.

4 A IMPRENSA FEMININA E AS COLUNAS DE CLARICE LISPECTOR

A imprensa feminina no Brasil é quase tão antiga quanto a imprensa brasileira em si. Em 1808, com a chegada da família real por aqui, finalmente, após inúmeras tentativas de estabelecimento de uma imprensa nacional e diversos atos de censura, teve início, oficialmente, a história da imprensa no país (MARTINS & LUCA, 2012). Ainda no século XIX há registros de publicações da chamada “segunda imprensa”, voltada aos interesses femininos – ou o que se supunha ser do interesse feminino: moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, contos. (BUITONI, 2009).

O jornalismo é subdividido em informativo, que trata objetivamente das notícias; interpretativo, com entrevistas, opinião de especialistas, antecedentes e consequências dos fatos; e opinativo, que abre espaço para a opinião do jornal ou do jornalista. Os tipos de jornalismo abrangem, ainda, o diversional, com palavras-cruzadas e quadrinhos, por exemplo; e o de serviço, com informações sobre roteiros de viagem, horários de eventos, entre outros. A imprensa feminina, com periodicidade, no máximo, semanal, não fazia uso do jornalismo informativo. Utilizava-se, moderadamente do interpretativo e, em grande medida, do jornalismo opinativo, diversional e de serviço. Isso faz com que apresente um teor ideológico maior do que outros tipos de publicações jornalísticas, uma vez que está distante do fato (BUITONI, 2009).

4.1 O mundo da mulher e a mulher (deslocada) do mundo

A imprensa direcionada às mulheres vem ao mundo com uma missão: perpetuar qualidades ditas femininas, como a maternidade, a beleza, a doçura. Esses, no entanto, seriam ideais que transformam a mulher em um ser quase mítico, apartada da realidade, desvinculada do contexto social em que está inserida. Dulcília Buitoni (2009) considera que ela é deslocada do mundo e passa, então, a pertencer a outra esfera da vida: o mundo da mulher, que transfigura o que é cultural, social e histórico em natural. As construções sociais que vigoram em determinada época são apresentadas como “lógicas e naturais”. A mulher como mito é aquela que corresponde ao “eterno feminino”, de determinada forma desde o princípio dos tempos.

Buitoni (2009) oferece um panorama histórico da imprensa feminina no Brasil. Na década de 1940, aquilo que se publicava no país era proveniente dos Estados Unidos, traduzido e sem adaptação. Hollywood ganhou grande relevância nos escritos para as mulheres, que tinham seus comportamentos e corpos moldados como espelhos das grandes atrizes norte-americanas. Contos, fofocas, testes e alguns anúncios direcionados às mulheres também faziam parte das revistas e suplementos femininos, que contavam com muitas ilustrações e cores. A década seguinte foi marcada por um incremento na industrialização da imprensa nacional. Nessa época, surgiram as fotonovelas e o colunismo social ganhou força, o que faz com que ídolos nacionais surjam, ainda que as estrelas de Hollywood estejam presentes nas páginas dedicadas às mulheres.

Em 1960, os anúncios voltados para as consumidoras ganharam espaço e a imprensa feminina servia a objetivos empresariais e industriais específicos. Se antes a mulher era instruída a se comportar de acordo com valores tradicionais da época, começavam a surgir alguns questionamentos e a proposição de novos padrões. Isso não significa, no entanto, que havia grande interesse em confrontar o *status quo* – pelo contrário, a imprensa se mantinha conservadora, mas, mirando as vendas, passou a difundir novos padrões. Esse é o cenário em que Clarice escreveu suas colunas entre 1952 e 1961.

É importante considerar o que Gotlib (2017) defende a respeito da produção jornalística clariciana: a possibilidade de que, enquanto produzia textos para jovens mulheres casadas ou, supostamente, em busca de um marido, ela experimentasse ficcionalizar, como no caso da receita para matar baratas, ensinada nos periódicos e reaproveitada no conto “A quinta história”⁵. A ideia de ficcionalização no jornalismo clariciano é importante, pois ao que parece, ela usava recursos literários para dissimular o real sentido do que dizia em suas colunas. Essa suposta dissimulação é tema de questionamentos sobre as reais intenções da escritora enquanto Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares.

⁵ A receita para matar baratas foi publicada em 8 de agosto de 1952, sob o título “Meio cômico, mas eficiente”, no jornal “Comício”. O texto pode ser consultado no livro “Clarice Lispector Jornalista”, de Aparecida Maria Nunes (2006a, p. 173). Uma segunda versão, alterada e intitulada “Receita de assassinato (de baratas)”, veio a público em 16 agosto de 1960 em “Diário da Noite” e compõe a coletânea “Só para mulheres”, organizada também por Nunes (LISPECTOR, 2008a, p. 95). “A Quinta História” consta no livro de contos “A Legião Estrangeira”, de Clarice Lispector, publicado pela primeira vez em 1964 e incluído na compilação “Todos os Contos”, organizada por Benjamin Moser (LISPECTOR, 2016, pp. 335-337). Em todos os textos, uma receita com açúcar, farinha e gesso é indicada para matar o inseto.

4.2 Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares na imprensa carioca

Foi consultada bibliografia que retratasse a representação da mulher nas colunas femininas de Clarice Lispector, principalmente nos jornais “Comício”, “Correio da Manhã” e “Diário da Noite”, sob os pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares. Essas produções acadêmicas apontam para três vertentes: a de um alinhamento com o *status quo*, a de uma ambivalência de opiniões e a de uma subversão dos padrões sociais estabelecidos.

O interesse no assunto é justificável quando se observa a falta de trabalhos que abordem o tema pelo enfoque da psicologia, sobretudo o da psicologia analítica, que propõe um olhar a partir de conceitos que envolvem a subjetividade em esferas psíquicas e sociais. Outro ponto importante é a falta de trabalhos que relacionem os textos escritos para os jornais, que serão citados, e sua recepção – sobretudo porque foram organizados há poucos anos para o público de hoje.

4.2.1 Clarice, uma conformista

Maria Isolina Soares (2020), ao tratar da Clarice-jornalista em suas diversas facetas, aborda brevemente seu trabalho como colunista feminina. Sob os três pseudônimos, ela se expressaria de forma simples, para que fosse facilmente compreendida em suas reproduções estereotipadas sobre casamento, por exemplo, e defenderia ser a mulher a única responsável por sustentar o interesse masculino pela esposa, mantendo-se com a aparência bem cuidada. Lispector estaria, portanto, atrelada a padrões eurocêntricos que se conformavam com a visão dos periódicos para os quais escreveu, além de garantir que os produtos dos patrocinadores fizessem sucesso entre suas leitoras.

De acordo com Renata Neiva (2015), Helen Palmer, que escrevia colunas patrocinadas por uma marca de cremes e cosméticos, a *Pond's*, adequou seus textos aos *releases* encaminhados pelo setor de propaganda da empresa apoiada nas normas sociais vigentes. Embora não citasse a marca, assunto recorrente em seus textos para o “Correio da Manhã” era a necessidade de cuidado por parte das mulheres com a beleza – tema que seria destaque nas “linhas e entrelinhas da coluna” (NEIVA, 2015, n.p.). A autora comenta que a colunista trazia uma busca por

individualidade por meio do trabalho, mas, de modo geral, aborda os textos para o periódico como se tivessem sido escritos em conformidade com o *status quo*.

Helen Palmer também é objeto de estudo de Lídia Alves (2015). A autora sugere que as colunas para o “Correio da Manhã” carregavam intenções disciplinadoras – ensinamentos para que as mulheres agissem sempre de modo a serem um objeto para o outro. Nesse sentido, ela diferencia os papéis de gênero: o homem, voltado para o externo, fora de casa; e a mulher voltada para dentro de casa e subordinada ao patriarcado. Esses papéis de gênero, determinados pela sociedade, seriam passados para a leitora como se tivessem uma base biológica, de modo a naturalizar a posição de submissão da mulher em relação ao marido.

Ao realizar uma análise lexical de textos dos três pseudônimos da Clarice-colunista, Cristina Nascimento e Maria Otília Ninin (2016) afirmam que cada uma teve sua postura: Tereza Quadros colocava-se como uma especialista que instruiria a leitora sobre algo desconhecido; Helen Palmer se apresentava em igualdade com a leitora que era, então, uma mulher esclarecida e sabia como ser boa mãe e esposa – e é, por isso, apreciada pela colunista que confirma as práticas corretas –; por último, Ilka Soares falava sobre a autovalorização da mulher e ajudava seu público na resolução de problemas do dia a dia. Seja como for, a posição das pesquisadoras é de defesa de uma Clarice que reproduzia aquilo que era comum na imprensa feminina da época, assim como o que era esperado socialmente da mulher.

Níncia Teixeira (2016) trata das colunas claricianas como se fossem possíveis ensinamentos para a felicidade feminina. O que se considerava felicidade, contudo, poderia ser compreendido, também, como infelicidade. Apesar de a autora levantar a possibilidade de Clarice trazer questionamentos sobre a possível realidade das leitoras, a conclusão a que chega é mais próxima da ideia defendida pelas autoras já citadas – Clarice reproduziria a tradição e reforçaria as expectativas sociais sobre o que é ser uma “filha de Eva”, como muitas vezes escreveu. E mais: suas palavras em “Comício”, “Correio da Manhã” e “Diário da Noite” teriam formatado escritos “úteis/(f)úteis” (TEIXEIRA, 2016, p. 122), que destoavam da complexidade e profundidade de reflexão de sua ficção.

Para Julia Vieira (2016), Clarice tinha consciência das limitações impostas às mulheres de sua época pelo simples fato de serem quem eram. Entretanto, ainda que tenha publicado algumas colunas que pareciam tentar desmascarar diferenças de tratamento e oportunidades, a escritora se mantinha em conformidade com aquilo que

era esperado de seus textos na imprensa feminina carioca: ensinar às mulheres como lidar com o lugar pertencente a elas.

Em artigo publicado durante realização de pesquisa de mestrado, Kaoana Sopelsa e José Carlos dos Santos (2015) seguem a construção de raciocínio demonstrada até o momento, defendendo que as colunas femininas de Lispector aparentavam alinhamento com as regras sociais vigentes. Em sua dissertação “A genealogia das relações de gênero no Brasil através dos discursos das colunas de Clarice Lispector em 1959 e em 1960”, Sopelsa (2017) defende que a escritora por vezes mantinha a narrativa vigente, mas também levantava questionamentos e procurava levar sua leitora à reflexão. Isso seria feito de forma ambígua, com a maior parte de seu discurso ainda em busca de manter o padrão da mulher que é mãe, esposa e do lar, uma vez que, mesmo que apresentassem algum tipo de transgressão, seus textos acabavam retornando para a validação do estereótipo da época.

Sopelsa (2017) considera que ao questionar sutilmente o que estava instituído, Clarice incitaria as leitoras a despertar dúvidas e receber o que lhes era direcionado de forma crítica, de modo a refletir sobre seus papéis sociais e escolhas. Em outro ensaio, Santos e Sopelsa (2018) retomam a ideia de uma Clarice que ensina o que era ser mulher baseada nos preceitos da época – feminina, contida e submissa. Defendem, portanto, uma percepção de ambiguidade no comportamento de Clarice, ainda que a colunista feminina tradicional prevaleça.

4.2.2 Colunista ambivalente ou subversiva?

Yvonélio Ferreira e Marília Crozara (2020) caminham na mesma direção de um comportamento ambíguo por parte da escritora, ao tratarem das colunas pertencentes à seção “Aulas de Sedução” de “Correio Feminino”⁶. No entanto, os autores apontam que seus passos parecem estar além da inconformidade. Identifica-se uma Clarice que direcionava o comportamento feminino para o esclarecimento e a emancipação, já anunciada à época. Todavia, a colunista tinha como leitoras mulheres de famílias de classe média e alta, conservadoras e patriarcais, ainda apegadas à ideia de um feminino aliado à vida doméstica, ao cuidado com a beleza e à conquista de um bom

⁶ “Correio Feminino”, publicado em 2006, é uma coletânea organizada por Aparecida Maria Nunes com textos publicados por Clarice Lispector sob os pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares nos jornais “Comício”, “Correio da Manhã” e “Diário da Noite”, respectivamente.

partido para terem uma família. Dessa forma, o discurso de suas colunas permeava os dois universos – ora incitando a autonomia, ora reforçando a imagem de mulher atraente.

A maternidade para Clarice Lispector, tratada por Alejandra Josiowicz (2019, 2020) também teria esse caráter ambíguo, embora a transgressão fosse um traço de Lispector quando tratava do assunto. Em seu artigo, a autora apresenta uma Clarice preocupada com o desenvolvimento dos filhos e atenta às transformações em relação ao trato com as crianças. Mais do que isso, traz a ideia de que, nesses textos, a colunista manteria, em grande parte, as hierarquias familiares e de gênero, mas romperia com as expectativas ao apresentar a infância como um território a ser explorado pela mãe, que ali encontrava dificuldades e estranhezas, evidenciando que esse é um papel que tem seus percalços. A escritora ainda defenderia o contrário da ideia de uma mãe tradicional com atitudes autoritárias, mas moderna, que conversa com os filhos e busca compreendê-los, que os enxerga como “seres espontâneos, escritores potenciais, com capacidade criativa própria” (JOSIOWICZ, 2019, p. 155).

Divergindo do postulado anterior, Almeida (2015) afirma que, quando o assunto era maternidade, Clarice não contestava a função da mulher, fosse pelo uso da ironia ou de outro recurso. Essa constatação, no entanto, pode ser confrontada. Ainda que em suas colunas não tenha escrito com intuito de abster a mulher do papel de mãe, usou seu espaço nos jornais para promover a reflexão sobre a maternidade ser ou não um desejo e um objetivo para todas por meio de reprodução de um texto da escritora Katherine Mansfield, o qual retrata uma mulher que se sente perdida de si após todos os partos e diz não amar os filhos (SANDRONI, 2019a). De todo modo, é notável que Clarice não se opunha ao tradicional com veemência, mas apresentava outras formas de ser mulher que não só aquela do ambiente doméstico.

Tânia Sandroni (2018a, 2018b, 2019a, 2019b) defende que Tereza Quadros, nas colunas do “Comício”, questionava e subvertia o discurso desse tipo de texto veiculado para as mulheres da época. No entanto, quando assinava como Helen Palmer e Ilka Soares, Clarice se apresentaria em maior conformidade com as instituições sociais. Isso porque, no primeiro caso, a escritora construía suas páginas femininas mais livremente, desvelando em suas linhas a influência que sofreu a partir da leitura de “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir. Assim, ao mesmo tempo em que compartilhava receitas e dicas domésticas próprias de qualquer coluna feminina,

apresentava materiais autorais, como crônicas, e citações a outras autoras, de modo a propor questionamentos sobre o papel social da mulher.

A pesquisadora identifica ainda que Beauvoir não era a única presença feminista ao longo das publicações de Tereza Quadros. Clarice utilizou-se de outras autoras para fortalecer seu discurso subversivo: Virginia Woolf e seu ensaio “Um teto todo seu”, no qual a britânica defende que, para escrever, uma mulher precisa ter as condições financeiras e independência; E. Barlow, que refletiu sobre a ideia de que, ao passo que homens possuíam todos os meios para se concentrarem em seus trabalhos, elas lidavam com interrupções recorrentes por conta dos afazeres rotineiros, além da já citada Katherine Mansfield, escritora apreciada por Clarice que questionava o talento natural para a maternidade atrelado à figura da mulher. De acordo com Nunes (2019b), essa utilização do discurso alheio seria a externalização de um discurso interno sem, no entanto, utilizar um tom de denúncia.

A suposta reprodução de estereótipos é compreendida de forma ligeiramente diversa por Bueno e Santana (2017). Em um ensaio comparativo entre Clarice e Virginia Woolf, defendem uma Clarice feminista que, em suas colunas demonstrava o que já ensaiava desde a universidade: um questionamento às estruturas sociais pré-definidas e um caminho de estudo, trabalho e autonomia para a mulher. Segundo os autores, ainda, aquilo que poderia ser visto como conformismo – a defesa de uma feminilidade, do papel de mãe e esposa e dos cuidados com a beleza e a casa – seriam o modo da escritora expressar que, ainda que as mulheres buscassem um novo lugar no mundo, não deveriam se igualar aos homens. Trata-se de um movimento de valorização das diferentes características femininas. Esse é um posicionamento questionável, já que a visão de que as mulheres diferem dos homens porque é mãe, cuida da casa e da aparência é uma construção social (BEAUVOIR, 2019; YOUNG-EISENDRATH, 1997; SCHAUVERIEN, 2019).

Já a ironia é medula espinhal dos textos da Clarice-colunista, de acordo com Almeida (2015). Em sua tese “Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector”, o objetivo é mostrar que há transgressão nas colunas claricianas, atrelada àquele recurso linguístico. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que falava de cuidados com a aparência, a ironia surgia como desconexão entre o escrito e o discurso hegemônico. Essa atitude quebraria as expectativas da leitora, pautada em uma moral já consolidada. A desconstrução das regras familiares provocaria uma

desestabilização no que se refere ao seu lugar e aos seus desejos, apresentando uma nova maneira de pensar seu ser no mundo.

Exemplo do uso da ironia segundo a autora é um excerto da coluna “O Dever da Faceirice”, em que Helen Palmer escreve “[...] A mulher que ama a um deles [homens] tem de fazer de tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas o que há de se fazer?” (LISPECTOR, 2006, p. 15). No texto, primeiramente, Clarice estabelece uma relação de proximidade com sua leitora ao chama-la de amiga; com a relação estabelecida, compartilha com a dona de casa que viver em função do marido confere um lugar menor do que ela é capaz de ocupar, uma vez que é “cansativo e tolo”; por último, ao questionar o que pode ser feito, à primeira vista, a colunista mostra-se conformada, mas, ao interrogar seu público, estaria sugerindo que as mulheres não se acomodem, que se perguntem se, afinal, haveria o que fazer para que a situação fosse outra.

Sopelsa (2018) também identifica o uso da ironia como *modus operandi* para a subversão de Clarice Lispector. A pesquisadora exemplifica um excerto da coluna “Espírito”, na qual conta a história de uma mulher que é obrigada pelo marido a comer o ovo todas as vezes em que o quebrava. Para ele, era engraçado; para a mulher, a graça deixou de existir em algum momento da vida conjugal. Essa seria uma forma de denunciar os abusos masculinos – as relações agressivas que se estabeleciam dentro dos lares –, sem, no entanto, fazer um grande alarde, que poderia ser censurado. Com esse e outros exemplos, o que Sopelsa defende é que Clarice estaria recorrentemente inserindo ideias feministas e progressistas para seu tempo, o que faria dela contrária ao conformismo das ideias tradicionais e retrógradas.

Daniela Ferreira (2015) atribui também aos textos claricianos a utilização de ironia, metáforas e anáforas à aparente abordagem superficial de temas também superficiais. Em sua dissertação “Clarice Lispector e o universo das crônicas: linguagem e versão do olhar feminino”, a mesma autora (SILVA, 2017) traz, igualmente, essa perspectiva. No entanto, os recursos estilísticos, para essa pesquisadora, estariam também incumbidos de provocar a reflexão das mulheres leitoras a respeito de uma revolução interna de modo a se descobrirem em seu real valor e significado. Por fim, essa linha de ironia e parodismo é tomada por Méndez (2017), dessa vez a respeito das colunas de Palmer e Soares.

As autoras defendem, portanto, que Lispector tinha uma intenção concorrente ao usual aconselhamento das colunas femininas, como quando oferecia dicas e receitas de eficiência, no mínimo, questionável. Clarice estaria, com isso, dizendo às mulheres para não confiarem cegamente em tudo o que liam. A escritora-jornalista não questionava abertamente as estruturas sociais, mas, a todo momento, estaria refletindo e ajudando a leitora a exercer tal reflexão e duvidar do que lhe era dado ou imposto.

De acordo com Cirlei Vieira (2015), Clarice reproduzia os estereótipos sociais de postura das mulheres. Ensinava como se posicionar para não ofuscar o brilho e as necessidades masculinas e a se preocupar em ser motivo de orgulho, sobretudo por sua beleza e cuidados estéticos, de algum homem – marido ou chefe, não importava. Por outro lado, ela também teria, em suas colunas, um caráter contrário à toda lógica vigente – e não só a respeito de feminilidade e beleza. Clarice usaria de seu espaço nos periódicos cariocas entre 1952 e 1961 para incitar as leitoras a se desenvolverem como seres pensantes e críticos em relação às questões sociais do Brasil da época.

Esse posicionamento, no entanto, exige que a leitora tenha capacidade interpretativa, já que, por vezes, sua ironia é sutil (ALMEIDA, 2015; MÉNDEZ, 2017). Entretanto, uma vez postas no mundo, suas colunas apresentam posicionamento de potencial político, uma vez que, com esses textos, Lispector tem como intuito incitar o pensamento de quem a lê (MÉNDEZ, 2017). Assim, ela questiona o estado da sociedade, os papéis de gênero e, quem sabe, numa leitura pós-moderna, a sexualidade.

4.2.3 Clarice sob o olhar da psicologia

Com uma leitura subjetiva, que não chega a ser psicológica, mas observa nas colunas de Clarice Lispector um passeio pelo desconhecido já muito abordado a respeito de sua obra literária, Juliana Oliveira (2016), assim como autoras já citadas, vê um feminismo que se revela em Tereza Quadros ao recorrer a Beauvoir, por exemplo. No entanto, a ideia vai além, ao pensar as colunistas de Clarice enquanto guias para suas leitoras aos recôncavos de seus seres, em busca de uma verdade interna que, menos didática e mais psíquica ou emocional, levaria as mulheres a um sentido de si mesmas, uma verdadeira existência (PEREZ & SIQUEIRA, 2015a, 2015b; OLIVEIRA 2016). A abordagem subjetiva, no entanto, é rara entre as

pesquisas encontradas. De modo geral, se sobressai a procura por dissimulação ou ironia a partir da perspectiva do campo da literatura e da linguística, ainda que esse não desconsidere a subjetividade e a necessidade de construção de uma identidade pela mulher.

Mirian Maranhão e Mirtes Torres (2016) analisam algumas das colunas de Clarice por meio do olhar da psicanálise – mais precisamente baseadas no conceito de “máscara”, de Rivière. As autoras constroem uma ideia de que as colunas da escritora apresentariam conselhos e receitas para a construção da identidade feminina. A ideia de máscara seria a de que a mulher encontra na beleza, no autocuidado e no lugar de esposa e mãe uma defesa para que não sofra retaliações. A sedução serviria como uma arma da mulher, o que a colocaria em pé de igualdade com o homem no que se refere a possuir uma identidade. Ao conquista-lo, ao que parece, a mulher estaria dominando-o, sendo ativa. Ao ser detentora da casa e dos filhos, ela teria um papel de destaque. A pretensa submissão seria, portanto, uma posição criativa que provê um senso de identidade, de existência.

As autoras ainda traçam um paralelo com a atualidade, ao demonstrarem que a tríade se mantém: beleza-juventude-magreza. As mulheres ainda buscam um lugar por meio de seus corpos, de sua aparência e de sua capacidade de sedução. No entanto, o que se vê hoje com as blogueiras de moda, por exemplo, é que não buscam referências externas, mas se tornam, elas mesmas, as referências, compartilham suas impressões e experiências e fazem daquilo que antes era privado, “público e publicável” (MARANHÃO & TORRES, 2016, p. 149).

Méndez (2017) ainda traz uma contribuição relevante para a atualidade. As colunas femininas nos moldes do que Clarice fazia na metade do século XX não são mais a regra, porém, os textos jornalísticos sobre moda e beleza para mulheres não deixaram de existir. Marjorie Garber, professora de Literatura em Harvard e estudiosa da sexualidade, décadas depois de Clarice, em um cenário mais aberto às ideias feministas, também se posicionou contra as imposições aos corpos e personalidades femininos ao tratar de revistas como a *Cosmopolitan*, que impõem às mulheres que se travistam de “mulheres” (as aspas são da autora), de acordo com parâmetros estabelecidos externamente e não de acordo com quem realmente são. Tal crítica denota que regras impostas para elas em forma de conselhos ainda são uma realidade que precisa ser debatida.

4.2.4 Breves comentários

Embora haja discordância entre os autores a respeito do posicionamento de Clarice Lispector é relevante uma observação de Josiowicz (2019): há uma entrevista⁷ em que Clarice elegeu a maternidade como a função mais importante, caso tivesse que optar entre a Literatura e ser mãe. Embora, num primeiro momento, soe como a validação da mulher estereotipada, seu discurso pode ser compreendido também como um desafio ao espaço existente para as mulheres no meio literário e intelectual. Ao apresentar-se como escritora e jornalista profissional – ainda que tenha dito publicamente não o ser⁸ –, Lispector rompeu com o tradicionalismo e é, ela mesma, exemplo daquilo que parece defender: uma multiplicidade de lugares em que a mulher pode existir por si mesma, sem que haja necessidade de corresponder a personas que não lhe fazem sentido.

É importante dizer que as pesquisas aqui expostas se encontram, quase que exclusivamente, nos campos de Letras e de Comunicação – há apenas um trabalho que relaciona o tema com conceitos da psicanálise. O que se percebe são dois pontos, portanto: primeiro, as colunas femininas escritas por Lispector ainda carregam muitas dúvidas e desencontros quanto à interpretação sem um consenso a respeito das intenções da escritora ao dialogar com mulheres por meio dos jornais; segundo, como já apontado, a falta de trabalhos na área da psicologia.

Ao que tudo indica, a discrepância interpretativa das colunas de Clarice nos trabalhos aqui citados pode estar relacionada aos pseudônimos analisados ou mesmo ao corpus dos textos considerados nas pesquisas. É provável que a ironia esteja presente na escrita clariciana sem, no entanto, encontrá-la em todas as colunas. Há de se pensar se lhes escapa a qualidade subversiva de Clarice que, aparentemente amoldada e comportada como se esperaria dela, faz uso de uma subversão indireta que, se não foi notada pelos críticos, tampouco seria notada pelos jornais que a contrataram. Faz-se necessário, no entanto, compreender qual seria a perspectiva da

⁷ Última entrevista da escritora, concedida ao jornalista Julio Lerner no programa “Panorama”, em 1 de fevereiro de 1977, meses antes de falecer.

⁸ Na mesma entrevista a Lerner, Clarice Lispector declarou: “[e]u nunca assumi [ser escritora], eu só escrevo quando quero”. Sobre os trabalhos como jornalista, se opôs diversas vezes a assinar seus textos e não se considerava adequada para o trabalho, conforme demonstrava em cartas a Fernando Sabino (SABINO; LISPECTOR, 2011). Contudo, seus escritos literários e jornalísticos eram fonte de renda, sobretudo após seu divórcio, configurando, assim, profissão.

leitora comum, ou seja, aquela que não tem um olhar apurado pela análise do discurso quando entra em contato com os textos referidos.

4.2.5 O *trickster* e a mulher insubmissa

Jung (1954/2014a) escreve que o *trickster* é astuto e travesso. Com brincadeiras divertidas ou malignas, é mutável (com uma dupla natureza animal/divina, transita, também, entre os gêneros), aproxima-se da figura do salvador e detém uma natureza criadora originária ligada à sua capacidade de mutação. Essa natureza criadora, no entanto, não deve ser entendida somente no sentido de o *trickster* criar algo novo na cultura, defende Ricki Tannen (2007), mas como se também tivesse a função de reorganizar a ordem existente para que não houvesse polarização de qualquer espécie. A energia *trickster* traz, a partir do inconsciente, possibilidades transformativas à consciência, promovendo maior equilíbrio entre os dois. Importante notar que, embora apresente uma capacidade de mutação entre os gêneros, é comum ser compreendido como uma figura masculina. Tannen (2007) traz à luz a ideia do *trickster* feminino, considerando que a mulher *trickster* utiliza-se do humor para transgredir a ordem e quebrar tabus, mesmo que, ainda hoje, muitas interdições permaneçam.

De acordo com a autora, esse humor, que pode se dar via arte, auxilia no processo de individuação, possibilitando que as mulheres atuem de modo a não se submeterem ao tradicionalmente imposto. Aqui, as características da *trickster* coincidem com o que Clarice Lispector aparentava fazer. Suas colunas não eram propriamente arte – embora, segundo Gotlib (2017), fossem espécies de ensaios para sua ficção –, mas poderiam funcionar como essa rede ou comunidade que aproxima mulheres. Isso porque as colunas têm como características uma linguagem informal e uma relação quase de amizade entre jornalista e leitora, que contribuem para que a sensação de identificação se estabeleça. Assim, os conselhos ganham mais força e a colunista passa a ser mais influente nos comportamentos de quem a lê. Nesse sentido, quando Clarice germina questionamentos, suas leitoras podem, mais facilmente, aceitá-los e tomá-los para si, tornando, elas também, potenciais *tricksters*, agentes de transformação de si e da sociedade em que vivem.

Embora, atualmente, ao humor feminino, sejam permitidos temas tabus, como sexualidade, outrora não era assim. Por muito tempo, ainda que numa tentativa de

subversão, as mulheres usavam o humor sem, no entanto, questionar abertamente ideias como a pretensa necessidade de se ter um marido para o desenvolvimento de suas vidas. Nesse sentido, cabe pensar numa Clarice-colunista que atuou como *trickster* diante de uma sociedade que desvalorizava a mulher em relação ao homem. A escritora não teria contestado assuntos como a maternidade, a disposição para o casamento e a necessidade de investir nos cuidados com a aparência. Mesmo assim, dado o momento de suas intervenções, a visão de que ela teve uma atuação como *trickster* parece fazer sentido.

Como se espera de tal figura, que ora apresenta um aspecto positivo, ora um negativo, que age para o bem e depois para o mal, a partir do que se entende como norma, Clarice transita entre uma ideia e outra ao longo de seus textos. Não defende a abdicação da maternidade, mas compartilha um texto de Mansfield sobre a perda da personalidade em meio a partos e filhos; defende os cuidados com a beleza, mas, diversas vezes, deixa nítida uma visão de que, mais importante que ser bonita aos olhos alheios, é saber conversar sobre diversos assuntos e ser inteligente; escreve, recorrentemente, sobre a vida de casada e a busca por um marido, mas traz, também, às leitoras, colunas que defendem não residir em qualquer tipo de casamento a felicidade da mulher. Ela pode, então, se sentir melhor sozinha do que com um mau companheiro

Ainda sobre o *trickster*, ele está intimamente conectado ao humor e, nesse aspecto, as mulheres almejam jogar luz a questões que consideram importantes, como a posição de destaque concedida aos homens em uma estrutura social que as marginaliza. O uso desse recurso se dá por causa da condição de gênero: uma mulher que confronta a ordem social é vista e julgada como problemática. Por isso, a piada e a comédia surgem como meio para questionar o patriarcado e para transformar a ordem de forma indireta. Isso se dá não por uma ausência de raiva ou revolta, mas porque essas últimas são canalizadas para adaptação ao que se faz necessário para que seus atos surtam efeito – a manipulação da linguagem, por meio de recursos que subvertam o discurso. Com isso, o humor feminino acaba por adentrar esferas em que o confronto não seria aceito. Assim, ele atua nas reentrâncias estruturais do *status quo*.

Embora não faça uso propriamente do humor e da comicidade, Clarice parece ter usado a ironia como recurso linguístico para subverter a lógica vigente sem, no entanto, confrontá-la. Com isso, ela realizou o que se espera da *trickster*: auxiliar

outras mulheres a se darem conta de suas críticas, para que possam, também, zombar dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos a elas, uma vez que essas atitudes auxiliam na construção de uma espécie de rede em que todas fazem parte e se relacionam com os conteúdos tratados.

O humor que brinca com o outro e consigo mesma está conectado com a recusa em ser a vítima, característica, sobretudo, da *trickster* pós-moderna. Essa recusa, por sua vez, também está ligada à ideia de individuação, já que se trata da desidentificação com um lugar de submissão e apropriação de uma identidade responsável por si mesma no processo de transformação. Segundo a autora, a atitude serve para ressignificar traumas individuais ou sociais e não diz respeito a fazer piadas com as dores em si, mas com as situações nas quais se está envolvida.

Cabe dizer, no entanto, que ser responsável pelos próprios processos e sair da posição de vítima não significa culpar a si mesma por dores inferidas por outros e por preconceitos estruturais que levam a diversas agressões sofridas. Trata-se de trabalhar ativamente para que as vivências impostas pelo mundo externo que levam à desmotivação ou destruição da atividade de mulheres que se negam ocupar apenas os papéis tradicionalmente atribuídos a elas, possam ser compreendidas, conscientizadas e transformadas, de modo a permitir que elas se desenvolvam em seu potencial mais pleno enquanto indivíduos.

5 A MULHER, O FEMININO E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

No presente trabalho, optou-se por ter como referência a respeito da construção de um ideal de mulher e de feminilidade ao longo da história brasileira a autora Carla B. Pinsky. A estudiosa da história das mulheres no Brasil separa o que se entende por ideal de mulher em dois momentos: a era dos modelos rígidos, do início do século XX até o começo dos anos 1960, em que estereótipos de feminilidade são construídos e consolidados, e um segundo, a era dos modelos flexíveis, a partir dos anos 1960, em que os ideais tradicionais passam a ser questionados e novas formas de pensar e viver a feminilidade ou o que seriam atributos das mulheres começam a surgir. É importante ter em mente que, embora fale-se em modelos, em todas as épocas, existiram mulheres que não se deixaram encaixar naquilo que era esperado delas (PINSKY, 2012a; 2012b).

5.1 Era dos modelos rígidos: a mulher dos anos dourados

Na primeira metade do século XX, a autora (2012a) defende que se entendia que a elas pertenciam características como o instinto maternal, a fragilidade e a dependência e, assim, possuiriam um dom natural para o casamento e a maternidade. A eles, cabia tudo o que os conectasse à força, à racionalidade e à coragem. A partir disso, Pinsky (2018), traça um panorama do que era a realidade da mulher nos Anos Dourados, período entre 1945 e 1964, (sobretudo os anos 1950). Nessa época, o Brasil passava por um crescimento urbano e industrial que alçou a classe média a uma posição de maior poder aquisitivo e relevância social, transformando-a em potencial consumidora da grande diversidade de produtos ofertados pelo segundo setor. Nesse contexto, brasileiros de ambos os gêneros passaram a acessar mais informações e a ter direito a melhores níveis educacionais. Faria sentido, portanto, que as mulheres ganhassem liberdade para se desenvolverem em iguais condições em relação aos homens, mas não foi o que ocorreu, conforme demonstra a autora.

Segundo a historiadora, ainda que, com a 2ª Guerra Mundial, por falta de homens para ocupar os postos de trabalho, as mulheres tenham se lançado ao mercado, após o período bélico, as expectativas eram de restauração dos valores tradicionais, com retorno delas para o ambiente doméstico. Fazia parte do ideal de feminilidade – ao qual todas eram submetidas, se não quisessem ser malvistas pela

sociedade – o desejo pelo casamento e por ter filhos, a pureza, a resignação e a submissão aos mandos e desmandos do homem, marido e provedor. Uma visão que, embora dependente de construção social, foi tomada como da natureza feminina, sem a qual mulher alguma poderia ser feliz.

A imagem de “boa moça” era importante, pois a opinião da sociedade era de extrema relevância para o futuro das meninas e mulheres. Uma mulher que não fosse “escolhida” por um homem para o matrimônio, falhava em sua essência. E o problema não era somente lidar com a solidão, mas com as demandas da vida prática – o próprio sustento, por exemplo. É verdade que muitas transgrediam às regras: fumavam, liam literaturas proibidas e até abriam mão da virgindade antes do casamento. A elas, no entanto, restavam dois caminhos: fazer tudo isso às escondidas e manter as aparências ou se tornarem maus exemplos, sendo excluídas dos círculos sociais, se vendo obrigadas a abdicar de uma vida conjugal.

Importante salientar que os pais já não tinham o mesmo controle que costumavam ter sobre as filhas. O discurso vigente era de que a mulher deveria exercitar o autocontrole, ou seja, deveria “dar-se ao respeito”. Aos homens, cabiam as escapadas extraconjugais, as relações frívolas antes do casamento e a saciação dos desejos indiscriminadamente – atitudes comuns à “natureza masculina” e, muitas vezes, incentivadas como “válvulas de escape” para que fosse mantida a dignidade de sua noiva ou esposa e mãe de seus filhos. Às mulheres, restavam a negação do prazer sexual e a contenção da espontaneidade e dos desejos. Deviam evitar sair sozinhas com um rapaz, beijá-lo ou andar em seu carro sem a companhia de uma pessoa de confiança da família, o que garantiria que a condição de “moça para casar” não fosse maculada. Aquelas casadas abdicavam de suas amizades e evitavam saídas frequentes quando o marido estivesse ausente, restando-lhes o ambiente privado (PINSKY, 2012a; 2018).

Até meados do século XX, a ocupação do mercado de trabalho era bastante restrita às mulheres. Elas costumavam ocupar empregos que remetiam ao universo feminino: as de camadas sociais mais baixas eram empregadas domésticas, lavadeiras e cozinheiras, enquanto as com escolaridade mais alta eram professoras, enfermeiras, secretárias, telefonistas e balconistas. Nos anos 1950, porém, o cenário começou a mudar. Nessa época, mesmo representando uma pequena parte da força de trabalho, as mulheres passaram a se qualificar e a concorrer a vagas com os

homens. Assim, traziam para casa parte da renda e obtiveram mais importância nas decisões familiares (PINSKY, 2012a).

Esses avanços femininos, no entanto, eram questionados por diversos setores da sociedade. Os argumentos passavam pelo desvio das funções domésticas e pelo risco de perder a feminilidade. Essas supostas preocupações encobriam um receio de que a mulher adquirisse autonomia em relação aos homens e, mais do que isso, ganhasse condições de satisfazer suas próprias necessidades. Afinal, era prioridade que as mulheres se ocupassem dos afazeres da casa e da maternidade. Por esse motivo, prática comum entre elas era parar de trabalhar após o casamento ou quando viessem os filhos (PINSKY, 2018).

Os papéis masculinos e femininos eram bastante claros: os homens deveriam ser provedores, ter bom emprego e demonstrar comprometimento com o futuro de sua família; as mulheres eram responsáveis pela manutenção da felicidade conjugal e familiar – era sua função não perturbar o esposo com problemas domésticos, garantir o bem-estar dele e não discordar de suas opiniões e atitudes, colocando-o sempre em primeiro lugar, sem exigir atenção para si. Um marido satisfeito era sinônimo de união feliz, que significava a realização da mulher. Quando protestava, a mulher não deveria ser enfática, mas, sim, recorrer ao “jeitinho feminino”, regado de sutilezas e subterfúgios. Nem mesmo o diálogo era bem-visto. A mulher não era tida como uma igual em relação ao parceiro. Conversas poderiam existir, mas as decisões importantes cabiam ao homem, restando à esposa acatá-las.

Ainda que fosse esse o cenário da metade do século, acontecimentos nos anos 1950 levaram a movimentos diferentes em relação à colocação das mulheres na vida social. O trabalho feminino fora de casa, à época, começou a enfrentar julgamentos ambíguos. Em alguns casos, ainda era motivo de humilhação para o marido, que seria visto como alguém incapaz de garantir o sustento de sua casa. Por outro lado, as atividades laborais femininas ganhavam, lentamente, valor moral, incentivadas pelo capitalismo e pelo consumismo. Era uma forma de garantir que as famílias adquirissem os bens de consumo que passavam a ser disponibilizados à população. A exigência de algumas mulheres por espaços fora do ambiente doméstico também foi importante para que uma virada na mentalidade social produzisse um modelo mais fluido de feminilidade (PINSKY, 2012a; 2018).

O que Pinsky descreve, do ponto de vista da História acerca da vida da mulher da metade do século XX, tem ressonância com o que Clarice Lispector apresentava

nas colunas femininas e com os debates criados por estudiosas e estudiosos do tema, assim como conversa, também, com ideias de Jung e da teoria da Psicologia Analítica, conforme será explicitado adiante. Antes, porém, faz-se necessário oferecer um panorama da realidade das mulheres hoje.

5.2 Era dos modelos flexíveis: a mulher contemporânea

Já em 1949, Simone de Beauvoir escreveu sobre o fator cultural para as definições do que, até aquele momento, se entendia por feminino. À célebre declaração “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949/2019, p. 11), segue-se:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1949/2019, p. 11)

Ao tratar do desenvolvimento da infância, a filósofa defende que crianças de ambos os gêneros apresentam características físicas e intelectuais similares até os 12 anos, mas que isso não se replica na forma como elas se enxergam no que se refere à inserção como indivíduos no mundo. Meninas, antes de tal idade, já sabem que cabe a elas se interessar pelos cuidados com a aparência, a tendência à maternidade e a preocupação de não ser proativas em demasia, devendo comportar-se com certa passividade. Isso se deve, diz a autora, à intervenção de outras pessoas, ou seja, ao ambiente e à cultura.

No Brasil, só muitos anos mais tarde, suas ideias ganharam visibilidade e relevância. Até os anos 1960, o modelo de feminilidade impunha a elas submissão, mas, a partir desse período, com os chamados Anos Rebeldes, a pluralidade no que se refere às formas de ser mulher e de ser feminina tomou espaço na vida da sociedade brasileira. Questionamentos ganharam força e mudanças que muito têm a ver com a realidade de hoje passaram a acontecer. Por vezes, são situações daquela época que ainda fazem parte da vida da mulher atual (PINSKY, 2012b).

Continuando o exposto por Pinsky (2012b), a era dos modelos flexíveis teve início na década de 1960. Em 1961, a pílula anticoncepcional começou a ser comercializada; no ano seguinte, foi criado o Estatuto Civil da Mulher Casada, que

reconhecia a esposa não mais como dependente do marido, mas como sua colaboradora. Durante os anos 60 e 70, os currículos escolares de mulheres e homens se equipararam e elas começaram a concorrer a vagas universitárias com maior equidade de condições. A partir disso, passaram a ocupar, cada vez mais, o ensino superior. Nessa época, universitárias e intelectuais participavam da política, discutindo os problemas do Brasil e aliando-se aos movimentos feministas e de esquerda.

Depois do início da comercialização da pílula, o sexo sem casamento, e mesmo sem um relacionamento sério, aos poucos, começou a ser visto sem tantos preconceitos (ainda que enfrentasse a condenação de alguns), o acesso a informações a esse respeito foi facilitado e o prazer da mulher ganhou maior importância. As mulheres passaram a poder demonstrar atração abertamente e os namoros não dependiam mais da aprovação dos pais.

Nos meios de comunicação, a defesa à mulher sexualmente livre, já nos anos 1970, era propagandeada por meio de revistas, telenovelas e filmes – inclusive eróticos, que, se por um lado, traziam mensagens ambíguas, por outro, mostravam que a mulher tem e busca prazer sexual. A relação heterossexual era retratada de forma majoritária, embora os movimentos político-sociais já lutassem pelas causas das mulheres lésbicas.

A partir da década de 1980, o sexo era ato comum nos relacionamentos, sérios ou casuais e, se não estranho, excepcional era quando uma jovem não transava com o namorado. Na última década do século XX, as mulheres recebiam conselhos e aprendiam técnicas para melhorar o desempenho sexual diretamente das revistas femininas. Ainda assim, as diferenças de tratamento no que tange à sexualidade entre homens e mulheres permaneceu. Se, antes, elas não podiam ter relações, nessa época, eram chamadas de “galinhas” se não fossem discretas sobre suas atividades sexuais, caso tivessem muitos relacionamentos ou fossem sensuais demais. Ainda hoje, isso é uma questão: muitas mulheres ganham fama de “vadias” por seus comportamentos sexuais ou por suas escolhas de vestuário, sendo necessário que se preocupem com sua imagem e reputação.

No que se refere à vida conjugal, também, o que se tem, hoje, como modelo foi germinado nos anos 1960. Nessa época, as relações amorosas passaram a significar um laço mais igualitário entre as partes e ambos deviam se sentir pessoalmente realizados e autorizados para que buscassem crescimento pessoal. A mulher,

portanto, deixou de ser responsável pela felicidade conjugal e seu nível de satisfação passou a estar atrelado ao próprio bem-estar. Em 1977, o divórcio virou lei no país, o que significava que o casamento não mais precisava ser um vínculo para a vida toda.

Nos anos 70, casamentos não-oficializados, no civil ou no religioso, se disseminaram entre as classes média e alta. As pessoas adiavam o matrimônio para depois do término dos estudos ou da estabilidade financeira. O número de filhos por casal diminuiu, a gravidez ocorria se e quando desejada e as decisões importantes da família não mais eram de responsabilidade exclusiva do homem. Nesse contexto, o casamento, para a mulher, não era mais sinônimo de respeito social ou de segurança financeira, uma vez que ela mesma era, muitas vezes, financeiramente independente. Os relacionamentos passaram, assim, a existirem por força do afeto mútuo.

No século XXI, a realidade ainda é muito similar. O machismo continua existindo nas relações desse tipo, o que fica evidente pelo grande número de violência conjugal e feminicídio ocorridos no país⁹. A mulher, cada vez mais, ocupa lugar no mercado de trabalho, mas sua atuação profissional ainda está atrelada à dupla jornada – ela é quem acumula mais funções na vida doméstica, sobretudo em lares de casais mais velhos.

Se na relação a dois grandes mudanças se deram, a maternidade, na segunda metade do século XX, ainda era vista como fonte de satisfação feminina e de *status* para a mulher casada. Ter filho não era mais um imperativo social, o destino natural das mulheres, mas era uma escolha pessoal recorrente. Somente no final do século é que passou a não ser sinônimo de valor social. Nessa época, também, como a maternidade fazia parte da realização pessoal da mulher, essa última era muito importante para a atuação das mães com seus filhos. Convencionou-se que somente uma mulher independente e realizada, psicologicamente estável, seria capaz de fazer o mesmo por seus filhos. Essa ideia fortaleceu a busca feminina por concretizar seus desejos no campo pessoal e profissional.

De 1990 para os anos 2020, o trabalho passou a ser visto como mais que um desejo, um dever para a mulher. Elas são incentivadas e valorizadas por construírem uma carreira bem-sucedida, ao mesmo tempo em que mantêm uma família estruturada. A autora observa que, atualmente, os homens são, cada vez mais,

⁹ Em 2021, foram registrados um total de 1.319 feminicídios no Brasil. O número representa uma vítima a cada sete horas e 1,22 mortes por 100 mil habitantes do sexo feminino (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

cobrados a assumirem um papel ativo no cuidado dos filhos e da casa, o que desoneraria a mulher de todos os afazeres. Embora seja uma função desempenhada por alguns – sobretudo os mais jovens –, dividir de forma igualitária os trabalhos domésticos ainda não é a realidade de muitas famílias. Cria-se, com isso, uma espécie de “Mulher-Maravilha”, que acumula funções e vive sobrecarregada; alguém que, nitidamente, adquiriu mais espaço, direitos e autonomia em relação a 100 ou a 50 anos atrás, mas que, nem por isso, se vê nas mesmas condições de vida oferecidas aos homens

Hoje, elas ocupam mais cargos de chefia e mais postos governamentais do que algumas décadas atrás, e passaram, inclusive, a ser maioria dentro das universidades. No entanto, o que se percebe é que ainda não chegou o momento em que se pode dizer que o papel social da mulher superou os obstáculos impostos até os anos 50, 60 ou 70. Dados da pandemia de Covid-19 revelam que o cenário se mantém: 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém na pandemia (filhos, idosos, e outros); 41% das que continuaram empregadas relataram trabalhar mais durante a pandemia – seja por excesso de carga de trabalho remunerado ou por precisarem realizar os afazeres domésticos (SOF, 2020).

Talvez, os próximos anos reservem melhores condições, já que aquelas que reivindicam e lutam por direitos iguais entre os gêneros se mostram cada vez mais fortes e cada vez menos dispostas a abdicar do que entendem justo e legal, mas, sobretudo, porque a história mostra que mudanças ocorreram ao longo de todo o século, ainda que lentamente, para a sociedade continuar progredindo nessa direção.

5.3 A mulher, o feminino e o feminismo na teoria da psicologia analítica

5.3.1 Uma crítica feminista aos posicionamentos de C. G. Jung

Susan Rowland (2002) realiza uma análise do feminismo e dos pressupostos de Jung a partir de uma contextualização histórica da teoria desenvolvida por ele e seus sucessores. Apesar de Jung formular uma teoria psicológica que privilegia o inconsciente e o irracional tanto quanto a consciência e o saber racional (uma vez que é do inconsciente que se originam os outros), quando trata a respeito do que Rowland denomina “grande teoria”, que almeja explicar tanto manifestações individuais quanto culturais e históricas, Jung restringe características ditas femininas e masculinas, que

podem estar presentes, em maior ou menor grau, em qualquer pessoa, independente do sexo biológico e do gênero.

Para a autora, quando defende a dominância psíquica masculina como ligada ao Logos ativo e a feminina ligada ao Eros passivo, Jung se utiliza de conceitos, que separam mente e corpo, semelhantes aos do pensamento iluminista, que privilegia a mesma ideia de binarismos. Nessa formulação, coube ao masculino, a racionalidade e a mente transcendente; ao feminino, a irracionalidade e o corpo – representação do sexo e da reprodução. O que ele tratava, à época, como características psíquicas, hoje é estudado nas proposições de gênero.

Esse posicionamento de Jung leva a uma ideia errônea de feminilidade e masculinidade inatas e fixas. Sua teoria concede ainda destaque ao masculino e ao homem. À mulher, foi designado o lugar de “outro”, sobretudo quando traça suas ideias acerca da anima. Também Freud (1923/2011) se ateu à polarização de gêneros. Para ele, o masculino, com a posse do pênis, representaria a atividade e o sujeito; o feminino seria o objeto passivo. Ambos parecem, portanto, reproduzir o pensamento de seu tempo, apegados ao patriarcado que desvaloriza o feminino e a mulher.

De fato, Jung fez descrições datadas que não condizem, ou não deveriam condizer, com a realidade social e cultural da atualidade – isso pode ser percebido em excertos de seus textos. Sobre o casamento, escreveu que “significa para a moça um belo episódio numa existência, de resto, pobre e vazia de amor” (JUNG, 1928/2013b, par. 218); a respeito do desenvolvimento intelectual das mulheres, comentou que “é acompanhado de uma emergência de traços masculinos em geral” (JUNG, 1950/2014b, par. 171); e, quando trata da mulher “tomada” pelo animus, chegou a escrever que “[e]m inúmeros casos, o homem tem a impressão (e não é de todo sem fundamento!) de que só a sedução, o espancamento ou a violentação podem ainda convencê-la” (JUNG, 1951/2013c, par. 29).

Especialmente sobre esse último comentário de Jung, Joy Schaverien (2003) disserta que se trata de um deslocamento do mundo interior para o mundo externo. Aquilo que deveria ser tomado como metáfora é transportado para o ato em si do homem em relação à mulher. Com isso, o desejo por agir com violência se dá em consonância com um aspecto sombrio da psique dele, uma vez que a anima tomou a consciência. A autora salienta que a anima incontida sempre foi – e continua sendo – mascarada pelo argumento de um suposto desequilíbrio anímico das mulheres como

razão para os avanços violentos masculinos. No entanto, essa perspectiva as culpabiliza pela falta de poder imaginativo/metafórico de determinados homens e salvaguarda o agressor da constatação de seu próprio descontrole.

Textos como “A mulher na Europa” (JUNG, 1927/2013d) mostram uma faceta de Jung, numa aparente posição mais progressista, que discute as mudanças vividas pelas mulheres que se acentuariam nos anos seguintes. Conquistas como ocupar postos profissionais até então reservados aos homens, participar ativamente da política, fundar associações e a possibilidade de métodos contraceptivos (a pílula, embora tenha sido lançada no mercado somente na década de 1960, teve seu desenvolvimento a partir dos anos 1920). Ainda assim, no mesmo texto há comentários a respeito, por exemplo, da importância social da mulher, apenas igualada a do homem se pudesse ser considerada “um homem que se tornou acidentalmente mulher” (JUNG, 1927/2013d, par. 240). Parece, portanto, que, mesmo quando desloca a mulher do lugar de subjugamento, Jung o faz “contaminado” por preconceitos que não condizem com a totalidade de suas ideias a respeito da psique.

Esses posicionamentos seriam exemplos que respaldam aquilo que Pinsky (2012a, 2018) relata a respeito da realidade das mulheres de meados do século XX no Brasil, direcionada às necessidades masculinas e de uma sociedade que privilegia a masculinidade. Ainda mais importante, porém, é notar que isso ocorre ainda hoje. Um recente caso de como o poder exercido pelo homem sobre a mulher é vigente e nocivo é o da blogueira estadunidense Gabby Petito, assassinada pelo noivo em agosto de 2021 (KAYE, 2022). Em Vitória, Espírito Santo, as câmeras do elevador de um prédio registraram o momento em que uma mulher foi agredida pelo ex-marido em abril de 2022 (PORTAL G1 ES, 2022). Esses e outros ocorridos demonstram o quanto o patriarcado ainda detêm o poder sobre o corpo das mulheres.

5.3.2 Discussões de gênero sob a perspectiva da teoria da psicologia analítica

Samuels (2008) defende que, apesar dos posicionamentos controversos de Jung, após correções das falhas em seu método feitas por pós-junguianos, o que toma corpo é sua capacidade de intuir temas que, hoje, são fundamentais para as discussões da psicologia: gênero, raça, nacionalismo, análise cultural, o ressurgimento de uma mentalidade religiosa em tempos não-religiosos e a busca incessante por sentido. Isso leva a crer que, ainda nos dias atuais, retornar a seus

textos se faz importante, uma vez que seu discurso acerca do papel da mulher não corresponde à totalidade da teoria construída por ele. Essa última é visivelmente menos impregnada de ideias moralizantes se for levado em conta seu entendimento sobre o funcionamento da psique, sobretudo do inconsciente.

O inconsciente é “a totalidade de [...] fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência” (JUNG, 1919/2013e, par. 270), seja na esfera pessoal (aqueles que se referem à vida do indivíduo) ou coletiva (inatos e universais, que dizem respeito à experiência humana). Os conteúdos coletivos estão no que o autor denominou inconsciente coletivo, formado pelos instintos e arquétipos. Esses são “formas [...] determinantes necessárias e *a priori* de todos os processos psíquicos” (JUNG, 1919/2013e, par. 270). Eles são um fator psicoide, o que significa que não podem ser conscientizados, passando pela consciência apenas enquanto representação, ou seja, como imagem arquetípica que, em si, difere do arquétipo e é influenciada pela cultura, pelo contexto em que o indivíduo está inserido (JUNG, 1928/2013f).

Conforme defende Rowland (2002), os arquétipos são psicossomáticos, uma vez que são “estruturas potenciais” do inconsciente e, por isso mesmo, psíquicas, mas têm também raízes no corpo. Desse modo, compreende-se que os arquétipos estruturam também o elo mente/corpo.

Seguindo esses pressupostos, e retomando a fusão entre gênero e sexo biológico e a aproximação entre feminino e corpo e masculino e mente, feitas por Jung, Rowland sugere que essas aproximações não condizem com a teoria junguiana. O sexo corporal não pode ser igualado ao gênero psicológico porque a psique, em si, engloba aspectos femininos e masculinos, racionalidade e irracionalidade, flexibilidade e rigidez. Nela, estão todas as miríades, não num sentido de oposição, mas de coexistência. Pensar a constituição psíquica humana a partir da teoria da psicologia analítica é, portanto, considerar que os arquétipos (e as imagens arquetípicas) irão atuar para que cada fixidez psíquica seja contrastada com uma diversidade de outras possibilidades para a mesma experiência. Isso quer dizer que, sempre que houver uma imobilidade nas expressões culturais do que é ser feminino e do que é ser mulher, por exemplo, os arquétipos e o inconsciente tratarão de prover outras possíveis feminilidades que serão culturalmente materializadas.

Faz-se necessário, também, aprofundamento do que se entende por animus e anima, tendo em vista que grande parte dos desentendimentos acerca das ideias de

Jung sobre a psique da mulher, conforme supracitado, se deu quando ele se referia a esses conceitos. Animus e anima são arquétipos que funcionam como ponte para a expressão de conteúdos do inconsciente coletivo por meio de projeções em pessoas do gênero oposto, sonhos e fantasias. O animus seria a estrutura inconsciente contrassexual da psique da mulher. Seu correspondente na psique do homem é a anima. O primeiro teria um caráter racional, lógico e masculino, oriundo em parte do paterno; a outra, estaria ligada às concepções irracionais, eróticas e femininas, ligadas em parte à mãe e ao materno. Ao homem, caberia entrar em contato com os conteúdos anímicos de sua psique, o que seria feito por meio de suas relações com mulheres e o contrário se daria com elas (JUNG, 1951/2013c). Dessa perspectiva, a mulher teria uma função definida na relação com o homem: auxiliar seu desenvolvimento psíquico. Já o animus, na psique da mulher, ainda que traga uma capacidade espiritual profunda e conectiva, é compreendido, em muitas ocasiões, na descrição de Jung, como uma racionalidade deslocada que não a aproximaria de uma nova condição psíquica mais integrada com sua individualidade; ao contrário, a afastaria de sua feminilidade.

Assim como a projeção do *animus*, por parte da mulher, é capaz de sentir pelo faro um homem importante, desconhecido por parte da grande massa, e até mesmo ajudá-lo a atingir seu desígnio mediante o apoio moral, do mesmo modo o homem, pela projeção da *anima*, também pode despertar para si mesmo uma “mulher inspiradora”. (JUNG, 1925/2013g, par. 340)

Rowland (2002) aponta que revisões e atualizações vêm sendo realizadas ao longo dos anos na teoria da psicologia analítica. Mais recentemente, pós-junguianos têm considerado que a compreensão do que são os gêneros sofreria influências culturais e sociais. Schaverien (2019) defende que a sexualidade é a união do sexo biológico, fixo, com o gênero, culturalmente influenciado. A autora acrescenta que o modo como a relação com a possibilidade de fluidez do gênero se dá – e não o sexo biológico apenas – é que determina, em grande medida, a satisfação nos relacionamentos sexuais.

Assim, de acordo com Rowland (2002), há dois caminhos possíveis para lidar com a revisão dos conceitos de Jung acerca do animus e da anima: não mais designar o animus como uma contraparte masculina da mulher e anima como o inverso no homem, e, sim, entender que ambos possuem as duas estruturas psíquicas, conforme defende Hillman (2020); ou, seguindo o que propõem alguns autoras e autores

contemporâneos, manter a distinção original de animus e anima, mas negar seus conteúdos prefixados, que não seriam adequados às mudanças sociais (Young-Eisendrath, 1984; Tacey, 1997).

Tacey (1997) defende que o gênero é socialmente reproduzido sob influência de ideologias, ainda que não seja resultado apenas do mundo material, mas tenha, também, segundo ele, um componente arquetípico. Polly Young-Eisendrath (1987) tece críticas a Jung no que concerne à ideia de que uma mulher que empreende forças em direção a um desenvolvimento intelectual ou profissional está sob jugo do animus negativo.

Nesse sentido, mesmo quem mantém o posicionamento de Jung a respeito da existência de animus e anima como estruturas contrassexuais, coloca-se mais conectado com problemáticas da mulher na sociedade. Já em 1931, Emma Jung (2020) trouxe à luz a ideia de que as características do animus (força de vontade, o agir, o logos e o verbo) poderiam atuar de maneira harmônica com a consciência da mulher. A autora chega a citar a emergência dos movimentos feministas, cuja luta pela igualdade entre os gêneros, não significou pedantismo na construção e expressão de ideias; pelo contrário, teriam surgido porque as características até então ditas masculinas do animus haviam já amadurecido na consciência das mulheres, fazendo parte de sua constituição psíquica “natural”, e não como expressões deslocadas do inconsciente. A contribuição mais importante de Emma Jung, contudo, é a compreensão de que, sendo esses novos posicionamentos da mulher em sociedade algo emergente e urgente, cabiam exageros e caricaturas típicos de quem empreende um novo caminho.

Irene Claremont de Castillejo (2015) defende que a tendência negativa do animus, que levaria as mulheres a se comportarem de forma agressiva em relação aos homens seria culturalmente induzida. De modo geral, elas lidariam sempre com uma “voz interna”, que diz que não são boas o suficiente. Tal voz, descreve a autora, corresponderia à internalização das violências sofridas por elas, que viriam dos homens. Coletivamente inconscientes de seu receio de terem nas mulheres, enquanto suas iguais, uma concorrência, eles as agrediriam para que se mantenassem em “seu devido lugar”. De acordo com Schaverien (2019, p. 341), se considerarmos que esse tipo de violência ocorre desde o início da vida de uma mulher, pode-se pensar que aquela que chega à vida adulta sofreu, constantemente, “conflitos, [...] abusos ou rejeições”, não tendo tido oportunidade de desenvolver confiança integral em seu

“estado encarnado”, ou seja, sua existência enquanto biologicamente mulher. Desenvolver-se nesse contexto pode levar a diversos obstáculos emocionais ao longo da vida: dificuldade para construir relacionamentos amorosos e para compreender o próprio gênero, os papéis de gênero que lhe dizem respeito individualmente e a sexualidade, por exemplo (SCHAVERIEN, 2019).

Segundo bell hooks¹⁰ (2019) essas violências sofridas pelas mulheres ao longo dos séculos, ainda hoje, se fazem presentes. Isso se deve ao patriarcado, ou “sexismo institucionalizado sistêmico” (HOOKS, 2019, p. 17). Nessa cultura, os mais beneficiados são os homens, tidos como superiores. Para manutenção dessa diferença, deve-se recorrer às diversas formas de violência contra as mulheres – agressão física, psicológica, silenciamento, apenas para citar alguns tipos. A primazia do masculino e do homem sempre foi defendida pelo pensamento cristão, o qual segue influenciando nossa sociedade. Sob essa perspectiva, muitos ainda entendem que “deus¹¹ ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens” (HOOKS, 2019, p. 18). Esse ainda é o discurso de muitas igrejas e templos – e mesmo quem não tem uma religião, acaba influenciado por essas ideias, vigentes na sociedade. Nessa lógica, sendo ou não, o homem, presente na vida de sua família, a dominação masculina permanece e relega as mulheres à domesticidade – ainda que não se afigure a impossibilidade de trabalhar fora de casa ou de exercer de forma minimamente livre a sexualidade.

Conforme evidenciado historicamente, a partir dos estudos de Carla B. Pinsky, ser mulher, muitas vezes está relacionado ao cuidado com o outro, sobretudo a família. No campo da psicologia, esse fato pode ser notado pela observação de que o feminino e a mulher são constantemente relacionados à figura de mãe (a mãe pessoal, a mãe arquetípica, a Mãe-Terra, etc.). Jung (1941/2014c) descreve que a psique da mulher pode ser pensada como uma totalidade que engloba a psique da mãe e a psique da filha – “toda mulher se alarga na mãe, para trás e na filha, para frente” (par. 316). Já a anima, na psique masculina, escreve Jung na mesma obra, também é representada por mãe e jovem e, muitas vezes, é reduzida à mãe pessoal ou a outra mulher.

¹⁰ Gloria Jean Watkins adotou o nome bell hooks em homenagem à avó. A grafia se dá em letras minúsculas, pois, segundo a própria, o que importa em seus livros são as ideias, e não quem ela era. Neste trabalho, optou-se por respeitar a escolha da autora.

¹¹ A opção pela escrita em minúsculo é da autora.

A problemática do patriarcado pode ser relacionada às ideias de animus e anima. Na sociedade sob essa dominação, cabe à mulher atuar conforme retratado por Jung no início do século XX, como uma espécie de anima do homem. Contudo, o cenário se amplia a partir das considerações de Hillman (2020) sobre o assunto. Conforme o autor defende, a anima é o meio pelo qual se dá a compreensão psicológica dos fatos. Ela se oporia ao aspecto maternal e estaria relacionada ao movimento que se faz em direção a uma vida adulta independente, como o que a alquimia chamou de *opus contra naturam*, trabalho contra a natureza, termo adotado por Jung. “O movimento de mãe para anima representa essa mudança de perspectiva de compreensão naturalista para a psicológica” (HILLMAN, 2020, p. 95).

Sendo assim, um contexto que privilegia o homem como detentor da anima e, mais ainda, que relaciona a mulher como uma espécie de projeção dessa anima, desloca-a da posição de indivíduo de e para si mesma e a posiciona como subalterna em detrimento daqueles que ocupam o lugar de destaque. Realizar, portanto, movimentos em prol da própria personalidade exige mais do que apenas concretizar uma necessidade psicológica. Em uma sociedade na qual o masculino e o patriarcado sempre foram privilegiados, buscar ser quem se é, quando se é uma mulher, é tarefa mais penosa do que para quem o mundo está aberto à sua individualidade, como ocorre com os homens.

6 MÉTODO

6.1 Características do estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Robert K. Yin (2016), (1) são realizadas nas condições da vida real dos participantes, o que significa que as informações coletadas seguem um “roteiro” flexível com informações não previstas; (2) consideram os significados das questões atribuídos pelos participantes; (3) dizem respeito às “condições sociais, institucionais e ambientais em que a vida das pessoas se desenrola” (YIN, 2016, p. 7), relevantes porque podem influenciar os eventos humanos; (4) almejam explicar acontecimentos da vida cotidiana, utilizando, para isso, conceitos existentes ou emergentes, assim como têm o intuito de fazer surgir novos conceitos; (5) são multifacetadas em suas fontes, recorrendo, muitas vezes, a mais de um método de coleta de dados.

Para analisar as informações foi utilizada a Análise de Conteúdo de categorias temáticas, de Laurence Bardin (2016). Por Análise de Conteúdo compreende-se:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48)

A Análise de Conteúdo tem distintas modalidades. Nesta pesquisa, foi utilizada a análise de categorias temáticas que se dividem em elementos textuais que deverão ser classificados em grupos temáticos, de modo a identificar determinado número de significações presentes nos discursos analisados. Os temas não foram pré-definidos.

6.2 Participantes

Oito participantes correspondentes aos seguintes critérios de inclusão: mulheres com idades entre 25 e 35 anos com, pelo menos, Ensino Médio completo.

Justificativa

Número de participantes: O número de participantes segue o proposto por Yalom e Leszcz (2005), Silvana Parisi (2009), Jéssica dos Santos (2017) e Musi (2018).

Idade: A determinação da faixa etária se deu porque, conforme Nunes (2019a, 2019b), as leitoras para quem Clarice Lispector escrevia eram casadas ou pretendiam se casar. De acordo com levantamento do IBGE, em 2019, a idade média que mulheres solteiras contraíram matrimônio foi de 28,5 anos. Com base nessas informações, compreende-se que abranger a experiência de mulheres com a faixa etária entre os 25 e 35 anos oferece a possibilidade de englobar voluntárias solteiras, em vias de se casar e que já estejam em relações conjugais estabelecidas, ainda que o estado civil não seja um critério de exclusão.

Renda: Embora Clarice tenha tido como público, à época, mulheres das camadas médias urbanas, optou-se por não utilizar a renda familiar como critério para seleção das participantes, pois entende-se não ser possível estabelecer um termo de comparação com a época das colunas.

Escolaridade: O critério de escolaridade foi usado, pois é, o Ensino Médio, a época do desenvolvimento escolar quando se dá o acesso a grande parte dos textos de literatura, incluindo os de Clarice Lispector.

6.3 Instrumentos

6.3.1 Questionário sociodemográfico e questionário leitor

Para a seleção e caracterização de participantes foi utilizado um Questionário Sociodemográfico e Questionário Leitor (APÊNDICE A) elaborado para a pesquisa, composto pelas seguintes questões: (1) Qual o seu gênero?; (2) Qual a sua idade? (3) Qual a sua escolaridade? (4) Qual a faixa de renda mensal em que você se enquadra? (considerar a renda de todas as pessoas que habitam sua casa) (5) Qual a sua ocupação atual?; (6) Qual o seu estado civil?; (7) Você tem filhas e/ou filhos? (8) Qual(is) tipo(s) de escrito(s) de Clarice Lispector você já leu?

Ao fim do questionário, as pessoas foram convidadas a participar dos grupos vivenciais por meio da seguinte pergunta: “Você tem interesse em participar de um grupo de mulheres que se reunirão em três encontros semanais a serem realizados via Zoom, com intuito de conversar sobre as colunas femininas de Clarice Lispector?”.

Aquelas que desejaram fazer parte da pesquisa informaram nome, número de Whatsapp e e-mail.

Ressalta-se que o questionário só podia ser acessado por quem selecionasse a opção “aceito participar da pesquisa” e era encerrado se a resposta à pergunta (1) não fosse “feminino”; se a resposta à pergunta (2) não fosse “25 a 30 anos” ou “31 a 35 anos” e se a resposta à pergunta (7) fosse “Ensino Fundamental incompleto”, “Ensino Fundamental completo” ou “Ensino Médio incompleto”, uma vez que essas são as questões referentes aos critérios de seleção; as restantes, por sua vez, tratam da caracterização das participantes.

6.3.2 Grupo vivencial de leitura

Foram realizados dois grupos vivenciais de leitura com quatro participantes cada um.

O grupo vivencial tem por objetivo apreender conteúdos mobilizadores, ou seja, que carreguem afetos a serem trabalhados, de modo a contribuir com o processo de elaboração tanto individual quanto grupal a respeito de um tema (FREITAS, 2005). Em pesquisa realizada com mulheres após separação amorosa, Parisi (2009) defende que o grupo vivencial pode ter efeitos terapêuticos, apesar de esse não ser seu objetivo principal. O trabalho vivencial oportuniza que as participantes reflitam sobre um tema específico a partir da própria história de vida e de suas experiências (anteriores e durante as atividades), de modo a construir novas percepções sobre si e o que as cerca.

Outros trabalhos que utilizam o grupo vivencial como método são as pesquisas desenvolvidas por Marion Gallbach (2014), Jéssica dos Santos (2017) e Mussi (2018), que descrevem dinâmicas de grupos vivenciais de sonhos. Esses grupos, via de regra, devem ser não-diretivos tanto quanto possível, de modo que os diálogos sejam espontâneos, mesmo que se mantenha uma temática definida e que contem com regras a serem seguidas. Desse modo, atinge-se aquilo que Laura Villares de Freitas (2005, p. 56) acredita ser a grande vantagem desse tipo de trabalho: “o potencial criativo, assim como o da multiplicidade de diálogos e interações”.

É importante notar que, nos grupos vivenciais, o papel do coordenador (FREITAS, 2005; PARISI, 2009) ou terapeuta (MUSSI, 2018)¹² é o de estabelecer e manter um “campo interacional, no qual os símbolos possam se definir, apresentar, interagir e ser, em alguma medida, assimilados à consciência” (FREITAS, 2005, p. 50). Para a autora, a partir da assimilação de conteúdo simbólicos, pode-se pensar os grupos vivenciais como um espaço para testar novas formas de se colocar em relação, primeiro no contexto do grupo e, depois, em outras situações da vida. Dessa forma, com o surgimento de uma individualidade no grupo, no contexto cultural, o indivíduo se molda como pessoa, já que, ao pensar a dinâmica indivíduo-grupo, o que se vê é uma dinâmica de inter-relação (ZINKIN, 1989, FREITAS, 2005).

Trabalhos com grupos vivenciais contam com um processo de médio prazo, ocorrem em um local determinado e têm as mesmas pessoas se encontrando em horário fixo para refletir e vivenciar as atividades a respeito de um tema específico. Esses são atributos que oferecem um caráter ritualístico auxiliar ao processo de elaboração das emoções e situações da vida (PARISI, 2009; SANTOS, Jéssica, 2017; MUSSI, 2018). À medida em que conta com um aquecimento, a atividade em si e um fechamento que permite elaboração da vivência grupal, cada encontro também teria em si um caráter ritualístico, que permitiria a expressão simbólica por parte das participantes (MUSSI, 2018). Não parece necessário, portanto, que o trabalho em grupos vivenciais envolva longos períodos, o que faz com que a proposta desta pesquisa, de realizar uma coleta de informações por meio de grupos vivenciais em três encontros, mostre-se de acordo com o método proposto.

6.3.3 *Colunas femininas de Clarice Lispector*

Foram selecionados três textos, apresentados e lidos com as participantes em cada um dos encontros. Eles foram escritos por Clarice Lispector para os jornais “Comício”, “Correio da Manhã” e “Diário da Noite” e fazem parte de duas coletâneas organizadas pela jornalista e pesquisadora Aparecida Maria Nunes: “Correio feminino” e “Só para mulheres”.

¹² Optou-se, neste trabalho, pela utilização dos termos “coordenadora” ou “pesquisadora”, tendo em vista que o grupo vivencial, de modo geral e no presente trabalho, não tem intuito psicoterapêutico. Entende-se, portanto, que a coordenadora não tem função de terapeuta.

6.3.4 Recursos digitais

Para a confecção e acesso ao questionário sociodemográfico e questionário leitor foi utilizado o site *Survey Monkey*. Para a realização dos encontros dos grupos vivenciais e gravação em áudio e vídeo dos mesmos, foi utilizada a plataforma para videoconferências *Zoom*.

6.4 Procedimentos

6.4.1 Local

Os encontros do grupo vivencial de leitura ocorreram remotamente por meio da plataforma *Zoom*, foram gravados em áudio e vídeo com autorização das participantes e transcritos. A escolha pela utilização de videoconferência se deu por conta da pandemia de COVID-19, que exigia, no período de realização da coleta de informações, medidas de distanciamento ou de isolamento social, o que inviabilizava a ocorrência de encontros presenciais. A possibilidade de acessar pessoas de diferentes regiões do país foi um ponto positivo da escolha pela coleta de informações on-line.

A coleta de informações por meios virtuais foi objeto de estudo de Lisa Gray *et. al* (2020). As autoras defendem que a utilização de videoconferências é positiva nos quesitos (1) economia de recursos financeiros e (2) acesso a participantes de regiões distantes de onde se encontram as pesquisadoras. Mesmo com a utilização da maneira remota, não foram percebidos prejuízos ao *rapport* das pesquisadoras com os participantes.

A plataforma *Zoom*, especificamente, foi considerada um bom recurso uma vez que (1) permite que áudio e vídeo sejam compartilhados, o que ajuda na relação entre participantes e também dos participantes com as pesquisadoras; (2) permite que os participantes controlem a própria exposição de imagem e escolham não compartilhá-la, caso não se sintam à vontade; e (3) tanto áudio quanto vídeo podem ser gravados e salvos diretamente no computador ou na nuvem pela pesquisadora, o que auxilia no registro e na transcrição dos dados (GRAY *et. al*, 2020).

6.4.2 Seleção das participantes

A partir de convite inicial em grupos que correspondiam ao público-alvo via *Whatsapp* e por meio de postagens no *Instagram* da pesquisadora apresentando a pesquisa, foi disponibilizado um formulário na plataforma *Survey Monkey*, que foi respondido por potenciais participantes e compartilhado com amigas e conhecidas da mesma faixa etária e escolaridade. O convite inicial foi divulgado por meio das redes sociais nos moldes da amostragem em bola de neve, método no qual a pesquisadora identifica uma pessoa ou grupo que corresponda às características buscadas para que participe da pesquisa. Às primeiras selecionadas é solicitado que indiquem outras pessoas igualmente congruentes com as necessidades da pesquisa (COSTA, 2018).

A seleção de participantes foi realizada a partir dos formulários respondidos. O número previsto para a pesquisa era de cinco a sete participantes por grupo, totalizando de 10 a 14 mulheres. Houve, no entanto, número de interessadas maior do que o necessário para a pesquisa. Por isso, foi realizado sorteio até atingir o número máximo de participantes. Quando a pesquisadora entrou em contato com as respondentes do questionário, no entanto, parte das pessoas não puderam participar ou não foram encontradas. Assim, o número de voluntárias da pesquisa foi de quatro em cada grupo, oito no total. Àquelas que não puderam participar por incompatibilidade de agenda, foi oferecida a possibilidade de participar de outros grupos de leitura de mulheres desvinculados da pesquisa.

O seguinte texto convite foi enviado junto ao Formulário:

Olá. Estou convidando mulheres entre 25 e 35 anos, com Ensino Médio completo, para participar de uma pesquisa com grupos vivenciais de leitura, utilizando textos de colunas escritas por Clarice Lispector. Se puder participar, peço que responda ao breve formulário. Sua participação é importante para a pesquisa. Obrigada.

Abaixo, segue o texto de convite que constou no formulário (APÊNDICE A):

Olá!

Obrigada pelo interesse por esta pesquisa. Eu, Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos, estudante do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com orientação da Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba, convido você a participar do estudo "A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: Uma perspectiva da Psicologia Analítica". Serão realizados grupos de leitura de colunas de Clarice com duração de três encontros.

As questões abaixo têm por objetivo recolher informações de identificação e perfil leitor para seleção de participantes para o trabalho citado. Serão selecionadas mulheres com idade entre 25 e 35 anos, que tenham concluído o Ensino Médio.

Havendo número de interessadas maior do que o necessário para a pesquisa (dez a quatorze), será realizado sorteio para seleção das participantes. Àquelas que não forem sorteadas, será oferecida a possibilidade de participar de outros grupos de leitura de mulheres desvinculados da pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, ela foi aprovada e está em consonância com as regras estabelecidas por um Comitê de Ética em Pesquisa. Fica, portanto, garantido que suas respostas somente serão utilizadas para fins científicos e que sua identidade será mantida em sigilo.

Você pode se identificar com um nome fantasia e, apenas se desejar, deixe seu contato ao final do Formulário.

O formulário contou com um questionário para identificação e questionário leitor.

6.4.3 Caracterização das participantes

Para a realização da coleta de informações, as participantes foram divididas em dois grupos que se encontraram semanalmente, em dias diferentes, via *Zoom*.

Em sua origem, o Grupo 1 (G1) era formado por seis participantes. Uma delas, por questões pessoais, informou, no dia do primeiro encontro, que não estaria disponível para a pesquisa. Outra, embora não tenha entrado em contato, não se apresentou nos encontros. Os encontros do G1 contaram, portanto, com quatro participantes fixas. São elas: P1, 26 anos, psicóloga, solteira; P2, 28 anos, funcionária pública, solteira; P3, 31 anos, advogada, solteira; e P4, 30 anos, estudante e autônoma, solteira.

O Grupo 2 (G2) foi formado por quatro participantes. Fizeram parte: P5, psicóloga, 27 anos, casada; P6, astróloga, 28 anos, solteira; P7, advogada, 29 anos, solteira; e P8, *personal trainer*, 29 anos, namorando. No G1, P1 participou do primeiro e do terceiro encontros, P2 participou de todos os encontros, P3 participou dos dois primeiros encontros e P4 participou do segundo encontro. No G2, P5 e P7 participaram dos dois primeiros encontros, P6 participou de todos os encontros e P8 participou dos dois últimos. Em relação à localidade de residência das participantes, considerando G1 e G2, uma morava na região nordeste; duas, na região sudeste; três, na região Sul; e duas, fora do Brasil.

6.4.4 Aplicação dos instrumentos

6.4.4.1 Questionário sociodemográfico e questionário leitor

Um formulário contendo questionário sociodemográfico e questionário leitor (APÊNDICE A) foi disponibilizado a partir da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e permaneceu aberto por uma semana para que fosse respondido por potenciais participantes. Ao fim do período de seleção, a pesquisadora entrou em contato com as respondentes, explicou o funcionamento dos grupos vivenciais, confirmou a participação na pesquisa e encaminhou a elas, por e-mail ou *Whatsapp*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Após envio do TCLE, possíveis dúvidas foram sanadas e as participantes deram o aceite do TCLE, também via e-mail ou *Whatsapp*.

6.4.4.2 Grupo vivencial de leitura

Anterior à realização dos grupos vivenciais de leitura submetido à análise de informações e que constituem os resultados da presente pesquisa, foi realizado um encontro com grupo-piloto, formado por quatro participantes voluntárias, com o objetivo de testar a dinâmica das atividades de acordo com os objetivos definidos. As informações coletadas no grupo-piloto não foram analisadas.

Após envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e recebimento das respostas de aceite, a coleta de informações ocorreu por meio de dois grupos vivenciais de leitura. Cada grupo foi composto por quatro participantes que se reuniram com a pesquisadora em três encontros semanais com duração de duas horas aproximadamente. Os grupos foram fixos, ou seja, as participantes interagiram com as mesmas pessoas nos três encontros. Isso se deve à própria concepção da estrutura de um grupo vivencial, que requer que seja mantido da mesma maneira para que possa se estabelecer uma relação de confiança entre as pessoas (FREITAS, 2005; PARISI, 2009; SANTOS, Jéssica, 2017; MUSSI, 2018).

Para definir a duração dos encontros, usou-se o critério, segundo Yalom e Leszcz (2005), para terapia em grupo, com sessões entre noventa e cento e vinte minutos. Menos de sessenta minutos impossibilita o trabalho dos diversos temas que emergem e mais do que duas horas pode tornar a sessão improdutiva, uma vez que “o grupo

fica cansado, repetitivo e ineficiente” (YALOM; LESZCZ, 2005, p. 406, tradução nossa). Embora o processo terapêutico não faça parte do escopo da interação com as participantes, entende-se que os argumentos apresentados pelos autores são válidos também no contexto da pesquisa.

Durante os encontros dos grupos vivenciais, foram lidas, em conjunto, as colunas femininas escritas por Clarice Lispector. Os textos foram discutidos em grupo pelas participantes e, ao fim de cada encontro, elas responderam a uma pergunta. Cada uma escreveu sua resposta, compartilhadas com o grupo depois. Os encontros foram gravados pelo aplicativo *Zoom*, em áudio e vídeo, e transcritos. No início de cada um deles, as participantes foram informadas quando a gravação havia sido iniciada.

- 1º encontro (2h de duração):

O tema do encontro foi “a mulher e sua relação com o corpo e a beleza” e o texto lido foi “O Dever da Faceirice” (ANEXO A).

1ª atividade: apresentação. Cada participante se apresentou com seu nome (ou um nome fantasia), idade e cidade onde morava. Em seguida, a pesquisadora indicou que cada uma escolhesse um objeto que estivesse no cômodo em que se encontravam. Então, todas mostraram os objetos escolhidos e se apresentaram umas às outras como se fossem o objeto. Essa dinâmica serviu como aquecimento para as atividades com o grupo e para promover uma interação que favorecesse aproximação e identificação. Nesse momento, a pesquisadora também participou, apresentando-se nos moldes da atividade, atitude adotada para criar intimidade.

2ª atividade: leitura do texto designado para o encontro. Primeiro, a pesquisadora explicou as diretrizes de funcionamento do grupo: as participantes deveriam atentar à leitura dos textos e conversar sobre os escritos apresentados, respeitando o tema do encontro. O texto a ser discutido foi, então, exibido na tela para que todas pudessem acompanhar a leitura, realizada em voz alta pela pesquisadora. Seguiu-se a isso, a discussão entre as participantes, coordenada pela pesquisadora, que interveio com perguntas norteadoras e/ou esclarecimentos quando necessário. A discussão partiu do questionamento: “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher e sua relação com o corpo e a beleza e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”.

3ª atividade: A pesquisadora fez as seguintes perguntas: “Como você se relaciona com seu corpo e qual é sua noção de beleza?”; “Vincula esta experiência de algum modo ao texto lido?”. As respostas foram escritas individualmente. As participantes tiveram entre cinco e dez minutos para escreverem de um a dois parágrafos, que foram compartilhados com o grupo quando indicado pela pesquisadora. A opção pela escrita se deu por ser um meio de organização das ideias a serem comunicadas.

Durante o encontro, as perguntas acima citadas foram disponibilizadas no *chat*, para que todas pudessem acessá-las facilmente.

- 2º encontro (2h de duração):

O tema do encontro foi “a mulher, as relações amorosas e a família” e o texto lido foi “Espírito” (ANEXO B).

1ª atividade: aquecimento. O encontro iniciou com um espaço aberto para que as participantes se manifestassem sobre conteúdos que as marcaram, pensamentos e sentimentos a respeito de suas experiências no primeiro encontro.

No G1, esse momento foi adiado para o fim do encontro, a pedido das participantes, uma vez que o início foi utilizado para que uma delas, que não pode estar presente na primeira reunião, se apresentasse.

2ª atividade: leitura do texto designado para o encontro. A pesquisadora relembrou as diretrizes já indicadas no primeiro encontro: as participantes deveriam atentar à leitura dos textos e conversar sobre os escritos apresentados, respeitando o tema do encontro, que foi, em seguida, informado. O texto foi apresentado na tela para todas e uma das participantes de cada grupo fez a leitura em voz alta. A discussão foi norteadada pelo questionamento: “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher, as relações amorosas e a família e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”.

3ª atividade: A pesquisadora fez a seguinte pergunta: “Como você vê seus relacionamentos amorosos e a constituição familiar?”. As participantes compartilharam suas respostas, que foram escritas e lidas para o grupo, conforme realizado no 1º encontro.

Durante o encontro, as perguntas acima citadas foram disponibilizadas no *chat*, para que todas pudessem acessá-las facilmente.

No dia em que aconteceria o encontro do G2, três das quatro participantes não puderam comparecer. Por esse motivo, optou-se por adiar o encontro, que ocorreu

na semana seguinte. Assim, as atividades do referido grupo, que durariam três semanas, foram realizadas em quatro semanas, com os mesmos três encontros.

- 3º encontro (2h de duração):

O tema do encontro foi “a mulher e o mundo do trabalho” e o texto lido foi “A Irmã de Shakespeare” (ANEXO C).

1ª atividade: aquecimento. No início do encontro, foi reservado um período para que as participantes se manifestassem sobre conteúdos que as marcaram, pensamentos e sentimentos sobre suas experiências no encontro anterior.

2ª atividade: leitura do texto designado para o encontro. A pesquisadora relembrou as diretrizes já indicadas nos encontros passados: as participantes deveriam atentar à leitura dos textos e conversar sobre os escritos apresentados, respeitando o tema do encontro. Em seguida, o tema foi divulgado. A leitura do texto e discussão seguiram o formato adotado anteriormente: o texto foi exibido na tela para todas, a pesquisadora procedeu com a leitura no G1 e uma das participantes leu no G2. Em seguida, a discussão se desenvolveu, norteadas pelo seguinte questionamento: “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher e o mundo do trabalho e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”.

3ª atividade: A pesquisadora fez a seguinte pergunta: “Como é sua relação com o trabalho?”, à qual as participantes responderam, individualmente, por meio da escrita de um texto, compartilhado, em seguida, com o grupo.

4ª atividade: Foi solicitado a cada participante que pensasse em um ou mais símbolos representativos da mulher hoje. As participantes poderiam compartilhar palavras, imagens, textos, vídeos, entre outras formas de expressão. Todas as participantes optaram por dizer ou digitar no chat palavras e frases. Em seguida, a coordenadora solicitou que cada uma explicasse a relação feita entre os símbolos escolhidos e os temas dos encontros.

5ª atividade: As participantes, em conjunto, formaram uma frase a respeito dos símbolos escolhidos e dos temas tratados durante os encontros.

As perguntas acima citadas foram disponibilizadas no *chat*, para que todas pudessem acessá-las facilmente.

Ao fim da última reunião com cada grupo, foi realizado o fechamento das atividades dos grupos vivenciais de leitura. Para isso, as integrantes foram convidadas a refletir sobre o processo que se desenrolou ao longo de todos os

encontros. As seguintes perguntas foram propostas: (1) O trabalho realizado no grupo trouxe contribuições para você? (2) O que você gostou e o que você não gostou?

6.4.5 Análise das informações

A análise das informações foi realizada por meio da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016), composta por três etapas: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material; e (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Dentre os tipos de AC propostos pela autora, decidiu-se pela Análise Categrorial Temática, que funciona pela operação de desmembramento do texto em unidades categoriais, segundo reagrupamentos analógicos.

A pré-análise tem os seguintes intentos: escolha dos documentos, formulação das hipóteses e dos objetivos e elaboração de indicadores (BARDIN, 2016). Na presente pesquisa, determinou-se que o material analisado corresponderia às respostas às perguntas finais de cada encontro, uma vez que, nesse momento, procurou-se condensar em falas mais ou menos organizadas de cada participante suas impressões sobre o texto trabalhado, sobre a conversa entre as mulheres e sobre suas experiências pessoais.

Compreende-se que a escolha dos documentos respeita as regras estabelecidas por Bardin. São elas: (1) exaustividade, significando que, uma vez definido o corpus, este deve ser levado em conta em sua integralidade, ou seja, deve ser inteiramente acessível; (2) representatividade, por quanto se entende que as respostas às perguntas finais de cada encontro representam uma amostra da discussão que as precedeu, mas que são, também, uma condensação satisfatória das percepções de cada participante a respeito da discussão do grupo; (3) homogeneidade, garantia de que as informações referem-se a temas específicos e foram coletadas utilizando técnicas idênticas e participantes semelhantes entre si e (4) pertinência, em que o material a ser analisado se mostra adequado aos objetivos que se tem com a análise.

O segundo momento da análise de conteúdo foi a exploração do material, ou seja, quando se deu a análise propriamente dita. Foi realizada a codificação dos dados do texto por categorias temáticas. Para isso, realizaram-se dois movimentos: um desmembramento dos relatos das participantes e posterior reagrupamento dos excertos desses depoimentos, tendo como base alguns critérios ou temas. A definição

dos temas pode-se dar de duas formas: (1) quando as categorias são definidas *a priori* ou (2) quando as categorias são estabelecidas quando do contato com o material a ser analisado. Optou-se pelo segundo método.

6.5 Procedimentos éticos

A pesquisa foi realizada de acordo com os requerimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos preconizados pela Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, pela Resolução CNS/MS 510/2016 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. A aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa consta no parecer Nº 5.017.525, de 04 de outubro de 2021. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) foi enviado via *WhatsApp* para as participantes, que consentiram com os procedimentos e riscos da pesquisa.

7 RESULTADOS

Os encontros iniciavam com a apresentação do tema a ser discutido e leitura da coluna escolhida pela coordenadora. Em seguida, as participantes passavam a expor suas impressões acerca do conteúdo do texto, a partir de um questionamento: Como Clarice formula suas ideias e as transmite às leitoras. Esse procedimento possibilitou que as integrantes do grupo, num primeiro momento, se familiarizassem com o tema proposto e, a partir disso, pudessem refletir sobre as condições impostas às mulheres ao longo dos anos e sobre suas próprias experiências e de pessoas próximas. Embora esse primeiro momento não fizesse parte do conteúdo a ser analisado, os relatos durante as discussões dos textos já antecipavam temas posteriormente detalhados ao final dos encontros, quando eram estimuladas a refletir especificamente sobre suas vivências.

Nos últimos momentos de cada reunião, as participantes receberam uma pergunta a respeito do tema tratado no dia. A discussão estabelecida foi categorizada e analisada. A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016), foram separadas três grandes categorias, de acordo com os temas propostos. Das discussões emergiram subcategorias. Na categoria corpo e beleza, surgiram as subcategorias (1) influências externas, (2) autoaceitação e (3) noção de beleza; para a categoria relacionamentos amorosos e constituição familiar, surgiram as subcategorias (1) qualidade dos relacionamentos amorosos, (2) influências familiares e (3) autoconhecimento e autodescoberta; e, para a categoria trabalho, surgiram as subcategorias (1) busca de realização pessoal, (2) autoconceito, (3) dificuldades impostas pelo meio e (4) busca por validação externa. No que tange às unidades de texto a serem destrinchadas, optou-se pela análise de frases. Dessa forma, o contexto a que se referem as participantes em seus discursos será adequadamente apreendido.

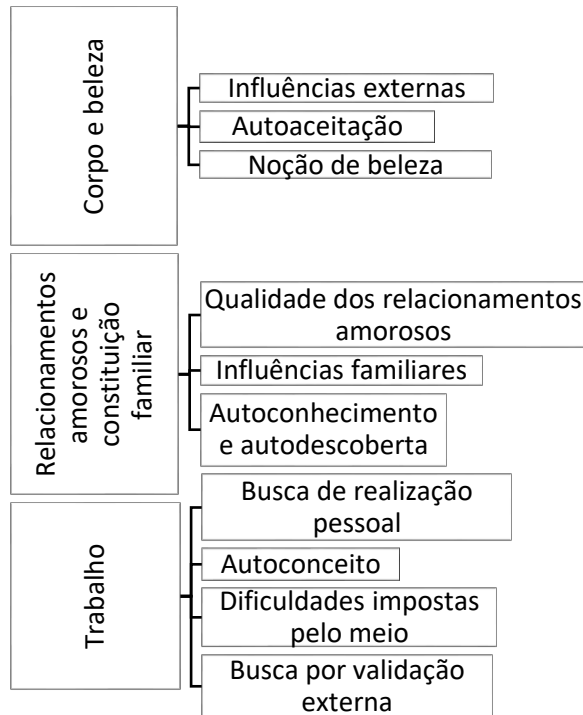


Figura 1 – Categorias e subcategorias emergentes das discussões das participantes

Adiante, serão explicitados os efeitos da leitura das colunas nas reflexões e discursos das integrantes dos grupos. Depois, serão apresentadas as categorias referentes aos relatos feitos na parte final de cada encontro. Por fim, serão demonstrados os símbolos conectados à imagem de mulher, relatados pelas participantes.

7.1 Leitura das colunas femininas

Em todos os encontros, a discussão sobre o tema proposto iniciou a partir de um questionamento feito pela coordenadora que remetia ao texto lido. No primeiro deles, foi perguntado “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher e sua relação com o corpo e a beleza e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”. No segundo, o questionamento norteador foi “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher, as relações amorosas e a família e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”. No terceiro e último, as discussões dos grupos se deram influenciadas pela questão “Como Clarice formula suas ideias sobre a mulher e o mundo do trabalho e qual posicionamento acerca disso ela transmitiria às leitoras?”. A coordenadora pode notar que a leitura dos textos pareceu ter funcionado

em duas direções: como auxiliar no encaminhamento para uma discussão de um ponto de vista pessoal de cada participante e como possibilidade de reflexão acerca dos comportamentos sociais. A seguir, as reações às leituras das colunas foram separadas por temas.

7.1.1 *Corpo e beleza*

As três participantes do G1, P1, P2 e P3, concordaram que excertos do texto de Clarice “O Dever da Faceirice” (ANEXO A) poderia ser dito a elas por suas mães, tias e avós. P1 chegou a comentar que o conteúdo a tocou em um lugar muito pessoal e que isso dificultou que discorresse sobre ele, mas, já no primeiro relato, trouxe assuntos de sua vida. As outras participantes também disseram se sentir afetadas pelo conteúdo da coluna escrita por Clarice. É de se pensar que essa relação de todas com a primeira coluna lida tenha influenciado para que os compartilhamentos desse grupo atingissem um patamar de intimidade que não foi possível no G2.

As três participantes observaram alguns problemas nos posicionamentos da autora, conforme demonstrado nos trechos a seguir:

Pra mim, nesse momento, século XXI, algumas coisas são inconcebíveis [...] Pra época, ok, fazia algum sentido, mas nem tanto, porque já tinha o sufrágio, os primeiros momentos do feminismo que questionam essa questão. Ainda não tão fortes talvez, mas já trazem isso. (P1)

No momento atual, eu acho que muitas coisas mudaram em relação à gente poder. Nós construímos nossa beleza pra nós mesmas e não no pensamento do homem que tá do meu lado. Porém, acho que isso ainda tá em construção e acho que a gente, o meu sentimento é de que, sim, esperam isso de nós mulheres. (P2)

Essa ideia de faceirice pra mim, com a gente [mulheres negras] tende a ser hipersexualizada, vem quase como natural. (P3)

Elas assinalaram como se sentiram a partir da leitura do texto, compartilhando exemplos pessoais que retratassem os aspectos nos quais foram tocadas. Pode-se observar esse movimento nas seguintes falas:

É uma questão que pra mim é meio dúbia porque eu me entendo em partes desse texto, mas, ao mesmo tempo, o que é exigido parece que deveria ser mais natural pra mim: a ideia da faceirice, que é você tá bem vestida, bem apresentável, sexualmente disponível pro seu parceiro. (P3)

[...] quando comecei a trabalhar, a minha conduta precisava ser muito rígida, muito o terninho, o social, pra não parecer menos profissional. (P1)

[...] eu vivi muito isso dentro do Direito, que a gente tem uma pressão pra se vestir de social e vestido, meia-calça, salto alto, maquiagem, cabelo escovado, tá apresentável pro seu cliente e se você é uma mulher num lugar de liderança, você é sempre colocada como incisiva, arrogante. São lugares muito difíceis de ocupar e acho que o texto mexeu comigo nesse sentido, a fala de vocês também. (P2)

A função de auxiliar na subjetivação do relato aparece também no discurso de P6, durante o primeiro encontro, sobre a coluna “O Dever da Faceirice”. Ela se questiona sobre sua compreensão da leitura ter sido influenciada pelas próprias experiências:

Não sei até onde tem eu e até onde tô conseguindo interpretar a Clarice. (P6)

Em momento posterior do mesmo encontro, a participante demonstra ter sido tocada pelo texto, ao comentar como se sentiu a respeito da ideia da mulher se esforçar para manter o interesse masculino e o casamento. Ela ponderou que, às vezes, se comporta da maneira indicada por Clarice para suas leitoras dos anos 50 e concluiu:

Me incomoda, mas, ao mesmo tempo, não me incomoda. Faz sentido pra mim, mas incomoda. (P6)

P6 ainda comentou acerca da possibilidade de Clarice fazer alguns questionamentos sobre a estrutura social da época no seguinte excerto: “A mulher que ama a um deles tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?” (LISPECTOR, 2006, p. 15). Para a participante, Clarice poderia estar incitando a reflexão sobre a obrigatoriedade de se comportar de determinadas maneiras para manter o marido. No entanto, considerando que utiliza o verbo no presente e, também, o aparente reconhecimento de que se esforça, ela mesma, para a manutenção do

interesse do outro, é possível que seu discurso atravessasse o tempo e diga respeito também a hoje:

Ela tá questionando um pouco. É cansativo, é tolo, mas que se há de fazer? A gente casa e tem que manter o marido. Sempre vai ter outras mulheres e a ideia é que se tenha um só casamento. (P6)

A leitura de P6 parece, portanto, ter auxiliado para que sua participação fosse permeada de subjetividade, ao mesmo tempo em que citou fragmentos de crítica ao contexto social da época feitos por Clarice Lispector.

Para P5, “O Dever da Faceirice” trouxe duas possibilidades simultâneas:

Tem a coisa do padrão da mulher, que tem que tá impecável, perfeita, que a gente tem que combater. Mas tem a coisa da conquista, do erotismo no casamento, que daí eu acho que envolve outras questões. Tanto da mulher quanto do homem também. [...] Isso é uma coisa. Outra coisa é ter que se arrumar e se vestir de determinada forma. Isso, hoje em dia, acho que não cabe mais. (P5)

P7, por sua vez, levou à discussão uma visão mais voltada para o social, que demonstra um posicionamento crítico ao que Clarice escreveu:

Eu achei que colocou muita responsabilidade em cima da mulher. Você tem que fazer isso, fazer aquilo. Não existe um contraponto. [...] você tem que fazer isso e aquilo e aquilo pra agradar o outro. Achei um pouco machista. (P7)

P5 e P7 parecem ter sido tocadas por uma perspectiva de análise social da época em que os textos foram escritos, embora, para P5, pareça fazer sentido, ainda hoje, em determinados contextos, manter os cuidados com a aparência propostos por Clarice.

7.1.2 Relacionamentos amorosos e constituição familiar

Assim como ocorreu com P6 no primeiro encontro do G2, o incômodo foi uma sensação relatada por P3, no segundo encontro do G1. Sobre o texto “Espírito” (ANEXO B), a participante se questiona sobre o que é permitido à mulher:

Eu tô processando ainda esse texto porque bate num lugar [...] eu sempre escutei que uma mulher engraçada é feia [...] parece que nega pra gente alguns matizes. Então, incomoda um pouco, bate num lugar estranho pra mim. (P3)

Outra questão que gerou a mesma sensação foi a ambiguidade do texto, percebida pelas participantes. P3 parece ter realizado um movimento de trazer para si a leitura e relacionar o conteúdo do texto e as sensações suscitadas por ele com as próprias vivências, conforme se observa no seguinte excerto:

Por um lado, essa ambiguidade me incomoda, por outro, a gente tá sempre aprendendo e desconstruindo. [...] Nem sempre eu tenho posicionamentos que estão tão de acordo com a minha linha moral ou o que quer que seja, às vezes a gente escorrega. Em algum nível, para gente sobreviver, a gente vai se flexibilizando. (P3)

Inicialmente, P3 relatou sentir “ranço” de Clarice, por entender que a escritora estaria negando às mulheres a possibilidade de serem engraçadas e de fazerem piadas. Seu posicionamento mudou ao reler o trecho final da coluna que descreve: “Até que certa manhã o hábito foi muito longe e a pobre teve que engolir cinco, passando então a não achar graça nenhuma. Bem se pode ver a diferença entre o humor masculino e feminino” (LISPECTOR, 2008b, p. 31). A participante relatou perceber um tom de crítica e de ironia por parte da autora, ao, de certa forma, demonstrar o teor agressivo do comportamento masculino.

P4, mostrou-se em dúvida quanto ao tom do discurso clariciano, parecendo tomar uma posição de crítica à postura da escritora:

Do ponto de vista hoje, com todas as lutas, eu fico muito sem entender Clarice. Não sei se ela fazia uma crítica ou se, de fato, era toda a questão da sociedade da época. (P4)

No G2, as participantes foram afetadas especialmente pela temática do humor retratado no texto. Após ler a última frase da coluna de Clarice – “Bem se pode ver a diferença entre o humor masculino e feminino.” (LISPECTOR, 2008b, p. 31) –, P6 comentou, em tom de piada: “E a escrotidão (*sic*) também, só pra constar”. A isso se seguiu uma discussão entre as participantes sobre os efeitos do humor feminino e do masculino e os propósitos que se tem com ele. Alguns comentários se destacam:

Principalmente quando a P6 fecha ali, eu penso muito que é muito fácil tirar sarro de um grupo que a gente dita como minoria, então essas pessoas são o foco, então todo mundo tirar sarro até porque justamente já sofrem isso durante a vida (P8)

Sempre é machista a piada do homem. Difícil que seja engraçada genuinamente. Sempre tá diminuindo o outro. (P7)

Até uma parte que me lembrou do texto, [...] ela fala aqui: “A prova é que todos os escritores de piadas são homens.” [...] Como é escrito por esses homens privilegiados, vai ser a partir da lógica deles. E cadê elas? Claro, nessa época, 1960, acho que o lugar da mulher era muito diferente do lugar da mulher hoje em dia. E ao mesmo tempo não é, não sei. (P5)

O efeito da leitura do texto nas participantes não foi tão pessoal. A discussão se deu em um nível de análise das questões sociais que permeiam a ação de mulheres e homens. P8 comentou sobre a posição de Clarice a respeito das diferenças entre os dois gêneros ao escrever o texto:

Ali ela tava tentando [militar em favor das mulheres]. Esse texto, feito na época e para a época, talvez sozinha ela não conseguisse, mas em grupo... (P8)

Quem trouxe relatos pessoais foi P6, que contou uma situação com um amigo e uma amiga para exemplificar seu ponto de vista sobre o humor masculino:

Eu tava com um amigo e a gente tava falando de comida. Chegou uma amiga minha e eu tava perguntando se era boa. Ele respondeu que não tinha provado ainda. Ela não entendeu, eu levei um tempo pra entender. Idiota. Escroto. Piada escrota. (P6)

Para P6, homens, com frequência, fazem piadas sexuais com mulheres, mas têm muita dificuldade de achar graça ou mesmo de entender as piadas feitas por elas. As mulheres, por outro lado, riem de si mesmas com a mesma facilidade que se divertem com situações que envolvem outras pessoas:

É muito engraçado tirar sarro de homem, gente. É muito engraçado. Eu amo, eu tenho como um hobby. Porque homem não consegue, eles não riem. Eles entendem... às vezes não entendem também. Tem uma coisa ali de faltar alguma coisa, mas homem é uma praga, cara, é umas piadas horríveis e eles são ruins de receber algum tipo de crítica [...] Eu sinto a diferença de fazer uma piada com mulher e ela rir. (P6)

A partir dessa temática, adentraram discussões sobre a permissão dada às mulheres de falar sobre sexo e atuar em prol de uma sexualidade livre. O nome da humorista brasileira Tatá Werneck foi citado e seu trabalho, amplamente debatido. As integrantes enxergaram nela uma artista que faz piada sobre sexo, traição, entre outros temas-tabu. Nesse ponto, P8 comentou sobre o contexto de sua família, em que a repressão viria, inclusive, de mulheres:

Eu posso falar [sobre sexo] com a minha mãe, minhas primas, mas minha tia não, que ela acha que é pecado. Sexo é só pra procriação parece. (P8)

A união das vozes de P6 e P8, que se destacaram no G2, pode ser vista como grande influência para que as vivências desse grupo, durante os encontros, tenham sido diferentes das do outro, uma vez que as participantes estariam mais dispostas a pensar sobre os problemas ao seu redor e não apenas sobre as perspectivas que mais as concernem individualmente.

O tema dos relacionamentos amorosos e da constituição familiar não foi diretamente discutido durante essa atividade do segundo encontro do G2. No entanto, ao conversarem sobre a objetificação da mulher e a estrutura social que silencia e sexualiza elas, também estão tratando das relações amorosas e familiares entre pessoas de ambos os gêneros.

Importante notar ainda que, embora na discussão do G2, esses relatos não tenham permeado as experiências pessoais, foram prelúdio para os assuntos que emergiram na segunda parte do encontro, momento em que debateram a respeito de suas experiências.

7.1.3 Mundo do trabalho

Após leitura do texto “A Irmã de Shakespeare” (ANEXO C), P3 levou à discussão, ainda no início do encontro, a questão de ser negra em um ambiente de trabalho majoritariamente branco.

Eu tô o tempo inteiro lidando com mulheres acadêmicas que, enfim, a maioria tem uma formação feminista também, mas, quando a gente vai pensar em relação de classe, de raça, sempre tem uma surpresa de eu não coincidir com o que é esperado para o meu cargo. (P3)

A leitura do texto parece ter contribuído para que P3 acessasse e compartilhasse suas experiências. Seu relato encontrou escuta em P1, que comentou sobre a própria experiência em uma universidade estrangeira:

Quando eu leio esse texto da Clarice, eu fico pensando nessa coisa de oportunidades. Uma coisa que a P3 comentou e que eu procurei, quando comecei [...] era quantas pessoas negras eu ia encontrar [...], quantas mulheres negras eu ia ver na minha faculdade? E até agora foram três na faculdade toda. (P1)

A problemática levantada acerca do acesso às oportunidades, porém, não se limitou à realidade das pessoas negras. P1 relatou o que ela mesma enfrenta, demonstrando que também foi incitada pela leitura a refletir sobre suas experiências:

Eu entendo quando Clarice traz esse texto de William pode fazer tudo, não quer dizer que foi fácil, mas ele teve oportunidades. E ela [Judith] não. Ela não teve e foi tão frustrante a ponto de não ser possível viver com essa frustração. Às vezes, eu me pego pensando ‘o que eu tenho que fazer mais? Eu tenho que fazer o dobro, então, pra conseguir tá nesse espaço?’ Então eu vou fazer, mas tem dia que cansa e dá vontade de só largar tudo. (P1)

A temática das oportunidades concedidas às pessoas se relaciona com a descrição do que Shakespeare teria tido acesso – “frequentara escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio [...] Começou por empregar-se como ‘olheiro’ de cavalos, na porta de um teatro, depois imiscui-se entre os atores, conseguiu ser um deles” (LISPECTOR, 2006, p. 125) – enquanto Judith “não seria mandada para a escola” (LISPECTOR, 2006, p. 125) e, em casa, precisava seguir as ordens dos pais – “mandavam-na cerzir meias ou vigiar o assado” (LISPECTOR, 2006, p. 125).

A troca entre P1 e P3 pode indicar que, à medida em que os encontros do grupo aconteceram, a confiança e intimidade entre as participantes e a coordenadora foi sendo construída, aumentando a disponibilidade para compartilhar experiências pessoais, em paralelos diretos entre o que foi lido no encontro e o que foi experienciado em suas vidas particulares.

No G2, as discussões sobre o texto foram direcionadas para uma análise do ponto de vista social. Quando perguntadas pela coordenadora sobre o porquê de Clarice ter escolhido a história da irmã de Shakespeare para construir sua coluna feminina, P6 e P8 responderam:

Tem uma provocação? Eu acho que tem, dá pra sentir. Bruta? Não é bruta. Eu fiquei com essa impressão [...] Aí, sim, ela tá provando que uma mulher não teria feito uma obra, não teria conseguido fazer uma obra se fosse Shakespeare, se tivesse nascido mulher. Eu fico com essa impressão, quantos Shakespeares a gente perde? [...] Se você tem uma mulher que foge, tudo bem? Não é tudo bem. (P6)

Porque é muito injusto você ser colocada nessa caixa, sendo que, na época, a mulher não tinha nem condição [...] Eu acho que ela, talvez, [quisesse dizer] que não dá pra comparar as chances de um cara e de uma mulher porque as chances nunca foram as mesmas. (P8)

P6 parece ter sido motivada, em sua resposta, pelo excerto da coluna sobre a fuga de Judith de um casamento arranjado no interior onde nasceu em direção aos teatros de Londres, da mesma forma que fez Shakespeare. P8, por sua vez, assim como as participantes do G1, ateu-se à problemática das oportunidades dadas aos homens que não seriam oferecidas igualmente às mulheres. As duas, no entanto, não se identificaram com o texto ao ponto de trazerem, naquela parte da discussão, relatos pessoais, mas fizeram algumas comparações sobre o que seria permitido ou não ao gênero feminino hoje, como na seguinte fala de P8:

Um exemplo hoje é mulheres que não querem ter filhos. Como assim você não quer? E seu instinto maternal? (P8)

Esse comparativo já dava indícios do que surgiria como tema na discussão sobre as próprias experiências na segunda metade do encontro.

Em suma, aparentemente, a leitura das colunas femininas escritas por Clarice Lispector entre os anos 1950 e 1960 auxiliaram as mulheres a acessarem conteúdos íntimos, os quais, segundo elas, não são compartilhados com frequência em suas vidas. O fato de se tratarem de descrições de uma época distante da que elas estão inseridas – afinal, passaram-se mais de 60 anos entre os escritos da jornalista e a leitura feita nos grupos – também pode ter contribuído para a construção de suas reflexões. Por vezes, as participantes se depararam com a percepção de que sua

realidade não difere tanto do que acontecia em meados do século XX. Alguns relatos demonstraram que, comportamentos, expectativas e valores morais das participantes estão intimamente conectados com o que se esperaria das mulheres descritas nas colunas de Clarice.

7.2 Corpo e beleza

“Corpo e beleza” foi tema do primeiro encontro entre os grupos. Constituiu-se, assim, como uma categoria dos presentes resultados, na qual é abordado o conteúdo discutido entre as participantes acerca do modo como enxergam seus próprios corpos e os de outras pessoas, bem como o que influenciou, ao longo de suas vidas, para que chegassem à visão que têm hoje.

7.2.1 Influências externas

Na presente categoria, tem-se, por objetivo, tratar do que emergiu nas falas das participantes sobre as influências externas para a constituição de suas imagens corporais, tanto sobre os aspectos positivos quanto sobre os aspectos negativos.

A mídia, as redes sociais e a sociedade como um todo apareceram como influências para uma construção de si, cuja origem foi questionada: seria como elas se enxergam, de fato, ou como aprenderam a se enxergar, apesar de não acreditarem nisso? Essas percepções surgiram, sobretudo, no encontro que tratou sobre o corpo e a beleza.

“Eu realmente acho isso bonito ou aprendi que isso é belo?”, perguntou-se P1 no texto que escreveu em resposta à questão proposta pela coordenadora. Isso resume boa parte do que surgiu como assunto dos dois grupos quando se tratou das influências que sofreram ao longo de suas vidas – e que ainda sofrem – quanto aos seus corpos e aos cuidados estéticos e de saúde. A mesma participante declarou:

É uma eterna militância contra mim mesma, de ‘por que que eu estou me julgando por isso?’. É porque eu realmente acredito que isso não é o que eu quero para mim ou é porque eu aprendi que não é o bonito, que eu não posso me sentir bem nesse corpo em que eu estou porque ele não é dentro de um padrão imposto pela... pela mídia, ou socialmente, meio que dentro disso? (P1)

Outra integrante revelou algo semelhante, como se, por vezes, suas escolhas quanto ao que fazer com o próprio corpo, vestimentas e cuidados estéticos fossem realizadas de modo automático:

São lugares de não tocar, pra mim, tava sendo mais confortável, sabe? Eu vou vivendo, vou cumprindo isso aqui, vou indo... não me importa muito, não me interessa muito e eu faço porque eu tenho que fazer. Às vezes, eu gosto, às vezes, eu só faço, né? É isso. (P3)

A isso, assemelha-se o discurso de duas outras participantes que, embora não tenham contado experiências próprias, compartilharam percepções a respeito das atitudes das pessoas:

Não me parece que a pessoa... ah, talvez ache bonito mesmo, parece muito mais automático. 'Não, faz aí, ninguém tem cabelo cacheado. Faz aí, vai fazer esse cabelo'. Sabe, assim?: 'Vai por essa saia', também tinha essas questões 'seja mais menina'. (P6)

Eu acho que isso mudou. Isso mudou bem rápido, eu acho, porque, hoje em dia, mudou muito, hoje em dia, tem muita gente com cabelo enrolado. (P7)

As falas de P6 e P7 direcionaram a discussão do G2 para os padrões de beleza impostos pela sociedade, conforme se observa abaixo:

Acho que essa coisa agora tão escancarada assim, mudou, mas eu acho que ainda tem essas coisas muito sutis que às vezes é até difícil da gente perceber também, né, por isso que a gente tem que estar mais atenta para essas coisas. Eu também acho que ainda existe muito, mas tá mais sutil assim, talvez se encobre né, por essas outras capas de revistas de agora, também [...] (P5)

Acho que ficou mais sutil mesmo, mas ainda existe muita questão, não acho que tenha tido uma super evolução, às vezes, a gente acha que evoluiu porque tá assim na nossa bolha, mas, às vezes, a gente olha para o lado, e a gente vê umas coisas assim muito, às vezes, relacionadas a mulheres, muito pesadas, muito machistas. (P7)

As participantes relataram terem sofrido grande influência de familiares e pessoas de seu convívio direto, que as levaram a comportamentos de pouca aceitação de si mesmas fisicamente. Alguns exemplos são as seguintes falas:

[...] das pessoas que falavam 'ah por que você não faz isso? porque...'. Não sei, vou dar exemplos meio bizarros: 'por que você não depila o rosto porque tem penuginha?', 'Por que você não tira a sobrancelha a cada 15 dias obrigatoriamente?' (P3)

A noção de beleza como um padrão social, né? De ter que ser magra, tá sempre maquiada, unha pintada, tem que ter o cabelo x, enfim, acho que sempre atrapalhou na minha busca de mim mesma [...] Eu acho que esses padrões, eles aprisionam muito a gente, né? [...] A gente precisa desconstruir essas coisas dentro da gente, é muito difícil. (P5)

Eu tive cabelo liso muito tempo, de progressiva mesmo, e eu acho engraçado, porque não tinha uma tia, não tem uma mãe, não tem ninguém para falar: 'P6, não P6, não precisa, você é tão jovem, não vai pôr química'. Pelo contrário, 'não, seu cabelo, ele precisa disso, vamos fazer esse corte degradê, vamos fazer progressiva'. Não tinha uma pessoa adulta pra me dar um apoio e falar: 'P6, isso é uma loucura'. Todo mundo louco em volta de mim. (P6)

Por outro lado, a influência das pessoas é citada também de forma positiva por P5 e ganha um novo sentido dentro do grupo, possivelmente como um fator protetivo:

Eu acho que eu vivo numa certa bolha também, de pessoas que pensam parecido comigo, então, né?, eu acho que isso ajuda, né?, a não tá nesse padrão. (P5)

As redes sociais e a mídia também foram citadas pelas participantes como determinantes para encarar os próprios corpos e para constituir o que, para elas, seria uma noção de beleza.

Eu acho que as redes sociais influenciaram um pouco nessa questão dos padrões, apesar de eu achar que ainda existe um padrão em redes sociais. Tem muita gente mostrando coisas fora do padrão e você se identifica, né? Essa eu acho que é uma parte boa das redes sociais, a questão de, pelo menos, discutir os padrões. Muita gente sei lá, com outros corpos e tudo mais. Até uns anos atrás, não tinha isso, né? Tinha revista, e as revistas eram padrão. Era bem mais difícil você ver pessoas fora do padrão, se mostrando, né? (P7)

Você tem a revista que tem a mulher preta, que tem mulher gorda, que tem o homem que é trans, vai ter várias coisas que já existiam desde sempre, mas eu fico me perguntando também até onde isso é de verdade, né? Não parece, não me parece que é de verdade, tô pagando uma pessoa para fazer uma capa, pagando aqui para ter a bonequinha da minha marca falando no Twitter, assim, vai ser gorda e não parece que é a marca de verdade assim, então eu já fico meio desacreditada. Então mudou? Não sei, mas a maquiagem tá aí, né? Fico com essas dúvidas. (P6)

Das mídias sociais, eu acho que tem os dois lados, né? O que a P7 disse, de seguir páginas, né? Eu sigo várias, corpo livre, de cabelos cacheados, e acho que isso ajuda muito, mas tem também as blogueiras fitness, tem que ter mais exercício e dieta e essas coisas. Então, assim, é um outro mundo que eu não participo, né? Acho que nem chega até mim pelos algoritmos, sei lá como funciona, mas acho que tem gente que vive isso ainda. (P5)

Por ser a única mulher que se identificava como negra, P2 relatou ao grupo como lidava e lidou, durante sua vida, com expectativas em relação ao seu corpo e beleza, que, em muitos momentos, pautavam-se pelo racismo declarado ou estrutural, conforme o relato abaixo:

Ele [o corpo] é minha casa, mas, por muito tempo, eu fui ensinada que a minha beleza existia apesar da minha cor, por causa dos meus traços mais embranquecidos, como se eu fosse um estágio evolutivo n'A Redenção de Cam, né?, que sou negra, mas não tão negra assim, né? 'Ah, você é moreninha, você não é tão negra, que seu cabelo não é crespo'. (P2)

Seu ponto de vista, no entanto, não teve ressonância nas outras participantes e a diferença nas experiências de corpos brancos e negros não ganhou coro na sequência da discussão.

7.2.2 Autoaceitação

A autoaceitação diz respeito a como a pessoa se sente com a imagem que tem de si, sendo capaz de enxergar o próprio valor e ter sentimentos positivos em relação a quem é, tanto no que se refere a suas qualidades, quanto a seus defeitos. Diante da ideia de construção de si, durante as discussões, a relação com o corpo ganhou destaque e diversas foram as concepções expostas pelas mulheres.

Algumas relataram estar experienciando um processo, ainda indefinido, de autoaceitação:

Minha relação com meu corpo hoje é melhor que dez anos atrás, porém, com muita coisa a ser analisada sobre o que realmente faz sentido para mim. É estar continuamente questionando julgamentos que faço a mim mesma sobre meu peso, meu cabelo, as minhas formas. (P1)

Ao mesmo tempo que tá tudo bem, eu super... aceito o meu corpo do jeito que ele é, às vezes, eu me sinto com uma mega baixa autoestima que eu não sei nem de onde vem, e que, agora, conversando

com vocês, eu tô entendendo que, talvez, seja uma das minhas idealizações e dos meus desejos, que eu não posso cumprir com o corpo que eu tenho, né? Mas que não são conscientes. (P3)

Dúbia. Umás vezes eu adoro meu corpo, sinto prazer de estar nele, sinto prazer de olhar, e falar, um espelho, muito bem, ou de estar assim mesma. Meu corpinho, gosto muito dele, e, ao mesmo tempo, eu já maltrato ele muito, aí detesto o meu corpo. Inclusive, ontem eu passei mal, eu tenho uma questão no fígado, vesícula, não posso comer determinadas coisas, tem que fazer dieta mais regradinha, e eu ando chutando o pau da barraca, e eu vou chutando o pau, enquanto olho que estou fazendo isso, 'estou chutando o pau da barraca, P6, por que tá fazendo isso?'. (P6)

Nunca gostei do meu corpo, por isso, o relacionamento nunca foi bom. Depois de adulta, estou tentando ter mais compaixão e entendimento. (P7)

Apenas uma participante demonstrou ter uma relação menos ambígua com seu corpo, apesar do relato de, no passado, ter experienciado situações em que essa relação consigo mesma era menos esclarecida. Seu relato demonstra o que sente hoje:

Gosto do corpo que habito e o sinto como casa, mas foi um caminho de exploração e autoconhecimento, cheio de pedras e obstáculos no caminho, mas sinto que, hoje, eu consigo olhar com amor e carinho para o meu corpo, mas claro que tem seus dias nebulosos também. (P5)

7.2.3 Noção de beleza

As participantes de ambos os grupos demonstraram dificuldades em construir uma ideia do que entendiam por beleza, quando solicitadas para que escrevessem a esse respeito. No G1, apenas P3 respondeu à pergunta em seu texto e, depois de ouvi-la, P2 comentou que não havia respondido à questão. Em todos os casos em que as ideias acerca do que entendiam por noção de beleza vieram à tona, o que elas relataram ultrapassava a noção de cuidados estéticos, conforme é possível perceber a seguir:

A liberdade. Minha noção de beleza [é] que cada um possa ser aquilo que é, e que quer ser. Essa é minha noção de beleza. E as pessoas vão ser bonitas dentro disso para mim, no meu olhar, assim: eu vou estar bonita, aí todo mundo vai tá muito bonito, que vai tá tudo confortável sendo quem é, sabe? Mas é vago e... não concreto, né? (P3)

Acho que a gente tá no lugar de negação, né? Tipo: 'isso não é o que eu quero para minha noção de beleza'. A gente ainda não chegou numa conclusão do que que é noção de beleza, né? Você nega aquele lugar de 'tá... tá submetendo, enfim, em mil procedimentos estéticos', o que quer que seja, mas a gente não tem muito tempo pra parar e pensar o que que é, né?... pra gente. Quando você [P3] falou, eu percebi que eu também não respondi. (P2)

Muito da minha noção de beleza acaba por se associar com a maneira como me relaciono com meu corpo nesses momentos de autojulgamento. (P1)

Tá ligada a tudo, eu coloquei a beleza já no âmbito geral assim, sabe? Porque tem um corpo, dois corpos completamente distintos, eu sempre posso ter beleza nos dois, então não sei dizer 'ah esse, o A e o B', não, porque tem nos dois. Alguma coisa no olho, no clima, tá em tudo, não tá só numa. (P6)

Eu acho super importante, como que a gente tá cuidando da gente, do nosso corpo, né? Eu acho que não é só aparência física, mas é isso, é essa nutrição, cuidado, né? Como que eu olho para tudo isso dentro de mim, acho que vai além do físico literal assim, né? Como tavam falando: cabelo liso, maquiagem. Acho que também a nossa relação com nosso corpo, envolve essas outras coisas mais subjetivas, do cuidado, nutrição, enfim, de carinho, né? O acolhimento com a gente mesmo. (P5)

A beleza, segundo os relatos, pode ser percebida nos outros ou em si mesma. De todo modo, parece estar relacionada ao sentir-se bem consigo e ao cuidar de si não só na estética – a pele, o cabelo, a maquiagem –, mas, principalmente, no cuidado com o bem-estar físico e mental, que seria visível a quem as observa. Apenas P1 relatou conectar sua noção de beleza aos momentos de autojulgamento, dando a entender que, às vezes, pode se relacionar mais aos atributos físicos do que à saúde.

Apesar de avaliarem que o belo hoje está menos associado à condição física e à correspondência com padrões estipulados externamente do que com a autoaceitação, P5 e P7 demonstram que, no meio do caminho de suas vidas, suas concepções acerca desse assunto mudaram; em P7, com mais ênfase, em P5, de forma mais sutil:

Sempre tive a noção de beleza padrão: ser magra, cabelos compridos e lisos e com peitos de silicone. Depois, percebi que a beleza tem muito mais a ver com o comportamento, ser uma pessoa decidida e divertida, de bom humor... eu associo à beleza hoje em dia, ser bela. (P7)

Hoje em dia, eu vejo a beleza também como um prazer, como vida, né? Aquilo que colore, dá brilho aos meus dias, e essa beleza, sim, me ajuda a ter uma boa relação com o meu corpo. (P5)

Os depoimentos em ambos os grupos demonstram que embora enxerguem beleza e experienciem prazer na relação com o corpo que possuem, as participantes se veem, por vezes, desvalorizando-se fisicamente. Isso ocorre ainda que tenham consciência dos padrões estéticos pré-estabelecidos e massivamente divulgados, os quais nem sempre, correspondem ao que elas podem ou querem fazer com o próprio corpo.

Elas relataram que tais padrões sociais sofreram mudanças ao longo dos anos. Compararam a época em que eram crianças e adolescentes e hoje. Notaram, por exemplo, que há maior multiplicidade de cabelos – lisos, cacheados, crespos – e de corpos – magros, gordos, trans – retratados pela mídia e observados nas ruas. Debateram, contudo, sobre a validade dessa aparente evolução em outros círculos, questionando-se sobre suas permanências em “bolhas” que não condiriam com a realidade geral da sociedade.

Assinalaram, por meio dos textos redigidos individualmente ou de ideias construídas nas discussões em grupo, que compreendem a beleza como algo além dos atributos físicos: bom humor, felicidade, saúde e prazer foram outras atribuições que tiveram maior relevância em seus relatos do que um corpo que corresponde a padrões estéticos. No entanto, também revelaram sofrerem com pressões para atender a uma estética específica, que, disseram, é “internalizada” ou “inconsciente”, o que as levam, por vezes, a se julgarem e a se sentirem com baixa autoestima.

7.3 Relacionamentos amorosos e constituição familiar

“Relacionamentos amorosos e constituição familiar” foi tema do segundo encontro com ambos os grupos. Nessa categoria, foram abordadas situações que envolveram os relacionamentos amorosos experienciados pelas participantes. Por vezes, elas estabeleceram uma comparação com os relacionamentos de outras mulheres de seu convívio, além de vivências em seus núcleos familiares de origem.

7.3.1 Qualidade do relacionamento amoroso

Nesta subcategoria, o objetivo é tratar das dinâmicas das relações amorosas das participantes. Constam relatos tanto de relacionamentos abusivos como daqueles

saudáveis, em que ambos exercem sua individualidade, direitos e deveres sem que haja, para isso, qualquer tipo de violência.

Pode-se perceber, por meio das falas, que a experiência de terem sofrido relacionamentos abusivos, em maior ou menor grau, foi frequente entre as participantes. Seguem alguns exemplos:

O segundo cara que eu casei, ele falava isso sempre pra mim: um dia, um cara vai dar na tua cara, só pelo que você fica falando. (P6)

Eu já passei por dois relacionamentos abusivos sérios e um deles, inclusive, tem restrição pra não chegar perto de mim, então, é, é super sério isso. (P8)

Eu não tenho me relacionado com ninguém, depois de viver um relacionamento abusivo onde ocupei, sem minha anuência, um lugar de espera e de competição com outras mulheres. (P3)

Como consequências desse tipo de experiência amorosa, algumas participantes relataram ter comportamentos diferentes em relação a novos relacionamentos. P3 e P6 evitam se expor amorosamente, ao passo que P8 parece ter compreendido como lidar com situações abusivas de modo a se proteger sem, no entanto, abrir mão de viver novas relações:

Depois que eu, que eu deixei esse relacionamento para trás, eu não me relacionei com mais ninguém de forma profunda. Então, faz três anos que não tenho um relacionamento. (P3)

Aí, hoje, tem essa questão, né? Eu não consigo imaginar namorando alguém de novo. (P6)

Também já tive muito relacionamento pesado. Passei por muita coisa pesada e que, hoje em dia, não passo, então, nos primeiros sinais, já caio fora, não fico ali. (P8)

Duas participantes demonstraram terem tido experiências nas quais o relacionamento amoroso não parecia ser saudável, mas que conseguiram estabelecer novos vínculos não-violentos. É o caso de P5, que diferenciou relacionamentos do passado, do casamento que tem hoje, e de P8, que, apesar dos casos de abuso vividos anteriormente, disse estar, atualmente, em um tipo distinto e melhor de relação:

Já tive amores que foram prisão, mas, hoje em dia, tenho amores que me libertam e fazem ser quem sou hoje. (P5)

Agora, nesse momento, apesar de ter discussões, porque toda relação tem discussões e porque são duas pessoas diferentes, então vai ter um atrito normal, hoje estou começando a ter paz. (P8)

Embora P2 não faça menção direta a relacionamento abusivo, seu relato frisou a experiência de ter estado em uma relação na qual não se sentia autorizada a expressar seus desejos e necessidades como prioridade em momento algum da vida em casal:

Ela [P3] finalmente denominou, eu acho, algumas coisas, né?, que passei também, né?, no meu outro relacionamento porque, tipo, não num lugar nem de espera literal, de esperar ele vir, mas de esperar amadurecer, de esperar ser a minha hora no relacionamento, porque agora é a vez dele, que está desempregado, agora é a vez dele porque tá começando no emprego novo, agora é a vez dele porque tá com tal problema. (P2)

Por meio de outra fala, ela transparece um sentimento de perda de si quando estava envolvida com o ex-parceiro:

Há de se tomar muito cuidado para que esse lugar não nos engula, e nos faça desaparecer, que é um pouco... um pouco o que tava acontecendo comigo. (P2)

Outra participante, P7, relatou a deterioração de seus relacionamentos, dando a entender que, embora não fossem abusivos como os de outras participantes, os seus dependiam da aceitação de papéis sociais específicos. Ela citou o fato de muitas atribuições serem exclusivas da mulher, como a construção e manutenção do relacionamento e da vida familiar.

Meus relacionamentos amorosos sempre começam bem e vão se deteriorando com o tempo, variando entre momentos bons e ruins. [...] Constituir uma família é um trabalho conjunto, que envolve amor, dedicação e tempo. Acho que nem sempre as pessoas estão dispostas a isso. Acho injusto que somente a mulher seja responsável por várias questões dentro do ambiente familiar [...] Eu acho que já fui colocada e, algumas vezes, eu já me coloquei [na posição de ser a única responsável por determinados assuntos], mesmo enquanto não tinha isso [um relacionamento conjugal/familiar]. (P7)

As experiências compartilhadas pelas mulheres elucidam que, com frequência, elas foram submetidas a relacionamentos que, de acordo com seus relatos, esgarçavam suas existências. As agressões, como pode-se perceber, se dão de diversas formas: por meio de depreciação, no caso de P6, da recusa a se fazer presente e da desvalorização da parceira, no caso de P3, e de violências que chegam à esfera do criminoso, no caso de P8, para citar alguns exemplos.

Um ponto a ser notado a esse respeito é, também, a expectativa. Tanto P2 quanto P3 relataram ter experienciado uma espera constante por seus parceiros – por presença física ou pelo momento em que as necessidades deles deixariam de ser o foco para que as delas pudessem ser consideradas. Durante as discussões, essa espera foi compreendida pelas participantes como algo recorrente às mulheres em suas relações com homens, como se elas fossem, repetidamente, colocadas em segundo lugar quando comparadas a seus parceiros. Esse tipo de situação, de acordo com elas, não seria condizente com um relacionamento saudável, no qual ambos têm a mesma importância e a oportunidade de falar e de ser ouvido.

7.3.2 *Influências familiares*

A presente subcategoria trata dos conteúdos relatados que dizem respeito às situações vivenciadas por familiares e testemunhadas pelas participantes, assim como experiências das próprias participantes com outros parentes.

Ambos os grupos tiveram declarações sobre influências dentro da família no que tange as suas percepções e as vivências acerca dos temas tratados em todos os encontros. Por vezes, esses padrões foram tidos como preponderantes para a construção de ideais, sobretudo, no que se refere aos relacionamentos amorosos e à constituição familiar.

Tais influências abrangeram diversas formas de lidar com os parceiros. Alguns relatos demonstraram que as vivências na família de origem podem funcionar como fator de proteção contra relacionamentos não-saudáveis ou, mesmo, como meio facilitador da superação de situações adversas. Isso pode ser observado em falas de P4, P8 e P2:

A minha constituição familiar, ela foi sempre muito padrão, né? Minha mãe, meu pai, três irmãos. Aos 15, 14 para 15, eu perdi meu pai, faleceu, e aí eu tenho uma imagem da minha mãe independente, né?

Que ela foi atrás, que ela lutou para criar os quatro filhos, e o que eu tenho hoje em dia disso tudo, que eu trago comigo disso tudo, aliás, a questão da independência, de ter entendido que dá para viver sem a, sem a presença masculina, forte, né?, ditando coisas e tal. (P4)

Eu não fico ali pra crer, sabe? Por conta dessa minha criação que tive, por conta de, tipo, não tá gostando, não tá te fazendo bem, você não tem obrigação de ficar lá e você não tem obrigação de fazer dar certo. (P8)

Eu não venho de uma família de comercial de margarina, pois meu único referencial quando crescia era minha mãe. Isso me colocou em um lugar único em que eu não sinto que preciso de homens para sobreviver. (P2)

Apesar de dizer não precisar de homens para sobreviver, P2 reconhece, em suas vivências, diferenças importantes entre ser uma mulher solteira e uma mulher casada e assume que, quando chegou sua vez de ter relacionamentos amorosos, buscou constituir laços diferentes daquilo que experienciou enquanto filha:

Eu não tive esse modelo familiar muito certinho. Eu busquei quando foi minha vez, eu busquei esse modelo. Então, muito cedo, comecei a me relacionar. Muito cedo, eu casei. E eu experimentei o que é os dois lados, né? Ser filha de uma mãe solteira e os riscos que isso traz, até, às vezes, até de você ser lida como alguém que não é para um relacionamento, que acredite ou não, isso acontece, e o lado, tipo assim, de ser digna por estar com um homem, estar casada. (P2)

Por outro lado, P5 relatou a percepção de que, em alguns momentos de sua vida amorosa, houve reprodução daquilo que ocorre ou ocorria com outras mulheres de sua família:

Vi alguns padrões familiares se repetirem: as prisões que minha avó, tia e mãe passaram. (P5)

É importante notar que, conforme já citado na seção “Qualidade do relacionamento amoroso”, a repetição de padrões familiares que submetem a mulher a uma espécie de prisão em seus relacionamentos, no caso de P5, não a impediu de estabelecer vínculos amorosos significativos nos quais os padrões familiares foram deixados de lado quando a participante considera o contexto geral de suas relações mais recentes.

Outro exemplo de como os padrões familiares podem ser prejudiciais para o desenvolvimento dos indivíduos é o que relata P6. Durante a realização do segundo encontro, ela revelou não ter tido uma estrutura familiar que considerasse adequada. Seus pais não se faziam muito presentes no dia a dia e, muitas vezes, discordavam nas tomadas de decisão importantes. Comentou o fato de buscar, em seus relacionamentos amorosos atuais, aquilo que não pode receber em casa:

Aí vem uma vontade, que é essa família que eu nunca tive, que eu quero ter. [...] Eu vou ser a mãe, eu vou ter o filho, eu vou ter o cara que vai me ajudar a cuidar do filho [...] Eu vou salvar minha vida, eu vou me salvar pela família que eu não tive. (P6)

P6 parece evitar uma reprodução de padrões comportamentais de seus pais na tentativa de afastamento daquilo que considera problemático. Para tanto, ela se diz disposta a grandes mudanças em prol de um relacionamento, como se mudar de cidade ou de país para construir uma vida com alguém por quem se apaixone:

Se isso vai ser em outro país, tudo bem. A gente vai ter de falar duas línguas, tudo bem. (P6)

Conforme se observa nos depoimentos das participantes, o contexto familiar de origem, embora não determine o futuro de um indivíduo, mostra-se muito importante a longo prazo. Há quem se identifique com padrões comportamentais e os repita; há quem se negue a repeti-los. Ambas as situações são observadas nos relatos das participantes. A repetição serve para a reprodução de atitudes saudáveis, como P8, e não-saudáveis, de acordo com o que conta P5 sobre relacionamentos amorosos anteriores. Do mesmo modo, a recusa em fazer como os pais leva a posturas mais adaptadas à expressão de si mesmas ou, ao contrário, a comportamentos nocivos e defensivos para a própria participante, como nos casos de P5 e P6, respectivamente.

Vale notar que, embora muitas participantes tenham relatado ter vivido relacionamentos considerados por elas não-saudáveis, foram frequentes as menções sobre a importância de processos psicoterapêuticos para a compreensão de situações problemáticas e sua transformação ou seu encerramento. P5, por exemplo, em mais de uma oportunidade, comentou ter um histórico de psicoterapia que lhe possibilitou estancar as repetições familiares que a colocavam em “prisões”, de modo que, hoje, possa viver um relacionamento no qual se sente livre.

7.3.3 Autoconhecimento e autodescoberta

Os relatos de ambos os grupos caminham em três direções: (1) do reconhecimento das projeções quando da procura por um parceiro; (2) da importância das relações, que ensinam ou ensinaram algo sobre o próprio processo de individuação; e (3) o fim da relação e a experiência de estar sozinha como uma busca e um encontro consigo.

O primeiro caso aparece nos discursos de P5 e P6:

Nessas relações, eu vejo uma projeção também. Eu acho que a gente não se apaixona porque a gente se apaixonou à toa, sem ter algo nosso ali também. Então, por isso que eu vejo como esse caminho de eu me descobrindo, né?, cada vez mais. E eu não vejo como algo, assim, que só melhora exponencialmente, acho que tem altos e baixos. E, quando eu vejo, eu tô nesse lugar de novo: 'não, deixa eu sair disso'. Um processo, um caminho tortuoso. (P5)

Só entendi mais de mim, olhando para os outros, que nem a P5 falou, essa coisa da projeção cara, isso me deixa muito louca. O que eu vi nessa pessoa, cara? Não é possível que seja tão assim. Ai, é interessante, vai escavando, é aqui, é ali, é aqui e ali, hmm entendi, então tudo sou eu no final, de novo. (P6)

Em um diálogo entre as participantes do G2, a percepção de si e o processo de autodescobrimento por meio da dor e do sofrimento pode ser visualizado a partir das experiências compartilhadas:

Mas eu não queria ter aprendido dessa forma [por meio de relacionamentos abusivos]. Eu preferia terapia. Eu não queria sentir assim, eu queria só falar assim, discutir, ah legal, vou prestar atenção. (P8)

Aprender num livro, uma história. (P6)

Sim, um poema que seja, que daí é mais leve. (P8)

Coisa concreta, bem curta, simples de entender, entende? (P6)

Seria muito mais fácil, mas eu acho que, infelizmente, a gente aprende, se transforma, muito pela dor e pelo sofrimento. (P5)

Embora o foco da conversa entre elas fosse o fato de terem vivido situações difíceis, que as fizeram sofrer, é importante notar que está presente também a ideia de que somente por meio da experiência, do colocar-se no mundo e em relação, que o aprendizado sobre quem se é e a transformação de si são possíveis.

Ainda sobre dificuldades e dores envolvidas na vivência dos relacionamentos amorosos, P2 discorreu sobre os desafios enfrentados por uma mulher, mais do que ocorre com homens, para se manter em evidência dentro de um relacionamento, e sobre o quanto é preciso lutar, muitas vezes, para não se deixar invisibilizar em meio à relação com o outro.

Ao mesmo tempo, ir desaparecendo dentro do relacionamento, né? Você começa a ser lida quase como extensão do parceiro, então é uma...é uma briga, eu acho, para a gente existir enquanto sujeito, né? Não só na família que a gente vem, né? (P2)

O fim da relação como possibilidade de se descobrir apareceu no discurso de P3 – que havia descrito um relacionamento, por ela, considerado abusivo e fala sobre a importância de estar só no momento.

Eu me privei de construir relacionamentos amorosos para poder me reconstruir internamente. (P3)

Assim como a minha irmã constrói com o marido dela e os filhos dela, eu construo a minha vida comigo mesma. Às vezes, é muito solitária, às vezes, o solitário é muito bom também. Eu gosto muito dessa ideia, e, muitas vezes, com a contribuição de... de amigos que também se constrói, constroem a vida deles assim. É isso” (P3)

Durante as discussões, foi notório que um relacionamento pode ser receptáculo de projeções – e, em diversos momentos, para as participantes, assim se deu. Desse modo, elas expuseram a compreensão – anterior ou durante a vivência – de que, diversas vezes, buscaram ou encontraram no outro aquilo que era delas mesmas. Não menos importante é a possibilidade de estar sozinha. Tendo em vista que algumas dessas mulheres saíram de relações abusivas, a concepção da solidão ou do estar sozinha, sem um parceiro, por um período após o término se mostrou importante para o autoconhecimento e para a transformação pessoal, tanto quanto para a vivência amorosa.

7.4 Mundo do trabalho

O trabalho foi tema do terceiro e último encontro dos grupos. Foram levantadas discussões acerca da realização pessoal por meio das atividades laborais, a imagem que se tem de si mesma enquanto profissional, os desafios impostos pela sociedade para que elas conquistem seu espaço no que se refere às práticas que escolheram desempenhar e a busca por validação externa por meio da atuação em suas profissões. Embora os conteúdos que surgiram das conversas entre as participantes tenham sido divididos em quatro subcategorias, a questão do trabalho foi a que apresentou subcategorias mais conectadas entre si, conforme será mostrado a seguir.

7.4.1 Busca de realização pessoal

Esta categoria contempla os relatos nos quais as participantes avaliaram se encontravam ou não um modo de se sentirem satisfeitas e felizes com suas profissões. Os discursos das participantes caracterizam ambos os tipos de relação: tanto uma realização, quanto uma sensação de obrigação que reflete falta de conexão pessoal com as atividades laborais:

É uma relação de conflito. Hoje me questiono constantemente se é o certo, se é o que realmente quero e, principalmente, o quanto estou disposta a me manter nele. (P1)

Amo trabalhar, e eu amo mesmo, e me sinto ótima quando consigo produzir e ser útil, tanto pra mim quanto pros outros. (P6)

Embora P6 tenha relatado amar trabalhar e se sentir útil profissionalmente, durante o debate com a outra participante, disse não ter sido sempre assim. Quando era funcionária contratada, sentia grande dificuldade para impor limites e sofria com os comportamentos de seus colegas e superiores, o que lhe causava, à época, problemas de saúde, ainda que gostasse de se ocupar com um ofício. Sua relação com o trabalho foi transformada quando passou a ser autônoma.

Quando eu chego no limite, já tô chorando, já tô humilhada, já tô morrendo, já tô ‘chega, chega, não aguento mais ninguém’, então, desde então, tenho que trabalhar com as ideias que eu tenho, e isso me dá um certo tipo de confiança, né? Porque, a partir da minha cabeça, deu certo. (P6)

Os relatos apontam que as participantes buscam em suas atividades profissionais mais do que retorno financeiro. Entendem que o trabalho deve suprir as próprias necessidades de realização pessoal e de felicidade. Mais do que isso, o depoimento de P6, associa o potencial para o adoecimento quando não se pode sentir bem com aquilo que faz.

7.4.2 Autoconceito

Por autoconceito, entende-se a imagem que o indivíduo constrói de si mesmo. No quesito trabalho, as ideias trazidas pelas participantes giraram entre a dúvida e o questionamento, ainda que tenham transparecido também uma tentativa de autovalorização e de consciência de suas capacidades. É o que se nota nas falas a seguir:

Minha pergunta constante é se realmente sou boa o suficiente para esses espaços ou se sou só chata e insistente por achar que preciso estar neles. (P1)

Eu tenho preconceito muito grande comigo mesma. Então, deu certo, estudei pra isso, não tô falando besteira, enganando ninguém. (P6)

Uma das participantes, P8, também disse que sofria com cobranças impostas por ela mesma, que seriam irreais e injustas. Entretanto, seu discurso traz tanto o que seria uma imagem de si, quanto o que seriam preconceitos de seus pares e/ou clientes. Os preconceitos seriam dificuldades que não precisariam dizer respeito ao que ela pensa sobre suas capacidades profissionais ou ao que cobra de si mesma:

Visualmente, eu não tenho problema nenhum aparentemente. Mas tem certas coisas que eu não posso fazer, então, às vezes, as pessoas falam 'então você não é boa professora, porque você não sabe fazer isso'. Só que não existe isso, sabe? Então, é uma cobrança minha comigo mesma. (P8)

7.4.3 Dificuldades impostas pelo meio

As dificuldades impostas pelo meio citadas pelas participantes perpassam alguns preconceitos, como relatado por P8, quando disse ter sua capacidade como professora questionada por não conseguir realizar determinados exercícios com seu

corpo. A mesma pessoa considera que o capacitismo e a LGBTfobia também são dificuldades enfrentadas em seu campo de atuação. Parece ser o machismo, no entanto, o tema que mais a toca:

É muito difícil, por conta de, principalmente, do machismo, porque... é complicado, porque a gente tem, que nem eu te falei, a gente tem que provar dez vezes a mais. O porquê a gente sabe, todo esse negócio, ainda mais pela minha fisionomia, eu não tenho um corpo padrão, então eu tenho que ir além. Eu tenho que, todos os estudos aí que eu te falei, tem que fazer tudo isso e mais um pouco, e ainda não é suficiente, sabe? [...] Já aconteceu do cara achar que não sou boa o suficiente porque eu sou uma mulher treinando um cara. (P8)

O machismo foi citado como uma dificuldade enfrentada no ambiente de trabalho, também, por P2:

De repente colocar o Direito como um lugar mais difícil de transitar, né? Como mulher, como mulher negra. A academia ainda é o lugar que eu sinto mais isso... essa, esse lugar de impossibilidade né?, de limitação assim, conseqüentemente, de sofrimento, a medida que... enquanto eu quis ocupar esse espaço, né? (P2)

A fala dela acrescenta outra camada à discussão: sua experiência, segundo ela, a coloca em maior vulnerabilidade na busca por um espaço no mercado de trabalho por ser, além de mulher, negra. Como forma de se proteger dos sofrimentos que a exposição a esses contextos lhe causava, P2 decidiu afastar-se da vida acadêmica, embora se mantenha em um emprego dentro de uma universidade. Isso se dá, sobretudo, por ter compreendido que existem outras formas de criar conhecimento, conforme explicita em seu relato:

Eu acho que eu me retirei dessas situações pra, pra não me colocar nesse sofrimento e também... por desilusão com o espaço talvez, achar que tem outras, tem outras formas de construir epistemologia, pensando no que coloca, sabedorias ancestrais africanas, algumas coisas que o Nego Bispo fala também. Enfim, são ideias que ainda não tão muito consolidado na minha cabeça, mas eu preferi procurar outros espaços, pelo menos, por enquanto. (P2)

Para P6, as dificuldades no que se refere a trabalho não se dão tanto no ambiente profissional, uma vez que, em sua atuação, não se expõe a contextos majoritariamente masculinos. Suas colocações a esse respeito envolveram duas

questões: primeiro, a dificuldade de exercer sua profissão fora de casa sendo mãe solo e, segundo, a desvalorização social do que escolheu para fazer.

A participante relatou que gostaria de ter mais tempo para estudar e trabalhar, mas que, por precisar cuidar da casa e de um filho sozinha, acaba sempre muito cansada para realizar atividades além de sua rotina diária:

É uma carga cuidar de uma criança, manter a casa, os bichos, estudar e ainda trabalhar para manter tudo. Aí se fosse homem seria diferente? Com certeza, porque eu não taria cuidando de um filho, né? A mãe dele estaria cuidando de um filho. Eu gostaria de não ser um cretino, mas ser pai é bem mais fácil para trabalhar, né? (P6)

Tem alguém para deixar o [nome do filho] de vez em quando? Tem. Apoio? Não. Vão entender? Não. Sabe assim? Então, isso me gera muita ansiedade. (P6)

A desvalorização do que escolheu como profissão aparece de duas formas em seu discurso: quando fala sobre ter estudado arte e sobre ser astróloga, como é possível perceber pelos excertos abaixo:

Um medo enorme por eu tentar ser artista num local que a arte não é valorizada, né? Nem apoiada, né? (P6)

‘Quando você tá falando ser astróloga, tá falando sério?’ Não dá, acho um absurdo até às vezes. ‘Como que vai ser astróloga?’ Mas dá, né? E deu, na verdade. Tem que ficar com essa, me lembrando. (P6)

Nessa fala de P6, percebe-se, também, uma relação com a subcategoria “Autoconceito”, uma vez que ela relatou que, ao ter a validade de sua profissão questionada pelo outro, tinha que “se lembrar” que a escolha de trabalhar com isso foi acertada e se justifica.

Um breve diálogo entre as duas participantes do G2 ressalta algo que elas trouxeram durante todo o encontro: o cansaço.

É mais fácil ficar em casa, cuidando de uma casa, do que sair e ficar matando leão todo dia. (P6)

É, e, tipo, é muito difícil, mas, ao mesmo tempo, tem que ter alguém ali para fazer isso, sabe? É uma dualidade muito grande, mas tem que fazer, não tem jeito. (P8)

Ambas comentaram repetidas vezes estarem exaustas de batalhar por reconhecimento, por espaço, por condições para que realizassem atividades em igualdade com os homens. Nesse sentido, a fala de P8 é bastante representativa do teor das discussões que se deram no G2: mais do que explorar a própria subjetividade, o grupo se caracterizou por adotar posicionamentos de cunho político e social, sobretudo no que se refere ao feminino e à luta para ser uma mulher em todas as esferas da vida.

7.4.4 Busca por validação externa

Nos relatos das participantes, a busca por validação externa aparece de diversas maneiras: no esforço em ser validada por pessoas próximas, como amigos e familiares; no reconhecimento do seu trabalho pelos pares; e na tentativa de se abster da expectativa de aprovação dos outros.

Para P1, a legitimação que procura ter vem das pessoas próximas, sobretudo da família. A participante relatou que, apesar da dor e do sofrimento que sente ao ter que realizar atendimentos a pacientes e ser uma acadêmica em sua área de atuação, se mantém fazendo isso por experienciar outros ganhos:

Ser vista como mais capaz e mais qualificada têm sido o ganho que me faz continuar. Muito por mim, mas, também, diversas vezes, pelos outros, seja minha família ou colegas de profissão [...] Preciso fazer isso para assumir este lugar, para ter o orgulho do meu pai, para ter o orgulho da minha mãe.
(P1)

Eu acho que o mínimo que se alcança eu já consegui, mas, na minha cabeça, ainda não é um mínimo, sabe? Porque existem fatores, existem pessoas específicas que não validam isso, então invalida todo o resto. (P1)

Esses excertos demonstram que a participante experiencia algum tipo de prejuízo quando busca pela validação do outro em suas conquistas profissionais. Não é esse o caso de P8, que parece ter uma relação de menor sofrimento quando se trata de reconhecimento. A participante relatou que procura pela aprovação de seus alunos, uma vez que isso significa, para ela, confiança em seu trabalho, o que a ajuda a crer que age da maneira certa, embora sofra questionamentos sobre sua metodologia de trabalho vindas de seus pares, sobretudo, de colegas do gênero masculino.

É um processo de ambos os lados, o meu e o processo do aluno, porque ele também me ajuda a entender que ele confia no meu trabalho. Ele está ali, ele confia no meu trabalho, então os alunos que querem esse imediatismo não ficam, porque eles acham que eu não tenho um trabalho bom. (P8)

A validação pelo ensino formal também apareceu durante os encontros e foi encarada de diferentes formas por P2 e P6. Para a segunda, a falta disso incorre em desconforto:

Olha com o que trabalho, né?, também não tem diploma. Isso me pesa bastante, não ter conseguido diploma. (P6)

P2, por outro lado, tem outro discurso: para ela, a busca por ratificação acadêmica não implicaria em desacreditar de si mesma e de sua capacidade de execução

[...] acho que não vá atingir minha subjetividade [cursar um mestrado] [...] Porque eu experimentei outras coisas, porque eu entendi que aquele espaço ali é limitado por si mesmo, Então, eu não vou operar grandes modificações no mundo através da, da academia. Mas, enfim, se, eventualmente, eu precisar da validação dela, eu sentir que é o momento de eu buscar isso, eu vou buscar de uma forma mais leve, talvez, enfim, pelo menos, pretensamente mais leve, né? Não passei pelo processo ainda, então não posso dizer que assim será. (P2)

Nota-se que a procura por ser validada profissionalmente apareceu de acordo com as experiências de cada uma. Mesmo P8, que afirmou que a busca por reconhecimento aparenta ser integrada e funcional, acaba misturando a aceitação externa com o autoconceito. Isso fica aparente em seu relato:

Eu preciso da aprovação, mas não precisa. Só que é difícil desprender isso da gente, de, tipo, essa coisa, principalmente, a família pega mais, a família não aprova, mas, é, eles são pessoas, fizeram parte, mas eu não sou eles. Assim, eu sou o que eu sou e é isso aí. Só que é muito fácil a gente falar, mas é difícil por em prática isso, sabe? Assim, por isso que eu falei que é um processo de desprendimento, de 'eu tenho que entender que reconhecimento a gente não tem, a gente tem que fazer pela gente'. (P8)

Após analisar as falas das participantes e a disposição das subcategorias, fica nítido que os quatro grupos temáticos estão interconectados. Ao que parece, as

dificuldades impostas pelo meio – ou pela sociedade, sobretudo aquelas ligadas ao machismo e ao racismo, temas preponderantes nos relatos citados – podem ser ligadas ao autoconceito deficitário e a uma busca por validação externa, que funcionaria para mostrar, tanto para si mesmas quanto para os que as cercam, seus atributos e qualificações condicionantes para o exercício de suas profissões.

Nesse sentido, a realização pessoal também parece ter conexão com as demais categorias, uma vez que, na ânsia de se mostrarem capazes de grandes feitos, essas mulheres podem abdicar de desejos pessoais, como se pode notar no discurso de P1, ao se questionar se vale a pena se submeter a tudo o que faz em troca de um suposto sucesso.

Por fim, embora as categorias existam para uma melhor compreensão das motivações de cada participante e dos dois grupos formados para a pesquisa como um todo, é importante salientar que nenhum comportamento se deve exclusivamente a um motivo, mas faz parte de um complexo sistema que engloba diferentes esferas da experiência do que é viver.

7.5 Símbolos do que é ser mulher hoje

No último encontro de cada grupo, uma atividade foi organizada para que as integrantes listassem, individualmente, um ou mais símbolos que representassem, a partir de sua perspectiva e das leituras de Clarice Lispector, a mulher hoje. Em seguida, juntas, elas deveriam construir uma frase que simbolizasse esse ser mulher contemporânea, utilizando como base as leituras e discussões realizadas durante os três encontros. O quadro a seguir traz as informações do que foi relatado pelas quatro participantes. Embora os grupos fossem compostos, no total, por oito mulheres, apenas duas de cada um estiveram presentes no último encontro.

GRUPOS	PARTICIPANTES	NOÇÕES E SÍMBOLOS	FRASES
G1	P1	Mulher é quem enfrenta	"Ser mulher é encontrar forças para mudar, seja por enfrentamento do externo, seja pela mudança de si mesma."
		Coragem	
		Pluralidade	
		Direito de existir	
	P2	Lua	
Ciclos			
G2	P6	Empoderamento	"Se você não tem consciência, seu empoderamento é dispensável."
		Sororidade	
		Canseira	
		Empatia	

	P8	Consciência de classe
		Revolta
		Capitalismo

Quadro 1 – Noções e símbolos* citados em atividade do último encontro

Uma das participantes (P1), disse que pretendia buscar imagens no *Google*, mas se deparou com um estudo acadêmico sobre o que mulheres em sua área de pesquisa enfrentam e optou por citar que “mulher é quem enfrenta e quem tem coragem”. Ela relatou ter pensado sobre a pluralidade, uma vez que não conseguiu conceber uma só forma de ser mulher. Citou Mariele Franco, por sua luta pelos direitos das mulheres na política, e fez menção a sua avó, que nunca trabalhou fora, sempre cuidou do lar e dos filhos e, para poder se casar, teve que fugir de casa. Também citou uma frase: “direito de existir”, seja quais forem as escolhas de vida que façam. P1 ainda conectou suas próprias escolhas, uma vez que, para ela, as lutas das mulheres devem ser por todos os direitos – seja o de ocupar espaços públicos, seja o de ser dona de casa em tempo integral – e para que isso se dê, devem agir com coragem e estarem dispostas a enfrentar dificuldades impostas a elas pelo simples fato de serem mulheres.

Ainda no G1, P2, já no início da atividade, trouxe à discussão, a imagem dos ciclos lunares:

Quando eu penso nas fases da Lua, é aquela ideia de nascendo, se sentindo plena e morrendo. Acho que, de alguma forma, a gente, como mulher, a gente se permite mais isso, sabe? A gente, a gente é aberta, mais aberta para mudança, mais aberta para o debate, enfim. [...] Eu fico com essa sensação: ser mulher, a gente permeia mais pelo que tá acontecendo, então fico com a palavra de ciclos e com essa imagem assim, das fases da Lua, uma completando e se reiniciando. (P2)

As noções trazidas por P6 eram carregadas de conotação negativa: empoderamento, para ela, traria uma ideia de que mulheres, já muito cansadas pelas demandas a elas impostas, são obrigadas a se empoderar e conquistar aquilo que desejam e que consideram necessário; sororidade foi outro termo citado pela participante, no sentido de precisar ter empatia com outras mulheres. A empatia também foi citada em relação aos homens.

Se empodere, tenha mais empatia, depende só de você. Porra, cara, aí a gente volta para isso, não tem caminho para mim, mas eu tenho que depender só de mim agora, porque tenho que me empoderar, não posso depender de um homem. Imagina, não vou querer um casamento, só se for uma mulher,

mas eu também não quero depender de ninguém, mas você não vai ter caminhos, mas se empodere...
(P6)

O cansaço foi algo que P6 trouxe durante todos os encontros. Ela relatava estar exausta de ter que fazer tudo e não poder contar com quase ninguém, além de sentir desânimo para enfrentar todas as dificuldades – ainda que dissesse saber que há importância em não aceitar as coisas como são e entender ser necessário buscar mudanças. Nessa atividade, a canseira surgiu como um símbolo da mulher atual, de acordo com a participante.

P6 expressou suas experiências pessoais, relatadas durante os encontros do G2, nos quais problemáticas sociais permearam o debate mais do que no caso de G1. No G2, foram frequentes temas como o capitalismo e o neoliberalismo enquanto ferramentas para a exclusão das mulheres da vida pública e a manutenção delas em lugares de menor importância em relação aos homens. Essa linha de pensamento foi encabeçada por P8, que trouxe as seguintes palavras: “capitalismo e consciência de classe”.

Durante o debate entre P6 e P8, a primeira não concordou que o capitalismo seria o único motivo por trás dos impactos negativos sofridos pela mulher em sociedade, ainda que tenha alguma influência sobre isso. P8, por sua vez, insistiu nessa vertente da discussão até o fim do encontro. A participante ainda trouxe um terceiro sentimento: revolta. Para ela, a revolta seria como a raiva ou o cansaço, citado por P6, e funcionaria como um mecanismo para lidar com o fato de que homens bilionários subjagam todos os outros, incluindo as mulheres.

A diferença no modo como G1 e G2 olharam para as noções e as experiências das mulheres no mundo se observa nas frases construídas por cada um. As integrantes do primeiro, ao escreverem: “Ser mulher é encontrar forças para mudar, seja por enfrentamento do externo, seja pela mudança de si mesma”, demonstraram uma consciência de limitações impostas pelo meio, que devem ser questionadas. Entretanto, para elas, as mudanças também devem ser internas. Aparecem os símbolos de ciclo lunar, assim como o direito de existir, a coragem e a pluralidade. O grupo trouxe um tom mais intimista. No G2, a frase “Se você não tem consciência, seu empoderamento é dispensável”, junto à consciência de classe, à sororidade e ao capitalismo, traz uma ideia mais conectada ao conhecimento da situação da

sociedade, e não necessariamente a uma consciência psicológica. A atuação, portanto, parece ser mais na esfera externa do que na transformação interna.

8 DISCUSSÃO

Tendo em vista o objetivo geral da pesquisa – analisar a compreensão por mulheres de hoje às colunas femininas escritas por Clarice Lispector mediante uma abordagem em grupo vivencial de leitura – cabe tecer algumas considerações analíticas sobre as repercussões da recepção dos textos escolhidos e do trabalho em grupo vivencial com as participantes.

No que se refere aos efeitos do grupo vivencial, pode-se observar que a leitura e a discussão dos textos contribuíram para que as participantes refletissem sobre as próprias experiências de vida. Por vezes, elas se defrontaram com reflexões menos usuais, como quando tiveram que pensar sobre suas noções de beleza e sobre o quanto isso está de acordo com o que sentem a respeito de si mesmas. Esses resultados apontaram para o que defende Parisi (2009) quando assevera que o trabalho em grupos vivenciais pode auxiliar as participantes a pensarem sobre determinado assunto, utilizando as próprias experiências como geradoras de novas percepções – e está de acordo também com as conclusões de Alvarez *et. al* (2018) em pesquisa com mulheres em privação de liberdade na qual encontros de leitura e discussão contribuíram para a reflexão das participantes sobre suas próprias histórias.

No G1, as participantes compartilharam impressões mais conectadas com suas vivências e *insights*. Em contrapartida, no G2, os relatos, ainda que envolvessem experiências próprias, focaram o aspecto social. A identificação em nível pessoal com os conteúdos abordados nos textos – e o conseqüente compartilhamento de histórias íntimas – contribuiu para o desenvolvimento da relação vincular mais forte entre as participantes do G1, conforme defende Freitas (2005) sobre os objetivos do grupo vivencial.

A partir do engajamento do G1, supõe-se que, embora sejam indicados processos de médio prazo em grupos vivenciais (MUSSI, 2018), três encontros – o que configura um processo curto, não observado nos trabalhos consultados – podem ser suficientes para mobilizar afetos e ponderações que possuem potencial para direcionar a mudanças. Para tanto, é relevante salientar a importância dos textos lidos e debatidos durante as atividades dos grupos.

As colunas trabalhadas trouxeram às participantes evocações pessoais, sobretudo em um dos grupos, no qual as voluntárias relataram imaginar ouvir muitos dos conselhos de Clarice vindos de suas mães, tias ou avós e, por vezes,

reproduzirem determinadas posturas defendidas pela escritora nos anos 1950, como priorizar o parceiro e silenciar em situações incômodas. Algum grau de identificação, no entanto, não impediu que elas reconhecessem que Clarice tinha opiniões coincidentes com o tradicionalismo da época em relação aos comportamentos das mulheres, principalmente quando observados do ponto de vista dos anos 2020.

A dicotomia *persona-sombra* transparece em alguns discursos, ao expressarem como se adaptam aos papéis esperados socialmente, o que reprimem como *sombra* – as características que, muitas vezes, entendem como inaceitáveis pelos outros – e o que as magoa ou contraria, por exemplo.

8.1 “A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever”¹³

“O Dever da Faceirice” trouxe relatos sobre terem sido tocadas de modo muito pessoal. Os relatos mostram que, embora elas entendam que hoje não caiba mais exigir que mulheres se arrumem para os homens, elas se reconhecem com essas expectativas na construção de uma *persona*. Uma das participantes, única negra, relatou notar que existe uma hiperssexualização dos corpos negros, que exige maior acentuação dos atributos físicos para agradar aos homens do que o que acontece com mulheres brancas.

Ao se depararem com essas exigências externas, seja por parte de pessoas de seu convívio ou da mídia, que veicula para a grande massa padrões a serem seguidos, alguns relatos apontaram na direção de criar uma *persona* que corresponda ao esperado pela sociedade, Tal atitude é tomada mesmo que gere incômodo ou leve a questionamentos sobre ser algo próprio ou *introjeção* a partir do contato com o mundo externo. Esse incômodo, em uma compreensão psicológica, de acordo com Jung (1956/2013i) e Marlan (2019), remete à unilaterização da própria existência, em que conteúdos que correspondem à personalidade mais ampla são lançados à *sombra*, reduzindo o indivíduo a apenas uma fração do que poderia ser.

Polly Young-Eisendrath (1997) acrescenta à constituição da *persona* a função das *introjeções*, que ocorrem em uma sociedade patriarcal. A *introjeção* surgiria do fato do gênero ser uma construção social que tem como padrão, em muitas sociedades, a valorização do homem e a desvalorização da mulher. Por isso,

¹³ Excerto da coluna “O Dever da Faceirice” (LISPECTOR, 2006a, p. 15).

determinados aspectos da personalidade esperada e papéis sociais atribuídos a cada um estariam relacionados à importância que têm dentro da estrutura social. Quando se trata do Ocidente, valoriza-se uma atitude ligada à autonomia, à socialização e à racionalidade, ao passo que se desvaloriza o cuidado com o outro, o trabalho doméstico e a expressão de sentimentos. Nesse contexto, a primeira postura seria atribuída aos homens e a segunda, às mulheres. Mais do que isso, homens seriam valorizados pelo primeiro tipo de comportamento, e as mulheres seriam valorizadas pelo segundo.

Ainda hoje, descreve a autora, embora as mulheres sejam estimuladas a se desenvolverem intelectualmente, conquistando uma carreira e ocupando espaços fora do ambiente doméstico, veem seu valor atrelado a aspectos estéticos e não a suas conquistas em outros campos. Desse modo, as mulheres tendem a se enxergar como problemáticas ou defeituosas quando não se encaixam nos estereótipos de beleza ou quando priorizam suas carreiras ou racionalidade, por exemplo.

De acordo com Neumann (2000), uma sociedade precisa se desenvolver no sentido de uma diferenciação. Ele descreve a cultura patriarcal como aquela que valoriza o masculino e o homem em detrimento do feminino e da mulher, mantendo a estrutura de poder inalterada. A partir da bissexualidade existente na fase urobórica, diferenciam-se identidades psicológicas que têm polos em todas as culturas. Na cultura patriarcal exagerada, como, por exemplo, a ocidental, o masculino e o homem são representantes da consciência dominante, o que é tido como natural. A mulher, por outro lado, corre o risco de não se desenvolver plenamente, introjetando sentimentos de dependência do homem e da figura paterna que a aprisiona. Segundo Neumann, ela necessita se libertar dessas introjeções, refazer o vínculo primário materno e desenvolver a masculinidade interna.

Schaverien (2019) prossegue essa reflexão e aponta que, quando se distinguem os gêneros e a atribuição de maior valor diz respeito à racionalidade e ao masculino, a mulher e as funções a ela atribuídas ficam menosprezadas. Haveria um desenvolvimento mais confiante do homem, enquanto o da mulher seria permeado por abuso, rejeição, menosprezo, o que pode levá-la a sentir dificuldades emocionais que inviabilizam, inclusive, seus potenciais individuais. Por vezes, crescer nesse tipo de ambiente – que, ainda que não seja o da família de origem, é o da sociedade em que se está inserida – conduz a uma busca por validação externa por meio de seus atributos físicos e/ou de cuidado ao próximo, que pode, em última instância, levar a

condições emocionais como a baixa autoestima. Isso porque, ao tentar condicionar-se a uma persona adaptada, partes fundamentais de si são relegadas à sombra, sendo esquecidas ou ignoradas (MARLAN, 2019) e, assim, a autopercepção pode se tornar turva.

Nos grupos vivenciais, isso apareceu em diversos discursos, como quando as participantes comentaram sobre não se sentirem bonitas por muitos anos, até começarem a se aceitar como são, ou quando relatavam lidar com baixa autoestima por não se encaixarem em padrões pré-determinados pela sociedade em relação a seus corpos, modo de se vestir e até mesmo de expressar suas opiniões e habilidades em ambientes sociais. No entanto, quando foram solicitadas a refletir sobre o que entendem por beleza, suas respostas, em geral, não se referiram a tipos de corpos (gordos ou magros, bem definidos ou flácido), cores de cabelo ou de pele ou estilos de vestimenta. A maioria trouxe um tom de aceitação das próprias características, de se sentir bem, de ser feliz e de cuidar da saúde física e mental, denotando a forte influência de expectativas e de introjeção de padrões estéticos que, quando retirados, trazem sentimento de autoaceitação.

8.2 “Quem poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?”¹⁴

Numa sociedade em que mulheres são valorizadas por seus cuidados consigo e com o outro e não por sua inteligência e por suas conquistas intelectuais, esportivas e afins, o papel tido como natural é permeado pela preocupação em ser a melhor versão de si para o outro, sem priorizar seus desejos e potencialidades, silenciando e ocupando espaços que já lhe são dados. De acordo com Young-Eisendrath (1997), muitas vezes, quando exigem reconhecimento por seus feitos considerados racionais ou intelectuais, as mulheres podem ser interpretadas como agressivas ou masculinas. Seriam vistas também como emocionais demais, uma vez que apresentariam comportamentos exacerbados na busca por um lugar, pretensamente, ao qual não pertenceriam.

A persona requerida transparece nos relatos sobre trabalho, por exemplo, quando disseram precisar vestir determinadas roupas para se sentirem ou, de fato,

¹⁴ Excerto da coluna “A Irmã de Shakespeare” (LISPECTOR, 2006b, p. 125).

serem vistas pelos outros como profissionais – trajes sociais, maquiagem, salto alto, por exemplo, seriam peças que lhes dariam um ar de seriedade. Entretanto, ao assumirem posturas de firmeza, são, não raro, vistas como hostis ou arrogantes, o que, na descrição clássica da psicologia analítica, é, de maneira recorrente e indiscriminada, entendido como possessão pelo animus.

Emma Jung (1967/2020), defende que muitas das características comumente atribuídas ao animus podem ser assimiladas pelas mulheres, ou seja, podem funcionar em harmonia com o feminino e sua personalidade externalizada, sem que isso necessariamente signifique que elas estariam tomadas por um masculino inconsciente. Atualizando a tese da autora, Liliana Wahba (2016) afirma que, ao se desenvolver intelectual e profissionalmente e ao lançar ao mundo suas habilidades racionais, a mulher estaria tomando consciência de determinados atributos, que, se negados e mantidos na inconsciência, conduziriam à citada possessão. Portanto, uma mulher que, por exemplo, se posiciona com firmeza pode estar externalizando uma característica própria que, em alguma medida, encontrou ou busca espaço em sua constituição psíquica.

A partir dessa perspectiva, outro tema discutido pelos grupos também pode ser compreendido. Diz respeito às oportunidades oferecidas a mulheres e homens. A realidade de Judith, personagem fictícia da história de Virginia Woolf, retratada no terceiro texto de Clarice trabalhado nas dinâmicas, “A Irmã de Shakespeare”, foi transposta para as vivências das participantes. Assuntos como as oportunidades dadas a mulheres brancas e negras, e decisões que, muitas vezes, são vistas socialmente como antinaturais, como a escolha por não ser mãe, emergiram. As participantes comentaram ainda sobre as artistas mulheres que não tiveram possibilidade de se desenvolver nessa área e não fazem parte do cânone, como Judith, que não pode seguir os passos de Shakespeare. Esse discurso encontrado nos grupos exemplifica o que as autoras defendem: as mulheres foram e são silenciadas, invalidadas e as experiências às quais são submetidas em nada se devem a falta de capacidade ou de preparo para ocupar espaços em iguais condições.

Na psicologia analítica, pós-junguianos discutem a noção de essencialismo, ampliando o que se entende por feminilidade e masculinidade e atribuições de características fixas a homens e mulheres. Tal visão corresponde a uma ideia de que características femininas e masculinas são, de certo modo, pré-determinadas, como aponta Rowland (2002) ao dissertar sobre a construção teórica de Jung, que

caracterizou o feminino como erótico e irracional e o masculino como lógico e racional. No entanto, conforme defende Young-Eisendrath (1997), Neumann (2000) e Schaverien (2003), entre outras autoras e autores da psicologia analítica, se o gênero é uma construção social e a bissexualidade psíquica existe originalmente, mantém-se como polaridade, a relação consciente-inconsciente, e busca-se, com o processo de individuação, ao longo da vida, diminuir a distância entre ambos para conciliar os dois polos. Sendo assim, não é possível postular a existência de comportamentos antinaturais nem para homens, nem para mulheres.

8.3 “Bem se pode ver a diferença entre o humor masculino e feminino”¹⁵

O texto lido e discutido no segundo encontro, “Espírito”, foi analisado pelas participantes do ponto de vista da piada e do humor de homens e de mulheres. Um primeiro tema importante que surgiu das discussões foi a visão do grupo de que homens tendem a fazer piadas com grupos minoritários e não seriam capazes de rir de si mesmos, sobretudo quando a piada vem de uma mulher ou de outra pessoa de grupo também considerado menos privilegiado que o seu. As mulheres, por outro lado, conseguiriam rir de si mesmas. Essas observações condizem com o que defende Tannen (2007), sobre o humor. Segundo a autora, homens tendem a fazer piadas a partir da posição de quem é privilegiado pela normatividade cultural, ao passo que o fazer rir feminino questiona a estrutura que as marginaliza.

A ideia de Tannen de que o humor feito por mulheres serve para questionar e alterar a estrutura vigente pode ser observada em diversos relatos das participantes. Quando notaram, por exemplo, o tom de crítica e de ironia por parte de Clarice para demonstrar o teor agressivo do comportamento do marido retratado no texto. Nessa ocasião, comentaram que Clarice estaria tentando militar, de modo a formar um grupo de mulheres esclarecidas sobre o assunto, uma vez que, sozinha, não seria capaz de promover transformações significativas.

Ao flertar com a ironia, Clarice escreveu em “O Dever da Faceirice”, lido no primeiro encontro, que era “cansativo e tolo” (LISPECTOR, 2006a, p. 15) ter que se produzir de modo a seduzir o homem para mantê-lo interessado, deixando nas entrelinhas que a mulher possuiria capacidade para fazer mais do que trivialidades

¹⁵ Excerto da coluna “Espírito” (LISPECTOR, 2008b, p. 31).

(ALMEIDA, 2015). A partir dos relatos, portanto, pode-se fazer um paralelo também com uma atuação tricksteriana da escritora em suas colunas femininas.

Houve, ainda, identificação com o humor e a ironia de Clarice. Uma das participantes disse fazer piadas com homens, chegando a afirmar que esse é seu “*hobby*”, como se causar desconforto em seus pares do sexo masculino fosse algo divertido para ela. Conforme relata, isso se deveria ao fato de que eles não entendem as brincadeiras e costumam ficar incomodados ou ignorar os significados das entrelinhas. As piadas, segundo seus relatos, diriam respeito a pautas feministas e exposição de situações que lhe são impostas por ser mulher, como a necessidade de ser mãe em tempo integral. Esse humor estaria voltado à contestação de imperativos da persona socialmente validada que repercutem em formações sombrias repressivas, inibindo potencialidades.

8.4 “Precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo?”¹⁶

Durante o encontro que tratou de relacionamentos amorosos e de constituição familiar, todas as participantes afirmaram ter feito parte de relacionamentos que classificaram como abusivos ou não saudáveis. Ou seja, relacionamentos nos quais sentiram que sofreram agressão psicológica ou física. Sobre ficar em segundo plano e a necessidade de atender aos desejos do parceiro em detrimento dos próprios, elas se referiram a situações entendidas como de abuso emocional, com constrangimentos e humilhações sentidos como danosos. Vivenciar abuso emocional, segundo Andrezza Machado e Lélío Lourenço (2017), causa prejuízo emocional, baixa autoestima e influencia negativamente o pleno desenvolvimento da mulher. Um exemplo desse sentimento é o relato de uma das participantes cujo namorado costumava marcar encontros e não comparecer. Essa espera fazia com que se sentisse preterida e constrangida em situações sociais, sobretudo quando envolvia outras pessoas.

Também foram relatados relacionamentos que resultaram em riscos físicos à mulher. Um deles culminou, inclusive, em medida restritiva. Schaverien (2003) postula que a violência do homem contra a mulher seria uma passagem ao ato de algo que diria respeito ao seu mundo interno. Para a autora, o homem culparia a mulher por lhe

¹⁶ Excerto da coluna “O Dever da Faceirice” (LISPECTOR, 2006a, p.15).

fazer experienciar afetos intensos e, tomado pela alma fora de controle, recorrerá à agressão.

Estados internos personificados pela alma no homem são projetados na mulher, ou seja, aspectos do mundo interior dele são transferidos para ela. Ele passa a não precisar lidar com conteúdos incômodos que são seus, já que, projetados no outro, se tornam exteriores a si (JUNG, 1921/2013h). Ainda hoje, é socialmente aceita, a ideia de que o descontrole é dela e não dele e, por isso, a agressão seria deflagrada pela mulher. Assim, a projeção da alma pode ser mascarada por uma construção social que valida o descontrole do homem.

Por outro lado, a mulher nessa situação projeta o animus. De acordo com Emma Jung (1967/2020), quando o estado anímico é primitivo nela, é representado pela força física. Impedida de perceber os próprios pontos positivos e força – porque não coincidiriam com o estereótipo de mulher internalizado a partir de suas vivências –, ela projetaria essas características em uma figura masculina que encarna esses atributos. Se ela se sente fraca e vulnerável, tem dificuldade em assumir o poder e a assertividade, ficando, por vezes, sujeita à brutalidade do outro.

Propõe-se que, nesse contexto de desvalorização do feminino, o processo de individuação da mulher fica comprometido, tendo em vista que, muitas vezes, ela se vê presa a padrões que a restringem enquanto indivíduo. Assim, sua constituição psíquica, fortemente influenciada pelo meio que a cerca, pode limitar a possibilidade de autoconhecimento e de autossatisfação. Ela se veria, portanto, projetando aspectos seus e introjetando o que se espera dela em uma cultura patriarcal, conforme descreve Neumann (2000), criando-se, assim, um círculo vicioso que lhe impediria de viver o mais plenamente possível.

Stein (2020) esclarece que o processo de individuação abrange aquilo que foi reprimido e desconhecido, integrando projeções. Para Jung (1928/2015, par. 266, grifo do autor), implicar-se no processo de individuação “significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos nosso próprio si-mesmo*”.

No processo de autoconhecimento, é necessário entrar em contato com aspectos da sombra, que não dizem respeito às convenções sociais e, por isso mesmo, estão apartados da consciência. Quando tais conteúdos são acessados, podem ser, de certo modo, integrados à consciência e a pessoa se torna menos

unilateral, o que permite que aspectos antes tidos como opostos, como o feminino e o masculino, possam ser vivenciados mutuamente como parte de um todo psíquico (JUNG, 1946/2016).

Ao se tratar de anima e animus, as fantasias internas se somam às relações estabelecidas na vida. A retirada de projeções ocorre em meio à relação com o outro, deixando de se relacionar com quem se acredita que o outro é e se abrindo para o que ele, de fato, se mostra ser. Quando isso acontece, a relação se dá de forma mais consciente.

Nesse sentido, pode-se fazer um paralelo com relatos das participantes na direção de validarem suas relações – sejam elas boas ou ruins – no que se refere ao autoconhecimento. Segundo alguns de seus discursos, somente após viverem relações amorosas e refletirem sobre essas vivências, notaram que o que acreditavam encontrar no outro se tratava, principalmente, de aspectos presentes nelas mesmas, até então, não reconhecidos. Tomar consciência disso exige tempo e disponibilidade emocional e ocorre de modos diferentes em cada indivíduo.

Alguns relatos apontam para um entendimento parcial das projeções manifestadas, havendo ainda um despreparo para novas relações em que essas projeções estejam ausentes. Outros, assinalam a possibilidade de que, apesar de terem vivido relações problemáticas em algum momento, também tiveram, ao longo de suas vidas, relações consideradas saudáveis. Houve relatos que se referiam ao fato de terem sido influenciadas positivamente por familiares, de modo a conseguirem sair de relações tóxicas e a estabelecerem novos vínculos, mais positivos. Outros retratavam o oposto: quando romperam com padrões familiares que as mantinham em relações ruins, puderam construir outras melhores, nas quais não se sentiam agredidas ou invalidadas.

Quanto às participantes que expuseram a experiência de novos relacionamentos em que não se sentiam agredidas, o fato de conectarem isso à superação de padrões familiares ou ao suporte familiar que tiveram ao longo da vida pode ser compreendido a partir do conceito de complexos parentais. Verena Kast (1997) explicita que os complexos são desencadeados pela fusão de uma expectativa e de situações potencialmente traumáticas que têm como núcleo uma temática essencial à existência. Uma situação que enseja uma resposta do complexo – e não da consciência – pode ser vista como algo que sempre ocorrerá em condições semelhantes.

A autora escreve sobre os complexos parentais – ligados às vivências com pai e mãe e com o materno e o paterno arquetípicos. A esse respeito, cabe fazer um paralelo com os relatos das participantes. Tanto uma relação com a figura materna que tenha sido sustentadora, quanto com uma permeada pela sensação de abandono; ou, com o pai, uma relação que tenha sido estimuladora ou outra, inibidora, geram modos de enfrentamento de situações futuras que serão mais (ou menos) adaptadas.

É possível, a partir desse ponto de vista, conjecturar que algumas das participantes se estruturariam ao redor desses complexos. As participantes que relataram ter tido que superar padrões familiares para conseguir estabelecer vínculos amorosos saudáveis após um relacionamento violento estariam expressando, provavelmente, uma carga transgeracional. Cabe ainda ressaltar que complexos familiares podem ter sido ativados em outras áreas de suas vidas, como a do desenvolvimento profissional. Um relato, especialmente, chamou a atenção por trazer a ideia de que a participante buscava conquistar espaços profissionais com o intuito de orgulhar os pais, sobretudo o pai, o que parece estar atrelada a um complexo parental, especialmente o paterno.

Pode-se dizer que os depoimentos das participantes durante os encontros dos grupos vivenciais de leitura envolveram, grosso modo, duas direções. De um lado, conotaram aspectos subjetivos, relacionamentos individuais e familiares. Trouxeram conteúdos relativos à autoaceitação, à autoestima e a padrões familiares. De outro, mostraram o exercício de papéis e a influência de expectativas sociais relativas a gênero com decorrentes introjeções de uma cultura patriarcal, contribuindo para a prevalência da persona e diminuição de autoestima.

Quanto aos encontros dos grupos vivenciais, parece que a possibilidade de refletir sobre os temas propostos a partir das leituras contribuiu para fornecer parâmetros de entendimento de conteúdos internos e sua relação com o âmbito social que podem auxiliar na construção de novas perspectivas acerca de si.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados pela pesquisa responderam aos objetivos propostos, que visavam averiguar o entendimento e a reflexão das participantes sobre a relação da mulher com o corpo e a beleza, o relacionamento amoroso, a constituição familiar e o trabalho. Foi possível também analisar a compreensão das participantes sobre as colunas femininas escritas por Clarice Lispector selecionadas para leitura no presente estudo.

O trabalho em grupos vivenciais proporcionou um ambiente no qual as participantes se mostraram abertas a dividir as próprias experiências e pensamentos – incluindo *insights*. Acolheram e fortaleceram também as outras participantes quando ouvintes de suas histórias, o que indica que os encontros possibilitaram a criação de vínculos que, durante o processo desenvolvido, parecem ter facilitado o acesso a conteúdos potencialmente difíceis.

Destaca-se que, embora pesquisas anteriores sustentem a necessidade de um processo de médio prazo para que mudanças se façam possíveis, um trabalho realizado em três encontros parece ter contribuído para evocar sentimentos e percepções a respeito de comportamentos enraizados e de concepções diferenciadas acerca de si por parte das participantes. No entanto, tendo em vista limitações da pesquisa – tanto em número de participantes, de sessões e pela falta de um *follow-up* após os grupos vivenciais – não se fez possível avaliar o que foi assimilado do trabalho após o fim das atividades. Novos estudos são indicados no sentido da avaliação desta metodologia aplicada em trabalhos de médio e longo prazo.

A leitura e discussão dos textos no início de cada encontro parece ter auxiliado o compartilhamento de conteúdos sensíveis, já que, desse modo, foi possível que as participantes emitissem suas opiniões, primeiramente, como uma espécie de observadoras para, em seguida, tratarem de experiências próprias a partir dos textos e das discussões grupais. A leitura teria possibilitado uma receptividade de modo gradativo, pouco invasiva, abrindo acesso a conteúdos da subjetividade relevantes para a compreensão de si e do outro.

No que concerne às temáticas abordadas durante os encontros, foi notável a prevalência de relatos que deram conta de experiências com relacionamentos agressivos, violentos ou considerados não saudáveis: todas as participantes presentes no encontro sobre relacionamentos amorosos e constituição familiar

contaram ter vivido, em algum momento, um relacionamento desse tipo. Compreende-se, no entanto, que, por se tratar de um estudo qualitativo, com poucas participantes e em seleção de conveniência, de modo a avaliar com maior profundidade a experiência relatada são necessárias pesquisas específicas sobre o tema.

Também é notável a presença de relatos que sugerem dificuldades de inserção e de valorização da mulher no mercado de trabalho e a atribuição de valor ainda fortemente conectada com a condição física e estética da mulher.

As dificuldades relatadas pelas participantes apontam para dois fatores: um subjetivo, que diz respeito às experiências individuais; e outro, atrelado à condição social de ser mulher em uma sociedade pautada no patriarcado. Aberturas e limitações experimentadas no mundo externo, sobretudo ligadas às experiências familiares e apreendidas por meio das diversas mídias, foram observadas pelas participantes, influenciando seu senso de individualidade.

Para futuras pesquisas, sugere-se a aplicação da metodologia com grupos formados por mais participantes e com processo mais longo. Uma metodologia que inclua uma entrevista de acompanhamento após decorrido algum tempo do fim do trabalho com os grupos vivenciais também pode ser importante para acompanhar os desdobramentos das reflexões propostas.

Por fim, ainda que a pesquisa tenha suas limitações, é passível de aplicação em contextos sociais, tais como grupos de leitura e alguns clubes do livro, que, munidos de ferramentas para o trabalho com a subjetividade, podem utilizar-se do potencial criativo da literatura para auxiliar as pessoas a trabalharem conteúdos de suas vidas individuais e em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Antunes de. **Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector**. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras. Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Caxias do Sul, 2015.
- ALVAREZ, Pilar.; GARCÍA-CARRIÓN, Rocío; PUIGVERT, Lúdia; PULIDO, Cristina; SCHUBERT, Tinka. Beyond the Walls: The Social Reintegration of Prisoners Through The Dialogic Reading of Classic Universal Literature in Prison. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 1043-1061, 2018. DOI: <https://doi-org.ez95.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0306624X16672864>. Disponível em: <https://journals-sagepub-com.ez95.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1177/0306624X16672864>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- ALVES, Lúdia Maria Nazaré. Masculino e feminino: uma construção social. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO DA FACIG, 1, 2015, Manhauçu. **Anais eletrônicos...** Manhauçu: FACIG, n. p., 2015. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/viewFile/254/229>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo, vol. 2: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. [Original publicado em 1949]
- BUENO, Jayme Ferreira; SANTANA, Ramon Ferreira. O enfoque feminista de Virginia Woolf e Clarice Lispector: relações possíveis. **Bagoas**, Natal, n. 16, p. 352-375, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12525/8647>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel**. São Paulo: Summus, 2009.
- CASTILLEJO, Irene Claremont. **Knowing Woman: a feminine psychology**. Boston e Londres: Shambhala, 2015. [Original publicado em 1973]
- COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 08 jun. 2021.
- FERREIRA, Daniela Vitor. Clarice Lispector, universo feminino, jornalismo literário: crônicas que formam e informam. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 38, 2015. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, n.p., 2015. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3413-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

FERREIRA, Yvonélio Nery; CROZARA, Marília Simari. Outro lugar para a mulher em Correio feminino, de Clarice Lispector. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 84, p. 40-46, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v45i84.15384>. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15384/pdf_1. Acesso em: 19 jan. 2021

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra mulheres em 2021**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FREITAS, Laura Villares. Grupos vivenciais sob uma perspectiva Junguiana. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 45-69, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200004>. Acesso em: 01 mai. 2021.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil. In: FREUD, S. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obras Completas v. 16. [Original publicado em 1923]

GALLBACH, Marion Rauscher. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2014.

GRAY, Lisa M.; WONG-WYLIE, Gina; REMPEL, Gwen R.; COOK, Karen. Expanding qualitative research interviewing strategies: Zoom video communications. **The Qualitative Report**, v. 25, n. 5, p. 1292-1301, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4212>. Acesso em: 02 mai. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice Lispector: Jornalista-Escritora ou Escritora-Jornalista?. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 9, n. 15, p. 13-37, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Diego-Domingues-3/publication/337952052_Catarse_de_Memorias_Um_Dialogo_entre_Dom_Casmurro_e_Sao_Bernardo/links/5df7f5f9a6fdcc2837269070/Catarse-de-Memorias-Um-Dialogo-entre-Dom-Casmurro-e-Sao-Bernardo.pdf#page=13. Acesso em: 24 jan. 2021.

GUIMARÃES, Fabrício Lemos; DINIZ, Glaucia Ribeiro Starling; ANGELIM, Fábio Pereira. “Mas Ele Diz Que Me Ama...”: Duplo-Vínculo e Nomeação da Violência Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, p. 1-10, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3346>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/q9Tcf79ydXdLRTxw8GHkCvF/?lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2021.

HELEN Palmer em Correio Feminino, 2013. 8 vídeos (85 min.). Publicado pelo G1. Disponível em: <http://especial.g1.globo.com/fantastico/correio-feminino/>. Acesso em: 04/10/2020.

HILLMAN, James. **Anima**. São Paulo: Cultrix, 2020. [Original publicado em 1985]

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Campos, 2019.

IBGE. Estatísticas de Registro Civil 2019. **Estatísticas de Registro Civil**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 1-8, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2019_v46_informativo.pdf. Acesso em 01 mai. 2021.

JOSIOWICZ, Alejandra J. Livros e filhos: políticas de gênero e imaginação sociocultural da infância nas colunas de Clarice Lispector. **Journal of Lusophone Studies**. Davis, v. 4, n. 2, p. 138-158, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21471/jls.v4i2.339>. Disponível em: <https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/339/360>. Acesso em: 04 out. 2020

JOSIOWICZ, Alejandra. A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952 – 1973. **História, Ciência, Saúde**. Manguinhos, v. 27, n. 1, p. 53-69, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702020000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v27n1/0104-5970-hcsm-27-01-0053.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

JUNG, Carl Gustav. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. In: JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Obras Completas v. 15. Petrópolis: Vozes, 2013a. [Original publicado em 1922]

JUNG, Carl Gustav. O problema amoroso do estudante. In: JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Obras Completas v. 10/3. Petrópolis: Vozes, 2013b. [Original publicado em 1928]

JUNG, Carl Gustav. Sizígia: anima e animus. In: JUNG, Carl Gustav. **Aion**. Obras Completas v. 9/2. Petrópolis: Vozes, 2013c. [Original publicado em 1951]

JUNG, Carl Gustav. A mulher na Europa. In: JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Obras Completas v. 10/3. Petrópolis: Vozes, 2013d. [Original publicado em 1927]

JUNG, Carl Gustav. Instinto e Inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Obras Completas v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013e. [Original publicado em 1919]

JUNG, Carl Gustav. A estrutura da alma. In: JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Obras Completas v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013f. [Original publicado em 1928]

JUNG, Carl Gustav. O casamento como relacionamento psíquico. In: JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Obras Completas v. 17. Petrópolis: Vozes, 2013g. [Original publicado em 1925]

JUNG, Carl Gustav. Definições. In: JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas v. 6. Petrópolis: Vozes, 2013h. [Original publicado em 1921]

JUNG, Carl Gustav. Os conceitos básicos da teoria da libido. In: JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica**. Obras Completas v. 8/1. Petrópolis: Vozes, 2013i. [Original publicado em 1956]

JUNG, Carl Gustav. A psicologia da figura do “trickster”. In: JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014a. [Original publicado em 1954]

JUNG, Carl Gustav. Aspectos psicológicos do arquétipo materno. In: JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014b. [Original publicado em 1950]

JUNG, Carl Gustav. Aspectos psicológicos da Core. In: JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014c. [1941]

JUNG, Carl Gustav. A função do inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Obras Completas v. 7/2. Petrópolis: Vozes, 2015. [Original publicado em 1928]

JUNG, Carl Gustav. A psicologia da transferência. In: JUNG, Carl Gustav. **Abreação, análise dos sonhos e transferência**. Obras Completas v 16/2. Petrópolis: Vozes, 2016. [Original publicado em 1946]

JUNG, Emma. Uma contribuição ao problema do animus. JUNG, E. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2020.

KAST, Verena. **Pais e filhas, mães e filhos**: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KAYE, Randy. Noivo admitiu ter matado influencer norte-americana Gabby Petito, diz FBI. **CNN**, On-line, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/noivo-admitiu-ter-matado-influencer-norte-americana-gabby-petito-diz-fbi/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

LISPECTOR, Clarice. O dever da faceirice. LISPECTOR, Clarice. **Correio feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2006a, p. 15.

LISPECTOR, Clarice. A irmã de Shakespeare. In: LISPECTOR, Clarice. **Correio feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2006b, p. 125.

LISPECTOR, Clarice. **Só para mulheres**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2008a.

LISPECTOR, Clarice. Espírito. In: LISPECTOR, Clarice. **Só para mulheres**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2008b, p. 31.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Benjamin Moser (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MACHADO, Andrezza Souza Martinez; LOURENÇO, Lélío Moura. Violência entre parceiros íntimos: articuladores de enfrentamento e ajuda. **Aletheia**, Canoas, v. 50, n. 1-2, p. 71-82, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v50n1-2/v50n1-2a07.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.

MARANHÃO, Mirian T.; TORRES, Mirtes V. O Dever da Faceirice: Reflexões Psicanalíticas sobre o Feminino nos Processos Comunicativos. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 38, n. 1, p. 127-152, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v38n1p127-152>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/5384/5162>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MARLAN, Stanton. Encarando a sombra. In: STEIN, M. **Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MARTINS, Ana Luiza.; LUCA, Tania Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MÉNDEZ, Mariela E. “Aulinhas de sedução” [Small lessons on seduction]. **Angelaki**, Reino Unido, v. 22, n. 1, p. 197-206, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/0969725X.2017.1286004>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/0969725X.2017.1286004>. Acesso em: 04 out. 2020.

MITUTI JUNIOR, Ricardo; SASS, Simeão Donizeti; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. A ressignificação da deficiência pela literatura: os impactos do Laboratório de Humanidades em mães de pessoas com deficiência. **Interface**, Botucatu, v. 25, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200106>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2021.v25/e200106/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MORET, Ronald Tavares Leão; SANTANA, Maria Valquíria Barbosa. Biblioterapia: a leitura e a palavra no empoderamento feminino. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 89-94, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/49173/30157>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MUSSI, Vicente. Baron. **Grupos vivenciais de sonhos na psicologia analítica como processo ritual e performance**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

NASCIMENTO, Cristina de Oliveira do; NININ, Maria Otília Guimarães. Avaliatividade em Clarice Lispector: discutindo a obra “Só para mulheres. Conselhos, receitas e segredos” na perspectiva da linguística sistêmico-funcional. **Linguagens & Cidadania**, Santa Maria, v. 18, n. p., 2016. DOI:

<https://doi.org/10.5902/1516849225585>. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/m/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

NEIVA, Renata Maria de. Beleza põe mesa: a educação das mulheres brasileiras pela coluna Correio Feminino: Feira de Utilidades do jornal Correio da Manhã (1959-1961). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Anpuh, 2015, n.p. Disponível em:
http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438646496_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUH.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

NEUMANN, Erich. **O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006a.

NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector: jornalista feminina. In: LISPECTOR, C. **Correio feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2006b.

NUNES, Aparecida Maria. Sempre mulher através dos tempos In: LISPECTOR, C. **Só para mulheres**. Aparecida Maria Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

NUNES, Aparecida Maria. O jornalismo feminino de Clarice Lispector: em busca do inesperado e da desordem. **Journal of Lusophone Studies**, Stanford, v 4, n. 2, p. 15-36, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.21471/jls.v4i2.333>. Disponível em:
<https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/333/354>. Acesso em: 19 jan. 2021.

NUNES, Aparecida Maria. Falas entrecruzadas, o viés feminista na produção midiática de Clarice Lispector. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 149-174, 2019b. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-7>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/50668>. Acesso em: 24 jan. 2021.

OLIVEIRA, Juliana Sabrina Perez de. Nas entrelinhas das colunas femininas de Clarice Lispector: a palavra como bússola do humano. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

PANORAMA com Clarice Lispector, 2013. 1 vídeo (28 min.). Publicado pela TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 25 ago. 2022.

PARISI, Silvana. **Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica**. 2009. 272 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREZ, Juliana Sabrina; SIQUEIRA, Ailton. Jornalismo e literatura nas colunas femininas de Clarice Lispector. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA

COMUNICAÇÃO. 38, 2015. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, n.p., 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0605-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012a, pp. 467-512.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, C. B; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012b, pp. 513-543.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 607-639.

PORTAL G1 ES. Vídeo mostra polonês agredindo a ex-mulher dentro de elevador de prédio no ES. **G1**, On-line, 06 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/04/06/video-mostra-polones-agredindo-a-ex-mulher-dentro-de-elevador-de-predio-em-vitoria.ghtml>. Acesso em: 01 mai. 2022.

ROMANYSHYN, Robert D. **The wounded researcher: research with soul in mind**. Londres e Nova York: Routledge, 2021.

ROWLAND, Susan. **Jung: a feminist revision**. Cambridge: Polity, 2002.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANDRONI, Tânia. **A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector**. 2018. 218 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018a.

SANDRONI, Tânia. Uma leitura de “Enfermeirinhas Espertas”, crônica de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 34, p. 131-144, 2018b. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i34.145782>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/145782/149682>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SANDRONI, Tânia. A transgressão do discurso hegemônico da imprensa feminina nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector. **Revista FronteiraZ**. São Paulo, n. 23, p. 74-83, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p74-87>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/43284/30516>. Acesso em: 04 out. 2020.

SANDRONI, Tânia. A subversão do estereótipo feminino nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector, publicadas no jornal Comício. In:

ENCONTROS CLARICIANOS “COMO UMA FLOR(A) É FEITA”, 2019, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: PPGLetras – UFC, p. 45-57, 2019b. Disponível em: <https://ppgletras.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/anais-ec-2019.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SANTOS, Jéssica Caroline dos. **Grupos vivenciais de sonhos na psicologia analítica como método de trabalho em saúde mental**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SANTOS, José Carlos dos; SOPELSA, Kaoana. Papéis de gênero e seus imaginários por Clarice Lispector na imprensa de 1959-1960. **Nupem**. Campo Mourão, v. 10, n. 21, p. 77-92, 2018. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i21.418>. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/418/341>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SANTOS, Saulo Nunes. **O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação**. 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2017.

SCHAVERIEN, Joy. The psychological feminine and contrasexuality in analytical psychology. In: WITHERS, R. **Controversies in Analytical Psychology**. Hove e Nova York: Brunner-Routledge, 2003.

SCHAVERIEN, Joy. Gênero e sexualidade: encontros imaginais e eróticos. In: STEIN, M. **Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SILVA, Daniela Vitor Ferreira. Clarice Lispector e o universo das crônicas: linguagem e versão do olhar feminino. 2017. 60 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SILVA, Leonardo da; FARIAS, Priscila Fabiane. A literatura de mulheres negras como direito humano: reflexões sobre o desenvolvimento da consciência crítica no contexto de um projeto de extensão para mulheres em privação de liberdade. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, v. 60, n. 1, p. 126-139, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318139561811520210310>. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/tla/a/SSpCNwmCLvRbMVZYYhrsQ3n/?lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SOARES, Maria Isolina de. Aspectos da Clarice Jornalista. **FronteiraZ**. São Paulo, n. 24, p. 182-198, 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p182-198>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/43436/32408>. Acesso em: 04 out. 2020.

SOF. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: https://mulheresnapanemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

SOPELSA Kaoana; SANTOS, José Carlos. História da Educação nas relações de gênero no Brasil pela imprensa de 1959, 1960: Clarice Lispector e pseudônimos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 13, 2015, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá: UEM, p. 1-13. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_02/50.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOPELSA, Kaoana. **A genealogia das relações de gênero no Brasil através dos discursos das colunas de Clarice Lispector em 1959 e em 1960**. 2017. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Comunicação, Educação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

SOPELSA, Kaoana. A resistência de escrita lispectoriana nas colunas femininas brasileiras, de meados do século XX. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-MS. 14, 2018, Dourados. **Anais eletrônicos...** Dourados: ANPUH, n. p. Disponível em: http://www.encontro2018.ms.anpuh.org/resources/anais/9/1541037005_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-KAO-REVISADO.pdf. Acesso em: 23 jan. 2021.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2020.

TACEY, David John. **Remaking men**: Jung, spirituality and social change. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

TANNEN, Ricki Stefanie. **The female trickster**: the mask that reveals. Londres e Nova York: Routledge, 2007.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. (In)felicidade na publicidade e a crença do “ser feliz”: colunas femininas de Clarice Lispector. **Pontos de Interrogação**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 97-124, 2016. DOI: <http://10.30620/p.i.v6i1.3227>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/3227>. Acesso em: 24 jan. 2021.

VIEIRA, Cirlei Garcia Andrade. **Clarice Lispector nas colunas femininas: do batom ao infinito**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

VIEIRA, Julia Rodrigues. O conceito de família feliz nas crônicas de colunas femininas de Clarice Lispector. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 270-294, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5684/3617>. Acesso em: 24 jan. 2021.

WAHBA, Liliana Liviano. Snow White took a bite of the poisoned apple... but what about today?. **The Journal of Analytical Psychology**, Londres, v. 61, n. 2, p. 255-262, 2016.

YALOM, Irving D.; LESZCZ, Modyn. **The theory and practice of group psychotherapy**. Nova York: Basic Books, 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

YOUNG-EISENDRATH, Polly. **Hags and Heroes**: a feminist approach to Jungian psychotherapy with couples. Toronto: Inner City Books, 1984.

ZINKIN, Louis. The group's search for wholeness: a Jungian perspective. **Group**, v. 13, n. 3 & 4, p. 252-264, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF01473155>. Acesso em: 13 jun. 2021.

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico e Questionário Leitor

Olá!

Obrigada pelo interesse por esta pesquisa. Eu, Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos, estudante do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba, convido você a participar do estudo “A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: Uma perspectiva da Psicologia Analítica”.

As questões abaixo têm por objetivo recolher informações de perfil sociodemográfico e perfil leitor para seleção de participantes no trabalho citado. Para isso, os critérios adotados para seleção dizem respeito a gênero, idade e faixa de renda mensal domiciliar. Outras questões dizem respeito à caracterização de participantes.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, ela foi aprovada e está em consonância com as regras estabelecidas por um Comitê de Ética em Pesquisa. Fica, portanto, garantido que suas respostas somente serão utilizadas para fins científicos e que sua identidade será mantida em sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão disponíveis na Biblioteca Central Nadir Gouvêa Kfourri, da PUC-SP, após a defesa da dissertação. Você poderá consultá-la acessando o link da referida biblioteca no site www.pucsp.br e preencher o campo de busca com o nome da pesquisadora.

Antes de acessar o questionário, você deve indicar se está de acordo com as informações acima e aceita participar da pesquisa.

aceito participar não aceito participar

1) Qual o seu gênero?

Feminino Masculino Outro

2) Qual a sua idade?

menos de 18 anos 19 a 24 anos 25 a 30 anos 31 a 35 anos

36 a 40 anos 41 anos ou mais

3) Qual a sua escolaridade?

Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo

Ensino Técnico Especialização Mestrado Doutorado

4) Qual a faixa de renda mensal em que você se enquadra? (considerar a renda de todas as pessoas que habitam sua casa)

Até 1 salário-mínimo 1 a 2 salários-mínimos

2 a 3 salários-mínimos 3 a 5 salários-mínimos

() 5 a 10 salários-mínimos () Acima de 10 salários-mínimos

5) Qual a sua ocupação atual? _____

6) Qual o seu estado civil?

() Solteira () Casada () União estável () Separada () Viúva

7) Você tem filhas e/ou filhos? () Sim () Não.

Se sim, quantos? _____

8) Qual(is) tipo(s) de escrito(s) de Clarice Lispector você já leu?

() Nenhum () Romances () Contos () Crônicas () Colunas Femininas

() Correspondências () Outros. Qual(is)? _____

Você tem interesse em participar de um grupo de mulheres que se reunirão em três encontros semanais a serem realizados via Zoom com intuito de conversar sobre as colunas femininas de Clarice Lispector? () Sim () Não
[questionário é encerrado para quem responde “Não”]

Insira seus dados de contato (eles serão utilizados pela pesquisadora para comunicar que você corresponde ao perfil procurado para a pesquisa e explicar os procedimentos seguintes para participação nos grupos).

Nome: _____

Whatsapp (com DDD): () _____ - _____

E-mail: _____

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos, estudante do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, estou desenvolvendo o trabalho intitulado “A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: Uma perspectiva da Psicologia Analítica”, orientado pela Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba. Venho convidá-la a participar da pesquisa que tem por objetivo compreender a recepção das colunas femininas escritas por Clarice Lispector entre 1952 e 1961 por mulheres hoje, mediante uma abordagem em grupos vivenciais.

Sua participação é importante a fim de produzir conhecimento em uma área da inserção da mulher na sociedade atual e tem potencial de gerar benefícios a outras pessoas. Para tanto, os resultados gerais serão divulgados em meios acadêmico-científicos, resguardando as identidades das participantes.

Para os grupos serão selecionadas participantes mulheres com idades entre 25 e 35 anos que tenham concluído o Ensino Médio. Ocorrerão três encontros semanais com o grupo. Os encontros terão duração de duas horas cada. Nesses encontros, as participantes entrarão em contato com textos das colunas femininas escritas por Clarice Lispector e refletirão em grupo sobre seus conteúdos. É necessário que a participante tenha acesso à internet e um local em que seja possível se acomodar com privacidade e sem interrupções.

Tais procedimentos são de baixo risco às participantes, mas estarei atenta a eventuais desconfortos que possam necessitar intervenção e encaminhamento para serviço de psicoterapia.

A participação é voluntária e não haverá qualquer compensação financeira ou benefício direto por participarem da pesquisa,

Os encontros do grupo serão realizados por meio da plataforma de videoconferência Zoom, serão gravados em áudio e vídeo e transcritos. As participantes que não se sentirem à vontade podem optar por manter sua câmera fechada. O material gravado deverá ser armazenado por 5 anos, servirá exclusivamente para análise dos dados e não será divulgado. O sigilo em relação à identidade e privacidade das participantes ficam garantidos por este termo. A recusa ou desistência em participar da pesquisa a qualquer momento não implicará em quaisquer prejuízos à participante.

Os encontros poderão ser agendados pelo telefone da pesquisadora abaixo especificado.

A pesquisadora coloca-se à disposição, a partir da defesa da dissertação para informar os resultados obtidos. A dissertação ficará disponível na Biblioteca Central da PUC-SP Nadir Gouvêa Kfourri.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-SP. O comitê é o órgão responsável por revisar, fiscalizar e verificar que a presente pesquisa se enquadra nos

parâmetros éticos necessários prezando pelos interesses dos participantes em sua integridade e dignidade.

Quaisquer dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderão ser dirigidas ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, situado no seguinte endereço: Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo, SP – CEP 05015-001 – Edifício Reitor Bandeira de Mello, andar térreo, sala 63-C – Tel.: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br.

Consentimento pós-informado

Eu, _____, declaro:

- Haver compreendido os objetivos e modalidade da pesquisa “A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: Uma perspectiva da Psicologia Analítica”
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento sem consequências para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio e vídeo dos procedimentos, que deverão ser mantidos por 5 anos, com a garantia de acesso restrito à pesquisadora;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo da minha identidade.

Assinatura da participante

Telefone:

Pesquisadora Responsável: Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos

CPF:

Telefone:

Assinatura da pesquisadora responsável

São Paulo, ____ de _____ de 2021.

ANEXO A – Transcrição da coluna “O Dever da Faceirice”, lida no 1º encontro¹⁷

Algumas mulheres, felizmente poucas, relegam a faceirice a um plano secundário, explicando esse desinteresse como “superioridade intelectual”. Nada mais falso. A mulher moderna sabe que, apesar da evolução das ciências e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atrativo que encontra na mulher é a sua aparência física. Julgar que porque casou com ele está dispensada de seduzi-lo é outro grave erro. O homem é volúvel. Sua busca da “mulher ideal” é apenas a forma romântica com que encobre essa volubilidade, e geralmente envelhece sem descobrir realmente o que quer da mulher. Só sabe que a quer. Sempre bonita e renovada, se possível.

Um rosto bonito, uma figura elegante sempre exercem grande poder sobre eles. A mulher que ama a um deles tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?

Se seu marido está acostumado a vê-la despenteada, em chinelas, de roupa desleixada, sem pintura, aos poucos ele irá esquecendo a figurinha bonita que o atraiu antes, quando você só lhe aparecia enfeitada e perfumada. Começará a perguntar a si mesmo o que existe em você, afinal, de interessante... e a resposta é perigosa, minha cara! Por outro lado, a rua está fervilhando de mulheres bonitas, mais bonitas porque têm a atração do desconhecido e do proibido. Nenhum homem, numa hora dessas, tem imaginação bastante para ver, sob as carinhas de boneca encontradas na rua a mesma figura de mulher em chinelas, despenteada e malcuidada que ele deixou em casa.

Renan, com grande sabedoria, já dizia: “A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever; ela pratica uma arte, arte delicada, que é mesmo, até certo ponto, a mais encantadora das artes.”

A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam esse dever primordial para a conquista do homem. Afinal, podemos pensar deles o que quisermos, mas precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo? Façamos, portanto, por conquistá-los.

¹⁷ (LISPECTOR, 2006a, p. 15).

ANEXO B – Transcrição da coluna “Espírito”, lida no 2º encontro¹⁸

As mulheres são menos espirituosas do que os homens? É verdade que as mulheres são ótimas artistas no palco. Existe mesmo uma grande quantidade delas que obtiveram estrondosos êxitos. Não raramente se especializam no campo da comicidade. Por exemplo, para cada Fanny Brice ou Gracie Allen, podemos citar uma dúzia de comédicos os mais engraçados tais como Bob Hope, Jack Benny, Milton Berle, Lou Costello, Ed Wynn, Jimmi Durante e por aí vai.

Mesmo em questões de histórias humorísticas e anedotas, os homens tem a primazia além de apreciarem o humorismo em geral, muito mais do que as mulheres. A prova é que todos os escritores de piadas são homens. Há qualquer espírito no humor dos homens que provoca a hilaridade. A mulher, em geral, procura manter sua dignidade e de acordo com um famoso psicólogo americano, podem rir-se das outras, mas muito raramente provocam deliberadamente o riso.

Os homens também leem muito mais sobre este gênero de coisas do que suas companheiras.

Conta-se até um caso que terminou com desquite do casal. A queixa da esposa foi de que cada vez que preparava o almoço para o marido e quebrava um ovo, este achava uma graça enorme em obriga-la a comê-lo. Até que certa manhã o hábito foi muito longe e a pobre teve que engolir cinco, passando então a não achar graça nenhuma. Bem se pode ver a diferença entre o humor masculino e feminino.

¹⁸ (LISPECTOR, 2008b, p. 31).

ANEXO C – Transcrição da coluna “A Irmã de Shakespeare”, lida no 3º encontro¹⁹

Uma escritora inglesa – Virginia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio de seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: frequentara escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio, além de todos os outros princípios de cultura; em menino, caçara coelhos, perambulava pelas vizinhanças, espiara bem o que queria espiar, armazenando infância; como rapazinho, foi obrigado a casar um pouco apressado; essa ligeira leviandade deu-lhe vontade de escapar – e ei-lo a caminho de Londres, em busca da sorte. Como tem sido bastante provado, ele tinha gosto por teatro. Começou por empregar-se como “olheiro” de cavalos, na porta de um teatro, depois imiscui-se entre os atores, conseguiu ser um deles, frequentou o mundo, aguçou suas palavras em contato com as ruas e o povo, teve acesso ao palácio da rainha, terminou sendo Shakespeare.

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais intervinham: mandavam-na cerzir meias ou vigiar o assado. Não por maldade: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas – foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. “Quem”, diz Virginia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?”

E assim acaba a história que não existiu.

¹⁹ (LISPECTOR, 2006b, p. 125).